

JAQUELINE MONIQUE MARINHO DA SILVA

**O DISCURSO MIDIÁTICO DOS JOGOS PARALÍMPICOS NO CADERNO DE
ESPORTES DO JORNAL O GLOBO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S586d
2018
Silva, Jaqueline Monique Marinho da, 1991-
O discurso midiático dos Jogos Paralímpicos no caderno de
esportes do jornal o Globo / Jaqueline Monique Marinho da
Silva. – Viçosa, MG, 2018.
xvi, 101 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Eveline Torres Pereira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 81-98.

1. Paralimpíadas - Cobertura jornalística.
2. O Globo (Jornal).
3. Atletas paralímpicos. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. II. Título.

CDD 22. ed. 796.0456

JAQUELINE MONIQUE MARINHO DA SILVA

**O DISCURSO MIDIÁTICO DOS JOGOS PARALÍMPICOS NO CADERNO DE
ESPORTES DO JORNAL O GLOBO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

APROVADA 12 de novembro de 2018



Maria Carmen Aires Gomes



Daniela Silva dos Santos



Eveline Torres Pereira
(Orientadora)

Dedico este trabalho à minha querida vó Achirmirma Albuquerque (in memoriam) e a TODOS aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão de mais um ciclo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de contar um pouco da trajetória percorrida até chegar ao encerramento desse ciclo em minha vida. Ao final da graduação, muitas dúvidas, sobre o futuro, pairavam em minha cabeça. A meta era fazer mestrado e por isso me dediquei integralmente a realização desse sonho.

Dificuldades, existem e sempre existirão, se fizeram presentes nessa trajetória, algumas difíceis de encarar, mas foram situações que trouxeram aprendizados. Foi preciso deixar o conforto de casa, o colo de mãe e recomeçar em um lugar rodeada de pessoas desconhecidas e com uma cultura, totalmente, diferente da qual estava habituada.

Seria impossível sair de uma cidade a mais 4000 km de Viçosa sem Fé e sem apoio dos meus familiares e amigos. Por esta razão, agradeço, primeiramente, à Deus por me abençoar com momentos e pessoas tão incríveis em minha trajetória.

À minha querida e amada mãe, Eugênia Marinho, sem o seu apoio, força, carinho, amor e dedicação jamais teria chegado a lugar algum. Principalmente, porque além de ter me ensinado as maiores lições da vida, compreendeu a minha ausência e sempre me motivou a acreditar nos meus sonhos.

Ao meu pai, João Martins, pelo apoio, auxílio e conversas.

À Ruth Lobo, Francisco Lobo, Fátima Albuquerque, Luiz Henrique, Leonardo Lobo e Dennis Lobo que sempre acreditaram e me apoiaram nessa "loucura" que foi embarcar em um lugar desconhecido.

Às minhas queridas amigas e primeiras orientadoras Lionela Corrêa, Minerva Amorim e Romina Michiles, que foram essenciais ao meu interesse e paixão pela educação física adaptada e responsáveis por me fazer acreditar que poderia ir além do que imaginava.

À Débora Duarte que, sem nunca ter me visto e com o seu generoso coração, me apresentou Viçosa e durante todo o processo me deu forças para prosseguir nessa empreitada, mesmo sendo taxada por muitos como "radical e boba" demais.

À Fanny Condé, pois no primeiro momento não imaginei que criaríamos laços tão fortes de amizade e companheirismo e que nos tornaríamos, mais

que amigas, irmãs. Sua amizade tornou as adversidades mais leves, obrigada por me permitir compartilhar com você essa trajetória.

À Elenice Sousa, pois é difícil resumir em palavras a nossa amizade tão verdadeira, tão íntima, tão carregada de momentos únicos, dos mais engraçados aos mais tristes; em muitas vezes senti que nos conhecíamos de outras vidas.

À Mary Mar Isidoro, amiga, parceira e companheira que esteve ao meu lado nos momentos mais distintos e em todos se mostrou bastante paciente e compreensiva, seu amor e carinho me apresentaram outra versão de mim.

Aos queridos amigos manauaras, Sandra Ramos, Juliana Cruz, Adriana Oliveira, Marisa Pessoa, Lucas Nascimento e Jaqueline Lima, que sempre que podiam me atualizava a respeito de minha cidade natal e vez ou outra visitavam e cuidavam da minha mãe enquanto eu estava longe.

À Mayara Carneiro, pela paciência, auxílio e troca de ideias fundamentais para a compreensão da pesquisa e, principalmente, do que se tratava o ATLAS.ti.

Aos amigos, Luiz Carlos, Adriana de Jesus e Pedro Lopes, que Viçosa me presenteou.

À LUVÉ futsal feminino, à Atlético de Educação Física e ao DELLA'S Futebol Clube por terem sido essenciais à minha adaptação à cidade.

À equipe e alunos do Programa de Atividade Física Adaptada (PROAFA), em especial, à Elisa Almeida e à Raquel Garcia, por me proporcionarem momentos memoráveis e por me permitirem aprender e compartilhar conhecimentos.

À prof^a. Caroline Fernandes, querida coorientadora, que me incentivou, auxiliou e colaborou de forma inestimável.

À prof^a. Eveline Torres, pelos ensinamentos, contribuições, “puxões de orelha” e pela oportunidade de poder me desenvolver, mais do que em habilidades acadêmicas, como pessoa.

À prof^a. Maria Carmen e à prof^a. Doiara Santos, por contribuírem imensamente para a melhoria deste trabalho.

Ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo subsídio financeiro à realização da pesquisa.

“Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender”.

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
LISTA DE QUADROS	xi
LISTA DE TABELAS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xiii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xvi
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 OBJETIVOS.....	6
2.1 Objetivo geral.....	6
2.2 Objetivos específicos	6
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
3.1 A evolução do esporte paralímpico.....	7
3.2 O desenvolvimento do esporte paralímpico no brasil	20
3.3 A divulgação midiática dos Jogos Paralímpicos	30
3.4 A divulgação midiática dos Jogos Paralímpicos no mundo	32
3.5 A divulgação dos Jogos Paralímpicos no Brasil.....	34
4 MATERIAL E MÉTODOS	37
4.1 Caracterização do estudo	37
4.2 Etapas da pesquisa	37
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
5.1 Caracterização das reportagens	54
5.2 A divulgação dos Jogos Paralímpicos e Atletas Paralímpicos	60
6 CONCLUSÃO	78
7 REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A – Tabela com informações dos artigos selecionados na primeira etapa da pesquisa.....	99
APÊNDICE B – Quadro de terminologias encontradas nas reportagens analisadas.....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro símbolo paralímpico	14
Figura 2 – Estrutura geral do IPC	16
Figura 3 – Símbolo <i>Agitos</i>	18
Figura 4 – Associações e Confederações filiadas e reconhecidas pelo CPB..	28
Figura 5 – Desenho das etapas da pesquisa.....	38
Figura 6 – Fluxograma de análise da etapa de revisão bibliográfica	39
Figura 7 – Agrupamento de famílias após reorganização.....	48
Figura 8 – Rede de visualização da família de análise Esporte Paralímpico fornecida pelo software ATLAS.ti 7.5.18.....	49
Figura 9 – Rede de visualização da família de análise Supercrip fornecida pelo software ATLAS.ti 7.5.18	50
Figura 10 – Exemplo de coocorrência entre duas famílias de códigos atribuídos a uma fonte fornecido pelo software ATLAS.ti 7.5.18	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de participantes, equipes e modalidades esportivas dos Jogos de Stoke Mandeville (1948-1959).....	11
Gráfico 2 – Frequência das famílias de códigos estabelecidas na primeira codificação organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18	47
Gráfico 3 – Frequência de citações das famílias de códigos eleitas para análise organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18.....	48
Gráfico 4 – Frequência e temas das ilustrações veiculadas no Caderno de Esportes do jornal O Globo (2012-2016) sobre os Jogos Paralímpicos	55
Gráfico 5 – Número de citações dos termos deficiência física, visual e intelectual nas reportagens do Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os Jogos Paralímpicos.....	57
Gráfico 6 – Número de participantes em todas as edições dos Jogos Paralímpicos (1960-2016).....	58
Gráfico 7 – Percentual de recursos financeiros recebidas pelo CPB nos anos de 2012 e 2016 separadas por verbas provenientes da Lei Agnelo Piva e de outras fontes	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das páginas sobre os JP nos cadernos do jornal O Globo publicadas nos anos de 2012 a 2016.....	41
Quadro 2 – Distribuição das reportagens com base nos conteúdos organizados pelo software ATLAS.ti 7.5.18.....	55
Quadro 3 – Distribuição dos atletas com maior número de menções no Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os Jogos Paralímpicos publicadas nos anos de 2012-2016.	59
Quadro 4 – Frequência de citações das modalidades paralímpicas nas reportagens sobre os Jogos Paralímpicos no Caderno de Esportes do jornal O Globo.	60
Quadro 5 – Frequência de citações das famílias de análise e seus códigos por ano organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18.	61
Quadro 6 – Investidores do esporte olímpico e paralímpico brasileiro.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Desempenho do Brasil nos Jogos Paralímpicos (1972-2016). .	25
Tabela 2 – Distribuição do número de páginas veiculadas no caderno de esportes do jornal O Globo publicadas nos anos de 2012 a 2016.....	44
Tabela 3 – Distribuição do número de páginas do caderno de esportes do jornal O Globo após verificação de páginas repetidas e/ou com conteúdo similar a outras edições.	45
Tabela 4 – Distribuição do número de reportagens publicadas por mês e anos de análise no Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os JP no ano de 2012 a 2016.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDC	Associação Brasileira de Desporto para Cegos
ABDEM	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais
ABDF	Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Físicos
ABRADECAR	Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas
ANDE	Associação Nacional de Desporto para Deficientes
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos para Surdos
CBDV	Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CF	Classificação Funcional
CISS	Comitê Internacional de Esporte para Surdos
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONI	Comitê Olímpico Italiano
CORDE	Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
CP-ISRA	Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais
CPSP	Clube dos Paraplégicos de São Paulo
CTPB	Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro
IBSA	Federação Internacional de Esporte para Cegos
ICC	Comitê Coordenador Internacional de Organizações Esportivas para Deficientes
INAIL	Instituto Nacional Italiano de Seguros Contra Acidentes no Trabalho
INAS	Associação Internacional de Esporte para Pessoas com Deficiência Intelectual
IPC	Comitê Internacional Paralímpico
ISMGF	Federação dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville
ISOD	Organização Internacional de Esporte para Deficientes
JISM	Jogos Internacionais de Stoke Mandeville
JO	Jogos Olímpicos
JP	Jogos Paralímpicos
JSM	Jogos de Stoke Mandeville
SEED	Secretaria de Educação Física e Desportos
COB	Comitê Olímpico do Brasil
ABP	Academia Paralímpica Brasileira
ABDA	Associação Brasileira de Desporto para Amputados
ONU	Organização das Nações Unidas

RESUMO

SILVA, Jaqueline Monique Marinho da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, novembro de 2018. **O discurso midiático dos Jogos Paralímpicos no Caderno de Esportes do jornal o Globo**. Orientadora: Eveline Torres Pereira. Coorientadora: Carolina Fernandes da Silva.

A mídia pode representar no contexto social a capacidade de mudar conceitos, manter e/ou gerar novas concepções sobre um fenômeno já estabelecido. Nesse sentido, a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos, denota a tendência estereotipada de divulgação, de forma que os feitos esportivos dos atletas são colocados em segundo plano e suas histórias de vida transformadas em enredos de superação. Conhecer os discursos presentes na mídia, é uma forma de refletir a respeito de como os atletas e os Jogos Paralímpicos estão sendo retratados. Dessa forma, analisamos o Caderno de Esportes do jornal O Globo, a fim de caracterizar a cobertura e o discurso midiático presente no referido jornal. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter exploratória-descritiva com delineamento documental. Organizamos a metodologia em etapas. Na etapa 1, foi realizada uma revisão bibliográfica em base de dados de revistas científicas, de teses e de dissertações, além de livros e de revistas, publicados em língua portuguesa entre os anos de 2007 a 2017, a fim de conhecer o objeto de pesquisa: o discurso midiático dos JP. Também coletamos reportagens no acervo *online* do jornal O Globo, entre os dias 1º de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2016. Na etapa 2, as reportagens foram inseridas no *software* de análise qualitativa ATLAS.ti 7.5.18 para serem codificadas e selecionadas as categorias de análise (Esporte Paralímpico e *Supercrip*). Na etapa 3, as reportagens foram interpretadas no contexto da análise documental. Os resultados mostraram que notícias referentes aos Jogos Paralímpicos somaram 6,9% do total de reportagens publicadas no caderno de esportes do jornal analisado; dessas 44% estavam vinculadas aos meses em que ocorreram os Jogos Paralímpicos de Londres-2012 e do Rio-2016; 14% foram dispostas em página inteira; 31% mencionaram em seu título palavras que referenciavam ao contexto paralímpico; 58% tinham ilustrações (fotos, iconográficas) dos atletas e dos Jogos Paralímpicos; e 58% abordaram os Jogos Paralímpicos como tema primário. As modalidades atletismo e natação

apareceram com maior frequência (29%) nas reportagens. Daniel Dias (5,1%), Oscar Pistorius (4,4%) e Alan Fonteles (4%) foram os atletas que se destacaram e tiveram o maior número de menções nas reportagens. Quanto ao discurso midiático, percebe-se uma tendência de divulgação estereotipada e sensacionalista dos atletas, mas não de qualquer atleta, daqueles que destoaram dos demais por apresentarem deficiência aparentemente improváveis, realizarem feitos esportivos de alta *performance* e/ou por envolvimento em polêmicas. Perante os resultados da pesquisa, foi possível concluir que a mídia tem reforçado os estigmas sobre a deficiência.

ABSTRACT

SILVA, Jaqueline Monique Marinho da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, November, 2018. **The media speech of the Paralympic Games in the Sports Notebook of the newspaper O Globo.** Adviser: Eveline Torres Pereira. Co-adviser: Carolina Fernandes da Silva.

The media can represent in the social context the ability to change concepts, maintain and/or generate new conceptions about an already established phenomenon. In this sense, the media coverage of the Paralympic Games denotes the stereotyped trend of disclosure, so that athletes' sporting achievements are placed in the background and their life histories transformed into overcoming scenarios. Knowing the speeches present in the media is a way of reflecting on how athletes and Paralympic Games are being portrayed. Thus, we analyzed the Sports Notebook of the newspaper O Globo, in order to characterize the coverage and the media discourse present in the newspaper. Therefore, we conducted exploratory-descriptive research with a documentary design. We organize the methodology in stages. In step 1, a bibliographic review was performed in a database of scientific journals, theses, and dissertations, as well as books and journals, published in Portuguese between 2008 and 2018, in order to know the research object: the media discourse of JP. We also collect reports on the online collection of the newspaper O Globo, between January 1, 2012, and December 31, 2016. In stage 2, the reports were inserted in the qualitative analysis software ATLAS.ti 7.5.18 to be coded and selected the categories of analysis (Paralympic Sport and Supercrip). In stage 3, the reports were interpreted in the context of documentary analysis. In stage 3, the reports were interpreted in the context of documentary analysis. The results showed that news related to the Paralympic Games totaled 6.9% of the total of articles published in the sports book of the analyzed newspaper; of these 44% were linked to the months of the London-2012 and Rio-2016 Paralympic Games; 14% were arranged in full page; 31% mentioned in their title words that referred to the Paralympic context; 58% had illustrations (photos, iconographic) of athletes and Paralympic Games; and 58% addressed the Paralympic Games as the primary theme. The athletics and swimming modalities appeared more frequently (29%) in the reports. Daniel Dias (5.1%), Oscar Pistorius (4.4%) and Alan

Fonteles (4%) were the athletes who stood out and had the highest number of mentions in the reports. As for the media discourse, there is a tendency of stereotyped and sensationalistic disclosure of athletes, but not of any athlete, of those who dislike others because of their seemingly improbable deficiency, perform high-performance sporting events and/or involvement in the controversy. Given the results of the research, it was possible to conclude that the media has reinforced the stigmas on disability.

1 INTRODUÇÃO

O esporte, para pessoas com deficiência (esporte adaptado), surgiu como uma ferramenta alternativa no processo de reabilitação e reinserção de soldados que retornavam da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com alguma sequela física, cognitiva e/ou psicológica (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008). Esses indivíduos tiveram que lidar com uma nova condição de vida, historicamente marcada pelo estigma da incapacidade (CARDOSO, 2011; FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011).

A reabilitação tinha como objetivo minimizar as consequências causadas pela guerra (ARAÚJO, 1997). Nesse sentido, na cidade de Aylesbury, Inglaterra, foi inaugurado o Centro de Lesados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, que tinha como diretor o neurocirurgião Ludwig Guttman, considerado o precursor do esporte adaptado (COSTA; SOUSA, 2004). Ele e seus colaboradores inseriram a prática esportiva no programa de reabilitação, como forma de motivar os pacientes a prosseguirem com o tratamento e a melhorarem as suas condições físicas, psicológicas e sociais (GUTTMAN, 1967; DARCY; LEGG, 2016).

Entretanto, de acordo com Guttman (1967), as atividades esportivas encorajaram os pacientes a continuarem praticando esportes mesmo após a alta hospitalar, e esse fato somado à realização dos Jogos Olímpicos (JO) de 1948, na Inglaterra, lhe motivaram a organizar junto aos funcionários do hospital um evento esportivo entre os pacientes (CARDOSO, 2011). Posteriormente, foram se integrando ao evento pacientes de outros países com lesão medular.

Com a internacionalização do evento, novos sentidos e significados foram se incorporando ao esporte adaptado um teor competitivo (ARAÚJO, 2011; COSTA; SOUSA, 2004). Mas, apesar de competitivo, em seus primeiros anos, o esporte era desenvolvido de forma participativa, isso porque os atletas poderiam competir em mais de uma modalidade, e, ao que parece, a vitória não era o principal foco do evento e sim a interação entre os seus participantes (BARRETO, 2016; MIRANDA, 2011).

Entretanto, o quadro começou a mudar mediante o desejo dos organizadores do evento esportivo para pessoas com deficiência de

aproximá-lo em nível de organização e importância dos JO (ARAÚJO, 2011; BRITAIN; BEACOM, 2016). Com isso, o formato participativo deveria abrir espaço para o rendimento, pois no esporte olímpico a vitória e o reconhecimento esportivo são, ideologicamente, desejo dos atletas e das nações envolvidas (GALATTI, 2017). Para isso, são necessários: dedicação, preparação, busca pelo rendimento máximo e investimentos financeiros (MARQUES et al, 2009), nesse contexto, o esporte adaptado tem se moldado em direção à prática de alto rendimento (PARSONS; WINCKLER, 2012; MARQUES et al, 2009).

Nesse sentido, surgiu o esporte paralímpico, sendo hoje o principal meio de divulgação do esporte adaptado e tendo nos Jogos Paralímpicos (JP) seu principal evento em nível mundial (MARQUES et al, 2009; CASTRO, CAMPBELL, TAVARES, 2016). Esses Jogos foram, primeiramente, denominados de “Jogos Paraolímpicos”, em virtude da realização paralela aos JO e das modalidades disputadas serem adaptações das modalidades olímpicas, exceto a bocha e o *goalball*, que são exclusivamente modalidades paralímpicas (COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 1997; CARDOSO, 2011).

Na edição de Seul-1988, o evento foi oficialmente reconhecido como JP (PARSONS; WINCKLER, 2012) além disso, essa edição dos Jogos estabeleceu novas perspectivas para o evento paralímpico, em termos de organização e visibilidade, haja vista que, desde Seul-1988, os JP passaram a acontecer nas cidades sedes dos JO, dias após o seu término, também a utilizar as mesmas estruturas e instalações usadas no evento olímpico (ARAÚJO, 1997; MARQUES et al, 2009). Ainda, nessa edição, foram apresentados os símbolos paralímpicos, ressaltando as singularidades e particularidades do evento em relação aos JO.

A partir da edição de Barcelona-1992, houve um crescimento expressivo no número de atletas e de países participantes, assim como o interesse do público e dos meios de comunicação (COSTA; SOUSA, 2004; FERRAZ, 2006; MIRANDA, 2011). Os Jogos foram se tornando um evento grandioso em termos de participação de atletas e de visibilidade. Na edição de Sydney-2000, por exemplo, a audiência acumulada¹do evento somou 300

¹ É a soma de pessoas atingidas por uma programação num veículo, ou grupo de veículos publicitários (NEGÓCIOS GLOBO, 2018).

milhões (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2018a) e trinta e cinco emissoras de rádio e TV compraram os direitos de transmissão e 2400 jornalistas foram credenciados para cobrir o evento (MARQUES et al, 2015).

Nas edições de Atenas-2004 e Pequim-2008, os Jogos foram adquirindo características de megaevento esportivo (PARSONS; WINCKLER, 2012), devido à organização dos eventos nessas cidades não ter se retido apenas a modificar estruturas e instalações esportivas para os JP, mas também, por terem realizado ações com vistas a impactar na atitude das pessoas em relação questões da deficiência (BRITTAIN; BEACOM, 2016). Nos JP de Londres-2012, em razão do grande número de espectadores, da cobertura da mídia, da *performance* dos atletas, do número de patrocinadores e de ações em prol de mudanças de atitudes a fim de promover uma sociedade inclusiva² (GOLD; GOLD, 2007; IPC, 2018b), esses Jogos foram considerados um megaevento esportivo (IPC, 2018b).

Os megaeventos esportivos são eventos de grande escala em termos de público; mercado alvo; nível de envolvimento financeiro do setor público; construção de instalações e impacto sobre sistemas econômicos, sociais e políticos da comunidade anfitriã e são amplamente divulgados pelos meios de comunicação de massa (HALL, 2006; SOUZA; PAPPOUS, 2013; SOUZA et al, 2013).

Em termos de mídia, notícias acerca dos megaeventos esportivos podem ocupar, em sua maioria, a editoria de esportes, incumbindo ao jornalista esportivo a elaboração de conteúdos que transmitem informações, opiniões e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural (BORELLI, 2002; GURGEL, 2009).

Para Gurgel (2009) e Campos (2012), os megaeventos esportivos têm proporcionado desafios aos profissionais da mídia, em como noticiar o esporte sem descaracterizar os seus aspectos simbólico, cultural e social, pois, ao que parece, o jornalismo esportivo tem buscado o sentido do espetáculo, da identificação integrada com o show, com o profissionalismo e com o negócio.

² A inclusão é um conceito que se refere a inserção total e incondicional de pessoas com e sem deficiência em todos os setores da sociedade, com igualdade de condições e oportunidades (VIVARTA, 2003).

De acordo com Proni (1998) o esporte-espetáculo acontece quando a prática esportiva de alto rendimento é explorada pela mídia como um produto com fins comerciais (TUBINO, 1993; MARQUES, 2010). Nesse caso, a mídia se torna uma mediadora na compra e venda dos produtos que emergirão dos megaeventos esportivos (PRONI, 1998). Em contrapartida, para se manterem em consonância com os seus consumidores, terão que contemplar os principais objetivos dos veículos de comunicação que são: o entretenimento e a audiência (ROCCO JÚNIOR; SANTOS, 2017).

Tubino (1993) e Betti (2002) argumentam que a espetacularização do esporte pode descaracterizá-lo, dado que seus conteúdos para se tornarem notícia têm preenchido alguns critérios, como a trivialização, a banalização, a “falação esportiva”, a qual informa e atualiza, conta histórias, cria expectativas, faz previsões, cria polêmicas e constrói rivalidades, elege ídolos, heróis além da monocultura esportiva, da sobrevalorização e superficialidade em alguns conteúdos.

Essa espetacularização do esporte tem provocado dificuldades para que os ideais inclusivos, esportivos e comerciais dos JP sejam divulgados (MARQUES et al, 2013). Haja vista que, além da pequena e irregular divulgação dos JP (MARQUES et al, 2009; 2012), os veículos de comunicação têm retratado o esporte paralímpico não como um fenômeno exatamente esportivo, mas sim como um espaço de exposição e apresentação de pessoas que possuem incríveis histórias de superação (FIGUEIREDO; NOVAIS, 2009; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; POFFO et al, 2017; POFFO et al, 2018).

Na literatura brasileira, alguns estudos que analisaram a cobertura jornalística dos JP (MARQUES et al, 2014; MARQUES et al, 2015; MARQUES et al, 2013; POFFO et al, 2017; HILGEMBERG, 2017; SANTOS et al, 2018; POFFO et al, 2018) identificaram que a visibilidade tem aumentado a cada edição dos jogos. Outros estudos (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; PEREIRA, MONTEIRO, PEREIRA, 2011; MARQUES et al, 2013; FIGUEIREDO, 2014; CASTRO, CAMPBELL, TAVARES, 2016) apontaram que as reportagens enfatizam a deficiência, usam terminologias estereotipadas e concedem visibilidade apenas no período dos JP.

Nos estudos internacionais, que analisaram a cobertura jornalística ou fotográfica dos JP, (TYNEDAL; WOLBRING, 2013; SILVA; HOWE, 2012;

BUYSSE; BORCHERDING, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC 2011; KIM; LEE; OH, 2018) também evidenciaram a presença de estereótipos nas imagens e/ou nos textos devido ao sensacionalismo ou uso de terminologias inadequadas para retratar os atletas paralímpicos.

A mídia é um veículo de informações com capacidade de mudar ou manter conceitos e paradigmas sobre um fenômeno já estabelecido (CAMBRUZZI, 2011; SILVERSTONE, 2002). Nesse sentido, a divulgação dos feitos esportivos dos atletas de forma a evidenciar as suas capacidades e potencialidades, poderá impactar no imaginário dos seus consumidores (telespectadores, leitores, ouvintes) de forma a ressignificar percepções estereotipadas relacionadas às pessoas com deficiência (CAMBRUZZI, 2011; PAPPOUS; SOUZA, 2016; CARDOSO et al, 2018; HAIACHI, et al, 2016). Por esta razão, conhecer os discursos presentes no Caderno de Esportes do jornal O Globo é uma forma de refletir a respeito de como os Jogos e os atletas Paralímpicos estão sendo retratados pela mídia.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar como os Atletas e os Jogos Paralímpicos foram retratados no caderno de esportes do jornal O Globo entre anos de 2012 a 2016.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a cobertura do caderno de esportes do jornal O Globo entre os anos de 2012 a 2016;
- Discutir as construções discursivas presentes no caderno de esportes do jornal O Globo sobre os Atletas e os Jogos Paralímpicos.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 A evolução do esporte paralímpico

O esporte adaptado surgiu entre o final do século XIX e início do século XX. Os relatos apontam que os surdos foram os primeiros a sistematizar a prática esportiva e a utilizá-la de forma competitiva (STEFANE et al, 2005). Entre os anos de 1870 e 1906, nos Estados Unidos, com a criação de escolas para surdos (Ohio School for the Deaf, 1870 e Wisconsin School for the Deaf, 1906), o beisebol, o futebol e o basquetebol começaram a ser praticados e logo surgiram as competições interescolares de forma integrada e segregada (WINNICK, 2004).

Pouco tempo depois, em agosto de 1924 na cidade de Paris, França, aconteceram os primeiros Jogos Internacionais do Silêncio ou *Deaflympics* sob a organização do *Comité International des Sports des Sourds* (Comitê Internacional de Esporte para Surdos – CISS), onde 145 atletas de nove países europeus competiram em sete modalidades: atletismo, ciclismo, saltos ornamentais, futebol, tiro, natação e tênis (GOLD; GOLD, 2007; PARSONS; WINCKLER, 2012; DEAFLYMPICS, 2018; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO DE SURDOS, 2018).

Os Jogos Mundiais para Surdos foram reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e adotaram o nome de *Deaflympics* em 2001 (GOLD; GOLD, 2007). Esses Jogos adotam os ideais e valores olímpicos (DEAFLYMPICS, 2018b), acontecem de forma quadrienal, nas versões de verão e inverno, alternando-se de dois em dois anos, sempre em anos seguintes aos JO. São organizadas internacionalmente pela CISS e no Brasil pela Confederação Brasileira de Desportos para Surdos – CBDS (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

O CISS abandonou as tentativas de incorporação dos *Deaflympics* aos JO. O reconhecimento dos requisitos únicos de comunicação dos atletas surdos, da incapacidade de acomodar o crescente número de competidores surdos, entre outros motivos, levou o CISS a se retirar do *International Paralympic Committee* (Comitê Paralímpico Internacional, IPC) (DEAFLYMPICS, 2018a).

No entanto, cabe considerar que o IPC é o órgão que gerencia e administra o esporte paralímpico no mundo (IPC, 2018c) e mesmo o CISS não sendo vinculado a ele, o reconhecimento e o suporte continuam (DEAFLYMPICS, 2018b). A pesquisa abordará especificamente os JP de verão e como o CISS não está vinculado ao IPC os atletas surdos não foram retratados em nossa pesquisa.

O esporte paralímpico, uma manifestação esportiva voltada para pessoas com deficiência física, visual e intelectual, surgiu com duas finalidades. A primeira possui enfoque médico, isto é, o esporte é utilizado como parte do processo de reabilitação de pessoas que retornaram da guerra com alguma lesão física e/ou psicológica; já a segunda é voltada para inserção social com conotação competitiva. Ambas tinham como objetivo central tornar as pessoas com deficiência mais eficientes e integradas à comunidade (COSTA, SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011).

No ano de 1943, o governo britânico convidou o médico neurologista e neurocirurgião Ludwig Guttmann³ (ARAÚJO, 2011) para assumir a direção da Unidade de Lesados Medulares no Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury. Ele aceitou o cargo com a condição de que pudesse tratar os pacientes à sua maneira e sem interferências (MADEVILLE LEGACY, 2018).

A Unidade de Lesados Medulares começou a funcionar em 1944, atendendo prioritariamente a pacientes com lesões de paraplegia e tetraplegia, causadas principalmente por arma de fogo e por fratura, e também, pacientes com lesões por pressão⁴ (GUTTMANN, 1967). O princípio de Guttmann e seus colaboradores era fornecer aos pacientes um serviço que abrangesse todas as etapas da reabilitação e isso incluía, além de oportunizar a homens e mulheres acometidos por lesão medular, maior grau de independência e lhes possibilitar a reinserção social (GUTTMANN, 1967; MADEVILL E LEGACY, 2018).

³ Nascido em 3 de julho de 1899 em Tost, Alta Silésia, Alemanha, foi criado na fé judaica. Razão que o obrigou a se refugiar na Inglaterra devido a perseguição aos judeus (MADEVILLE LEGACY, 2018).

⁴ A lesão por pressão é um dano localizado na pele e/ou tecido mole subjacente geralmente sobre proeminência óssea ou pode ainda estar relacionado a equipamentos médicos ou outro tipo de dispositivo. A lesão pode apresentar-se como pele intacta ou como úlcera aberta e pode ser dolorosa. Ocorre como um resultado de intensa e/ou prolongada pressão ou de pressão combinada com cisalhamento (VASCONCELOS; CALIRI, 2017).

Nesse sentido, as atividades esportivas surgiram como parte da reabilitação, de forma a motivar os pacientes a prosseguir com o tratamento, pois a longa permanência nos centros de reabilitação poderiam ser motivo para desistência (CASTRO, 2005). O esporte possibilita melhorar as condições físicas, psicológicas e sociais dos pacientes (GUTTMANN, 1967; DARCY; LEGG, 2016). As primeiras modalidades esportivas desenvolvidas em Stoke Mandeville, foram dardos, sinuca, *punch-ball* (dar socos em uma bola suspensa), *skittles* (espécie de boliche) (MIRANDA, 2011), polo e *netball* em cadeira de rodas (posteriormente, se tornou o basquetebol em cadeira de rodas) e arco e flecha (MADEVILLE LEGACY, 2018).

Os efeitos positivos dessa prática motivaram Guttman a organizar em julho de 1948, para coincidir com a cerimônia de abertura dos JO de Londres, uma demonstração de arco e flecha entre os dezesseis pacientes de Stoke Mandeville e do Star & Garter Home⁵, ambos localizados no Reino Unido (MARQUES et al, 2009; GOLD; GOLD, 2007). A intenção do evento era fazer com que as pessoas com deficiência reconhecessem suas capacidades e a sociedade enxergasse as potencialidades de um corpo que visualmente parecia não ter funcionalidades.

Esse evento, denominado Jogos Nacionais de Stoke Mandeville (JSM), foi propulsor para o surgimento do movimento paralímpico e, também, contribuiu para o desenvolvimento do esporte adaptado (BENFICA, 2012). Cabe ressaltar que, nesse período, os Estados Unidos já utilizavam a conotação competitiva como forma de reinserção social (COSTA; SOUSA, 2004); neste era realizada competições de basquetebol em cadeira de rodas entre vários hospitais e associações de veteranos de guerra⁶ (PARSONS; WINCLKER, 2012).

⁵ O Star & Garter Home é um hospital localizado em Richmond, Reino Unido, inaugurado em 14 de janeiro de 1916, sob os auspícios da Sociedade da Cruz Vermelha Britânica, para cuidar de jovens com deficiência que retornaram dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial (THE ROYAL STAR & GARTER HOMES, 2018).

⁶ Em 1949, a Universidade de Illinois organizou o primeiro torneio nacional de basquetebol em cadeira de rodas, que proporcionou a formação da National Wheelchair Basketball Association (Associação Nacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas) e, posteriormente a criação, por Benjamim Lipton, da National Athletic Wheelchair Association (Associação Nacional dos Atletas de Basquetebol em Cadeira de Rodas) patrocinadora de várias competições esportivas para pessoas com lesão medular (WINNICK, 2004).

A partir de 1949, os JSM passaram a ser realizados anualmente. Em sua segunda edição, sessenta pacientes de cinco hospitais competiram nas modalidades de *netball* em cadeira de rodas e tiro com arco (MANDEVILLE LEGACY, 2018; BARRETO, 2016). De acordo com Gold e Gold (2007), Guttman esperava que o evento se tornasse internacional e que tivesse o mesmo impacto dos JO (ARAÚJO, 2011).

Na tentativa de buscar a concretização desse ideal, em 1950, realizou uma viagem aos Estados Unidos e se reuniu com Benjamin Lipton⁷ para discutir e incrementar o esporte em cadeira de rodas. Na oportunidade, convidou uma equipe norte-americana para participar dos JSM (ARAÚJO, 2011). No entanto, a internacionalização do evento aconteceu somente em 1952, com a participação de quatro holandeses do *Military Rehabilitation Center at Aardenburg* (MADEVILLE LEGACY, 2018).

Desde então, os JSM passaram a ser denominados Jogos Internacionais de Stoke Mandeville (JISM) (MIRANDA, 2011). Essa internacionalização deu início ao esporte paralímpico. A participação crescente de diferentes países e de competidores (Gráfico 1), provocou mudanças nos aspectos de infraestrutura (ARAÚJO, 2011) e na transição do uso do esporte, com fins terapêuticos para o desenvolvimento de programas de treinamento e condicionamento físico (GOLD; GOLD, 2007).

Em 1956, os JISM foram oficialmente reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), o que pareceu ser o início de uma relação de aproximação com os JO (GUTTMANN, 1967; ARAÚJO, 2011). Neste ano, durante cerimônia nas Olimpíadas de Melbourne, o COI premiou Guttman com a Taça Fearnley (Taça de Honra) pelo seu notável trabalho em prol do esporte. Esse reconhecimento aconteceu com menos de uma década após a criação dos JSM (MANDEVILLE LEGACY, 2018).

⁷ Diretor do Joseph Bulova School of Watchmaking, pioneiro na formação e treinamento de pessoas em condição de deficiência para o mercado de trabalho (ARAÚJO, 2011).

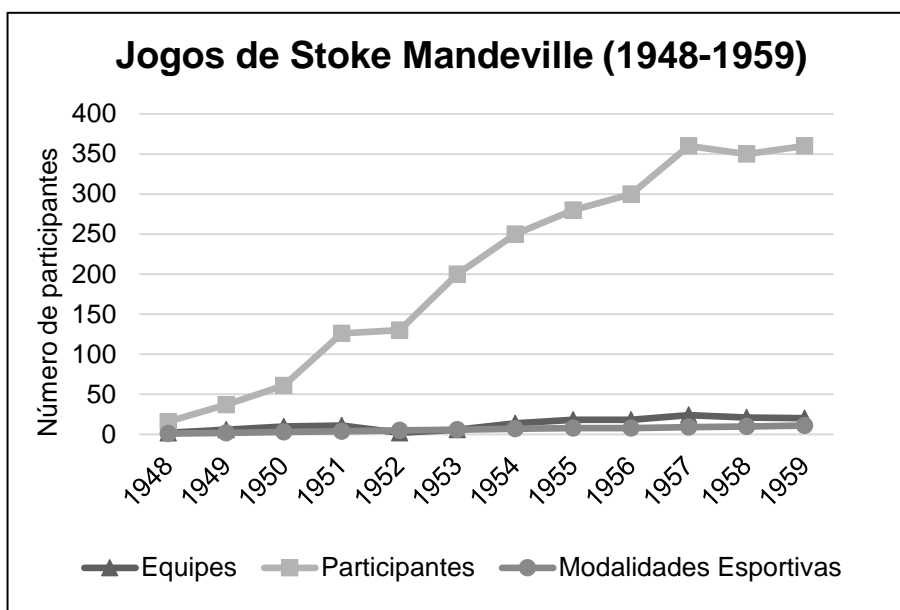


Gráfico 1 – Número de participantes, equipes e modalidades esportivas dos Jogos de Stoke Mandeville (1948-1959)
Fonte: Miranda (2011).

A intenção de Guttmann em aproximar os dois eventos esportivos (JISM e JO) se dava por acreditar que essa iniciativa proporcionaria maior visibilidade e o reconhecimento das capacidades das pessoas com deficiência junto à sociedade, (CASTRO, 2005; ARAÚJO, 2011). Em 1960, Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, Itália, propôs que a nona edição dos JISM fossem integrados aos XVI JO de Roma (CASTRO, 2005; FERRAZ, 2006).

Os Jogos foram realizados com o patrocínio do Instituto Nacional Italiano de Seguros Contra Acidentes no Trabalho (INAIL) e com o apoio do Comitê Olímpico Italiano (CONI). Nessa edição, reconhecida como os primeiros JP (IPC, 208) participaram 400 atletas com deficiência física, de 23 países disputando 57 medalhas em oito modalidades⁸ (WINNICK, 2004; BARRETO, 2016). A cerimônia de abertura aconteceu no Estádio Acqua Acetosa, reunindo 5.000 mil espectadores. Na ocasião, os atletas foram

⁸ Sinuca, Esgrima, Atletismo, Basquete em cadeira de rodas, Dardo, Natação, Tênis de Mesa, Tiro com Arco e Pentatlo (combinação de Tiro com arco, Natação, Arremesso de peso, Dardo e Lançamento de *club*) (PARSONS; WINCKLER, 2012).

recepcionados, pelo Papa João XXIII, em audiência pública concedida na cidade do Vaticano (ARAÚJO, 2011).

Nas edições seguintes, um dos grandes desafios enfrentados pelos precursores do movimento paralímpico, foi a realização do evento nas cidades sedes dos JO (BARRETO, 2016). Países como México, Alemanha, Canadá e Estados Unidos alegaram insuficiência de recursos financeiros para a realização do evento (PARSONS; WINCKLER, 2012). Em 1968, devido dificuldades técnicas e financeiras para readequar os espaços e as instalações esportivas, necessárias para atender as demandas dos atletas com deficiência, o México desistiu de sediar os JP. Com isso, os Jogos foram realizados no centro esportivo da Fundação Israelita para Crianças Deficientes em Ramat Gan, próximo a Tel Aviv, Israel (GOLD; GOLD, 2007). Para esses jogos foi construído o primeiro complexo esportivo adaptado do mundo e participaram desse evento 775 atletas de 28 países (ARAÚJO, 2011; IPC, 2018c).

A Alemanha alegou a impossibilidade de utilização da vila olímpica localizada na cidade de Munique, por ter sido transformada em condomínio residencial após os JO. Em 1972, os JP aconteceram no Instituto de Treinamento Físico da Universidade de Heidelberg, Alemanha. Nessa edição, somente atletas com lesão medular puderam competir nas 10 modalidades disputadas (IPC, 2018d).

No Canadá, os JP de 1976 foram transferidos para cidade de Toronto. Os organizadores dos JO de Montreal não permitiram a utilização dos espaços e instalações construídos para a edição olímpica (PARSONS; WINCKLER, 2012). Vale ressaltar, que nessa edição houve a inclusão de classes para atletas com amputação e deficiência visual (IPC, 2018e).

Na edição dos JP de 1984, os Estados Unidos concordaram em sediá-lo abarcando todos os tipos deficiências físicas, mas não na cidade olímpica anfitriã (Los Angeles). Dessa forma, os Jogos aconteceriam nas cidades de Nova York e na Universidade de Illinois, Champaign. Porém, alegando problemas financeiros, quatro meses antes da realização dos Jogos, a Universidade de Illinois não pode sediá-los (GOLD; GOLD, 2007). Com isso, as modalidades disputadas em cadeira de rodas ocorreram em Stoke Mandeville e Nova York (PARSONS; WINCKLER, 2012; IPC, 2018f).

Além das dificuldades financeiras, relatadas pelas cidades anfitriãs dos JO para a não realização dos Jogos com pessoas deficientes, na edição de 1980, a União Soviética argumentou que não sediaria o evento por não haver pessoas com deficiência em seu país (PARSONS; WINCKLER, 2012). Essa edição foi realizada em Arnhem, Holanda e houve a inclusão de classes para atletas com amputação, com paralisia cerebral, com lesão medular e com deficiência visual (IPC, 2018).

Aparentemente os Jogos não apresentavam potencial econômico e isso gerava desconfiança acerca de retornos financeiros investidos em sua realização (GOLD; GOLD, 2007). Este fato e os empecilhos colocados pelos países sede refletem a dificuldade dos organizadores em compreender os jogos como um evento para a sociedade como um todo e não somente para as pessoas com deficiência.

Esse cenário começou a mudar a partir da década de 80. Este período esporte para pessoas com deficiência passou a ser praticado com perspectivas de alto rendimento (HAIACHI et al, 2016). Antes os Jogos eram competitivos, mas apresentavam caráter participativo, isto é, os atletas poderiam participar em mais de uma modalidade e o foco principal do evento era proporcionar a inserção e a integração entre os países (BARRETO, 2016); mas com a mudança das perspectivas dos eventos começou a existir uma busca por excelência nos resultados

Nos JP de 1988, realizados na Coréia do Sul, os JISM foram oficialmente intitulados “Jogos Paralímpicos”, após concordância junto ao COI de que o termo poderia ser utilizado (MADEVILLE LEGACY, 2018). Essa edição marcou um novo momento para o movimento paralímpico, além da utilização das mesmas estruturas e instalações dos JO (MARQUES et al, 2009) foram apresentados os símbolos paralímpicos, como os *Tae-Geuks*⁹ (Figura 1), a bandeira paralímpica e o hino.

⁹ O símbolo significava a harmonia e a unidade das pessoas com deficiência através do esporte ao redor do mundo (PARSONS; WINCKLER, 2012).

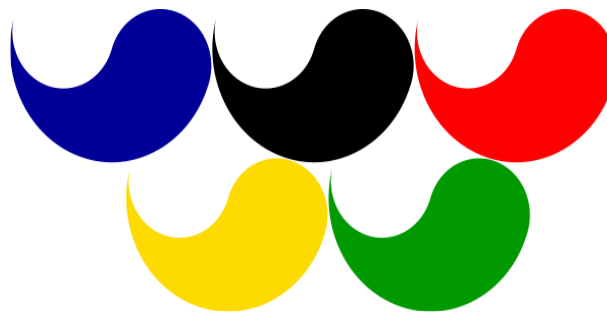


Figura 1 – Primeiro símbolo paralímpico
Fonte: IPC, 2018h.

Atletas com deficiência física ou visual puderam competir entre as 18 modalidades esportivas que fizeram parte do calendário da competição. Houve também a utilização do sistema de classificação funcional (CF)¹⁰ proposta por Horst Strohkendel para atletas com lesão medular (CARDOSO; GAYA, 2014).

Os JP eram organizados pelas entidades esportivas representantes de atletas com deficiência física ou visual, criados entre as décadas de 60 e 80, como a Federação dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville – ISMGF (1960), a Organização Internacional de Esporte para Deficientes – ISOD (1964), a Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais – CP-ISRA (1978) e Federação Internacional de Esporte para Cegos – IBSA (1981) e a Associação Internacional de Esporte para Pessoas com Deficiência Intelectual – INAS (1986) (IPC, 2018i).

No entanto, com o crescimento do movimento paralímpico, causado, principalmente, pela inserção dos grupos com deficiência visual e de outras deficiências físicas e da inclusão de novas modalidades, houve a necessidade da criação de uma única organização esportiva que pudesse administrar e gerir os interesses do movimento paralímpico (BENFICA, 2012). Assim, em

¹⁰ A CF tem como objetivo nivelar os atletas com deficiências semelhantes em uma mesma categoria. Isso permite oportunizar a competição entre indivíduos com diferentes sequelas de deficiência de uma forma justa. Para chegar a uma classe o atleta passa por uma avaliação técnica, médica e funcional (CPB, out/nov, 2008, p. 05a). Esses elementos, como os símbolos paralímpicos e a CF evidenciam as características próprias dos JP (MARQUES et al, 2009).

1982 foi fundado o Comitê Coordenador Internacional de Organizações Esportivas para Deficientes – ICC (IPC, 2018i).

Contudo, as entidades esportivas se sentiram insatisfeitas com a representação do ICC, devido ao conflito de interesses que as mesmas apresentavam e decidiram discutir o futuro do movimento paralímpico em um seminário, onde se reuniram mais trinta e nove países (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). A partir das discussões realizadas, concluíram que uma nova organização deveria ser criada para representar os interesses do movimento paralímpico. Dessa forma, o ICC encerrou suas atividades com a organização dos JP de 1982 a 1992 (PARSONS; WINCKLER, 2012). E no dia 22 de setembro de 1989 foi criado o IPC (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

O IPC surgiu com a finalidade de organizar os JP de verão e inverno, supervisionar e coordenar campeonatos mundiais e outras competições do movimento paralímpico (IPC, 2018i). Atualmente, também atua como federação Internacional para dez modalidades paralímpicas: Atletismo, Natação, Tiro esportivo, Halterofilismo, Dança em Cadeira de Rodas, Esqui Alpino, *Snowboard*, *Nordic Skiing*, Hóquei no Gelo (IPC, 2018i).

Em nível estrutural (Figura 2), o IPC é composto por uma assembleia geral, diretoria executiva (presidente, vice-presidente e membros em geral), equipe de gestão e vários comitês permanentes (IPC, 2018h). O quadro de funcionários do comitê não possui exclusivamente pessoas com deficiência, como no caso do atual presidente do IPC, o brasileiro Andrew Parsons.

Os JP de Barcelona, Espanha, em 1992, além de terem sido os últimos organizados pelo ICC foram também os marcaram o início de um novo período para o movimento paralímpico, o da espetacularização (FERRAZ, 2006). Nessa edição 2999 atletas disputaram 16 modalidades e os Jogos tiveram audiência acumulada de 7 milhões de espectadores (IPC, 2018i). Neste mesmo ano houve registros dos primeiros casos de *doping* no movimento paralímpico, além da inserção de uma nova proposta para CF dos atletas (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Esses Jogos foram organizados pelo mesmo comitê organizador dos JO (WINNICK, 2004) e contaram com uma divisão encarregada somente para o seu planejamento, garantindo atenção às necessidades dos atletas e tratamento comparável com os atletas olímpicos (GOLD; GOLD, 2007).

Os atletas com deficiência intelectual não foram incluídos no calendário de provas dos JP de Barcelona (GOLD; GOLD, 2007). Esse fato motivou a INAS a realizar os “I Juegos Paralímpicos para Discapacitados Psíquicos” em Madrid, no qual participaram 1400 atletas de 73 países disputaram cinco modalidades: tênis de mesa, basquetebol, futsal, natação e atletismo (STEFANE et al, 2005). Após essa iniciativa da INAS, os atletas com deficiência intelectual foram convidados a participar dos JP de Atlanta-1996 (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Assembleia geral			
Federações Internacionais (IFs)	Comitês Paralímpicos Nacionais (NPCs)	Organizações Internacionais de Esporte para Deficientes (IOSDs)	Organizações Regionais (IPC Regions)
Modalidades IOSD			
Modalidades IPC			
Conselhos		Quadro administrativo	Comitês
Conselho de atletas	Equipe de gerenciamento		Comitê antidoping
Conselho de IOSDs	Comitês técnicos de modalidades		Comitê de atletas com altas necessidades de assistência
Conselho de regiões			Comitê de auditoria e finanças
Conselho de modalidades			Comitê de classificação
			Comitê de educação
			Comitê de desenvolvimento
			Comitê de leis e ética
			Comitê médico
			Comitê de Jogos Paralímpicos
			Comitê científico
			Comitê de mulheres no esporte

Figura 2 – Estrutura geral do IPC
Fonte: Adaptado do IPC, 2013.

Os JP de Atlanta-1996, tinham como objetivo tornar o evento mais fácil para compreensão dos espectadores, a fim de possibilitar que se tornasse um

produto capaz de chamar atenção de patrocinadores (PARSONS; WINCKLER, 2012). Nessa perspectiva, foram os primeiros a serem televisionados (FERRAZ, 2006) e a atraírem patrocínio corporativo. Em termos de público, cerca de 300 mil pessoas assistiram as competições (IPC, 2018).

Nos Jogos de Sydney-2000, os dirigentes do COI e IPC assinaram um memorando de entendimento visando a realização dos dois eventos na mesma cidade anfitriã dos JO (FERRAZ, 2006; MANDEVILLE LEGACY, 2018). Essa edição contou com a participação de 3879 atletas competindo em 19 modalidades e os atletas com deficiência intelectual fizeram sua estreia nos JP. Entretanto, um escândalo envolvendo um jornalista espanhol e a equipe de basquetebol da Espanha, fez com esse grupo de deficiência fosse suspenso até que houvesse um sistema de classificação fidedigno (FERRAZ, 2006) o que aconteceu nos JP do Rio-2016.

O jornalista, em questão, burlou o teste aplicado como critério de elegibilidade para atletas com deficiência intelectual, e competiu como se fosse um atleta da delegação espanhola, ficando inclusive em terceiro lugar na competição (STEFANE et al, 2005). O fato foi descoberto, após serem veiculadas reportagens assinadas pelo próprio jornalista, mostrando que o sistema de CF não era confiável¹¹ (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Mesmo com a polêmica, os JP de Atlanta-2000 foram considerados o segundo maior evento esportivo do mundo, ficando atrás apenas dos JO; isso se deu graças ao número de participantes, de provas e de espectadores (FERRAZ, 2006). Houve recorde de público, 1,2 milhão de ingressos foram vendidos e cerca de 2.300 mil representantes da mídia estiveram presentes em sua cobertura (IPC, 2018a).

Para os JP de Atenas-2004, a cidade grega passou por mudanças significativas em sua infraestrutura. Foram criados ambientes acessíveis e priorizada a conscientização social com a criação de programas, como as que qualificou empresas privadas com selos indicadores de que as mesmas recebiam clientes com deficiência, em troca de propaganda com as delegações paralímpicas (GOLD; GOLD, 2007).

¹¹ Nos dias atuais, ainda há grandes controvérsias e discussões entre atletas, técnicos e dirigentes envolvendo a confiabilidade da CF.

Esses tipos de mudanças alcançaram ocorreram em quase todas as cidades onde aconteceriam as competições. A vila paralímpica, contava com quartos e ambientes adaptados, possuíam ainda área de lazer, serviços médicos, restaurantes (FERRAZ, 2006). As condições oferecidas foram semelhantes às dos atletas olímpicos.

Ainda nesses jogos, o IPC divulgou seu novo logotipo, o *Agitos* (Figura 3) que, em latim, significa “Eu movo”. A escolha dessa simbologia enfatiza a capacidade dos atletas, que, através das suas ações esportivas, podem motivar e exercitar as pessoas que acompanham o esporte (PARSONS; WINCKLER, 2012). Na bandeira paralímpica as cores azul, verde e vermelho representam a mente, o corpo e o espírito e simbolizam as cores mais encontradas em bandeiras de países de todo o mundo (CASTRO, 2005).

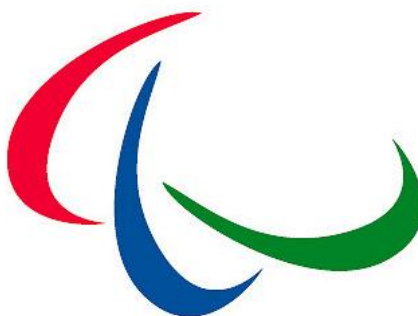


Figura 3 – Símbolo *Agitos*
Fonte: IPC, 2018h.

A partir da edição de Pequim-2008, mediante o acordo assinado no dia 19 de junho de 2001, os Jogos passaram a ser organizados por um único comitê (STEFANE et al, 2005). Todos os países interessados em sediar os JO deveriam incluir em suas propostas a realização dos JP (ARAÚJO, 2011).

Os JP de Pequim-2008 tiveram as instalações esportivas, a acessibilidade da vila paralímpica, o número de participantes e público como destaques (PARSONS; WINCKLER, 2012). Cerca de 4.000 atletas disputaram medalhas em 20 modalidades e mais de 3 milhões de pessoas acompanharam as competições, e a cobertura midiática atingiu seus maiores níveis (IPC, 2018l).

A cidade de Londres, ao se candidatar para sediar os Jogos de 2012 tinha como objetivo chamar a atenção da sociedade britânica para as mudanças. Assim, propôs compromissos específicos para os JP; sendo eles: integrar os eventos esportivos, criando uma vila acessível desde os JO; treinar os profissionais e voluntários nos princípios de inclusão; maximizar a cobertura e a exposição da mídia; estabelecer políticas operacionais englobando os Valores Paralímpicos; criar um programa cultural com artistas com deficiência e promover a ampla participação nos JP (GOLD; GOLD, 2007).

Nos JP de Londres-2012 houve avanços nos sistemas de classificação, nos exames *antidoping*, nas tecnologias esportivas e nas formas de divulgação do esporte paralímpico. O IPC passou a utilizar as mídias sociais e isso garantiu que patrocinadores ativassem e estendessem suas parcerias (IPC, 2018b).

Nessa edição, foram disputadas 503 medalhas em 20 modalidades onde 251 recordes mundiais e 351 recordes paralímpicos foram quebrados (IPC, 2018b). A *performance* dos atletas, aliada ao grande número de espectadores e a cobertura da mídia no evento de Londres-2012, o consideraram como um megaevento esportivo (IPC, 2013).

Os JP do Rio-2016 foram os primeiros a serem realizados na América do Sul e contaram com a participação de 4,328 mil atletas de 159 países, entre eles os atletas paralímpicos independentes. Durante os 11 dias de competição, foram quebrados 220 recordes mundiais e 432 recordes paralímpicos (IPC, 2018k).

Esses jogos ficaram conhecidos como “Os Jogos do Povo”, uma vez que envolveram o enfrentamento não somente de uma crise financeira para a sua realização, mas também o aparente desinteresse dos espectadores (IPC, 2017). Houve baixa procura de ingressos, sendo necessária intervenção do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e do Comitê Organizador dos Jogos Rio-2016 nas redes sociais e na promoção de peças publicitárias a fim de atrair o público para competição (CARDOSO et al, 2018). Essas medidas parecem ter sido eficazes, pois os JP do Rio-2016 quebraram vários recordes em termos de participação de atletas, público e consumo de mídia digital e radiodifusão (IPC, 2017).

3.2 O desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil

No Brasil, o esporte praticado por pessoas com deficiência, teve início no final da década de 1950, influenciado por Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Seraphin Del Grande. Ambos deficientes físicos, que ao retornarem da Inglaterra e dos Estados Unidos, após um período de reabilitação, trouxeram a experiência adquirida na vivência com modalidades em cadeira de rodas para pessoas com deficiência física (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCKLER, 2012; MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Essas experiências foram fundamentais para a criação das primeiras instituições promotoras de esportes para pessoas com deficiência no Brasil, como por exemplo, o Clube do Otimismo, fundado no Rio de Janeiro no dia 01 de abril de 1958 por Robson Sampaio de Almeida, tinha como propósito desenvolver o esporte na perspectiva da reabilitação e da inclusão social (BARRETO, 2016); e o Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP), inaugurado no dia 28 de julho de 1958 por Sérgio Seraphin Del Grande, com o objetivo de promover a prática esportiva competitiva, recreativa e social (CLUBE DOS PARAPLÉGICOS DE SÃO PAULO, 2018).

Esses clubes foram imprescindíveis para o início do esporte adaptado no Brasil (BENFICA, 2012). Del Grande e seus colaboradores convidaram os “*Pan Jets*” para realizar uma exibição de basquete em cadeira de rodas e alguns jogos amistosos entre o CPSP e o Clube do Otimismo. Tais ações atraíram outros praticantes para a referida modalidade (SENATORE, 2006) além daqueles que eram recrutados nas instituições especializadas para pessoas com deficiência ou convidados por Del Grande (BARRETO, 2016).

Desde as primeiras iniciativas do esporte adaptado no Brasil, os seus precursores promoviam ações para que o país pudesse participar dos JP, mas a insuficiência de recursos financeiros, principalmente, para a aquisição de equipamentos esportivos, como cadeiras de rodas foi um dos fatores limitantes (BARRETO, 2016).

Entretanto, após 22 anos o Brasil participou pela primeira vez dos Jogos, em Heildeberg-1972. A delegação brasileira foi composta por dez atletas nas modalidades basquetebol em cadeira de rodas, atletismo, natação

e tiro com arco. Nessa época valorizava-se a participação em detrimento do desempenho esportivo (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Desde essa edição, o Brasil passou a integrar o movimento paralímpico com isso, houve a necessidade de criar entidades organizativas para gerenciar e organizar o esporte paralímpico no país (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Porém, o fator decisivo para esse acontecimento se deu após exigência da ISMGF (PARSONS; WINCKLER, 2012), devido à falta de comunicação entre as entidades paralímpicas nacionais, nos Jogos Pan-americanos para Pessoas com Deficiência Física, em 1975, no México, duas delegações brasileiras chegaram ao país para disputar o campeonato (MIRANDA, 2011).

No dia 18 de agosto de 1975, Aldo Miccolis criou a Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (atualmente Associação Nacional de Desporto para Deficiente – ANDE), com o intuito de agregar os esportes praticados por todas as áreas de deficiência, porém hoje fomenta e desenvolve o esporte para pessoas com paralisia cerebral, nas modalidades de bocha, futebol de 7 e *race running* (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DESPORTO PARA DEFICIENTES, 2018).

A ANDE deu suporte técnico e financeiros aos 23 atletas com deficiência física que representaram o país nos JP de Toronto-1976, entre eles, Maria Alvares e Beatriz Siqueira, primeiras mulheres brasileiras a participar dos JP (PARSONS; WINCKLER, 2012). Nessa edição, Robson Sampaio e Luís Carlos conquistaram a primeira medalha brasileira da competição, prata na modalidade de *lawn bowls* (FERRAZ, 2006). Os atletas brasileiros competiram nas modalidades de atletismo, natação, *dartchery*, *lawn bowls*, tiro, *snooker*, tênis de mesa, levantamento de peso e basquetebol em cadeira de rodas (MIRANDA, 2011).

Nos JP de Arnhem-1980, Holanda, os atletas brasileiros competiram no basquetebol em cadeira de rodas e na natação, e não subiram ao pódio (FERRAZ, 2006), ficando na 42ª colocação (IPC, 2018h). Essa foi a pior colocação do país em JP (BARRETO, 2016), o que fez com que medidas fossem pensadas e discutidas a fim de melhorar o desempenho dos atletas brasileiros.

Essas medidas, foram baseadas em ações governamentais, motivadas pela proclamação do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1981. A ONU, sugeria que os países deveriam promover ações que mobilizassem os setores civis, públicos e privados para o reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência e oportunizassem a participação dessas pessoas na sociedade (ARAÚJO, 2011).

Nesse sentido, foram discutidas nos Congressos Brasileiros do Esporte para Todos as primeiras iniciativas brasileiras. Estas visavam identificar a importância da prática de atividades físicas e esportivas por pessoas com deficiência (1982, 1984, 1986) e as condições nas quais as pessoas com deficiência eram atendidas nos campos da educação física e esporte, verificada através do Projeto Integrado entre a Secretaria de Educação Física e Desporto (SEED) e o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) (ARAÚJO, 2011; BENFICA, 2012).

Os resultados dessas iniciativas culminaram na criação do Plano Nacional de Ação Conjunta para Integração da Pessoa Deficiente (1985) que tinha como objetivo aprimorar a “educação especial” e a integração das pessoas com deficiência; na criação da Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). Em 1986, com a finalidade de promover os JO em todo território nacional, houve expansão e melhoria do atendimento às pessoas com deficiência; e criação do Plano Plurianual (1991-1995) da Secretaria de Desportos que visava em um dos seus princípios, fomentar a prática esportiva para pessoas com deficiência (ARAÚJO, 1997; MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Essas ações não objetivaram o esporte paralímpico, mas contribuíram para o seu processo de institucionalização, com isso houve a reestruturação administrativa da ANDE (1974) e a criação de novas entidades esportivas, como, a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC), atualmente, Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais (CBDV), a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) ambas criadas em 1984; a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais (ABDEM) criada em 1989, mas reconhecida como órgão representativo em 1995 e a Associação Brasileira de Desporto para

Amputados (ABDA), atualmente, Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Físicos (ABDF) criada em 1990.

O surgimento dessas entidades fez com houvesse a descentralização das responsabilidades atribuídas na época à ANDE, e facilitaram os processos de planejamento e treinamento dos atletas. Essa mudança refletiu positivamente no desempenho dos atletas que representaram o Brasil, nos JP de 1984. A delegação brasileira composta por 31 atletas de diferentes grupos de deficiência (PARSONS; WINCKLER, 2012; MARQUES; GUTIERREZ, 2014) competiu nas modalidades de natação e atletismo. Subiram ao pódio 28 vezes, destaque para os medalhistas de ouro: Maria Ferraz (arremesso de peso), Márcia Malsar (200 m), Luís Cláudio (arremesso de peso e lançamento de disco), Amintas Pereira (disco e peso) e Maria Jussara (4x50 medley) (MIRANDA, 2011; PARSONS; WINCKLER, 2012).

Nas Paralimpíadas de Seul-1988 e de Barcelona-1992, a CORDE, por meio da Comissão Paradesportiva Brasileira, foi responsável pela participação da delegação brasileira nesses dois eventos (ARAÚJO, 1997; SENATORE, 2006). Nos JP de Seul-1988, 60 atletas competiram nas modalidades de atletismo, natação, basquetebol em cadeira de rodas, tênis de mesa e judô. Foram conquistadas 27 medalhas e o Brasil ocupou o 25º lugar no quadro de medalhas. Nessa edição, os atletas Graciana Moreira (natação) e Luís Cláudio (atletismo) se destacaram pelas medalhas de ouro, além do surgimento da velocista Ádria Rocha, uma das maiores medalhistas e ícone do atletismo brasileiro (IPC, 2018k).

Nos JP de Barcelona-1992, o número de medalhas conquistadas pelos atletas brasileiros reduziu drasticamente comparado a Seul-1988. Nessa edição, a delegação brasileira conquistou 07 medalhas e foi 32º colocado no quadro geral de medalhas. Os atletas Luiz Pereira, Suely Guimarães e Ádria Rocha foram os destaques brasileiro dessa edição, eles conquistaram 30% das medalhas de ouro do Brasil (MIRANDA, 2011).

A participação da delegação brasileira nos JP após Barcelona-1992, dependeria da criação de um Comitê Paralímpico Nacional. Uma exigência do IPC, órgão que gerencia e administra o movimento paralímpico mundial (SENATORE, 2006). No dia 9 de fevereiro de 1995, foi fundado o CPB na cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de representar, dirigir e coordenar

o segmento esportivo paralímpico brasileiro, tanto em nível nacional, quanto internacional, zelando pelo fomento do paralimpismo no Brasil, pelo respeito ao lema, hino e símbolos paralímpicos, promovendo a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 1995).

No primeiro ano de funcionamento do comitê, foram publicados informativos que tinham como propósito divulgar as ações do CPB, principalmente, sobre os preparativos para os JP de Atlanta-1996, e houve ainda a realização dos I Jogos Brasileiros Paradesportivos, imprescindíveis para a formação da seleção que disputou os JP de Atlanta (MIRANDA, 2011).

O comitê dispunha de recursos financeiros limitados, mas foram suficientes para custear as fases de preparação e participação da delegação brasileira em Atlanta; comprar os direitos de geração e transmissão de imagens dos JP e do sinal de satélite, além de pagar as campanhas publicitárias e materiais promocionais (MIRANDA, 2011).

O investimento possibilitou às delegações brasileira um salto qualitativo de desempenho quando comparado à edição anterior (Barcelona-1992). Em Atlanta-1996, os atletas subiram ao pódio 21 vezes. Os 60 atletas brasileiros competiram nas modalidades de basquetebol, tênis e esgrima em cadeira de rodas, atletismo, natação, futebol de 7, tênis de mesa, ciclismo e levantamento de peso (PARSONS; WINCKLER, 2012; IPC, 2018 k).

Na edição dos JP de Sydney-2000, parte dos recursos financeiros do CPB foram provenientes das loterias esportivas, obtidos após a promulgação da Lei 9.615 em 1998, conhecida como Lei Pelé, que garantia a destinação de percentuais das loterias para apoiar o desporto para pessoas com deficiência (BRASIL, 1998). Na preparação para Sydney-2000, o CPB fez parceria com Universidades para avaliar os atletas brasileiros que participariam dos jogos (MIRANDA, 2011). Nessa edição, o Brasil foi representado por 62 atletas que competiram na natação, atletismo, ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, tênis de mesa, halterofilismo, judô, basquete para deficientes intelectuais e futebol de 7. Foram conquistadas 22 medalhas e no quadro geral de medalhas o país ocupou a 24ª posição (COSTA; SANTOS, 2002).

Desde a edição de Sydney-2000, o Brasil vem obtendo um crescimento exponencial no número de medalhas e, conseqüentemente, na colocação no quadro geral de medalhas, ficando entre os 20 melhores países (Tabela 1). Parte dessas conquistas podem ser atribuídas aos esforços do CPB, que não apenas reestruturaram como também transformaram o esporte praticado por pessoas com deficiência no país, em uma prática de rendimento com foco na excelência dos resultados (MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

Tabela 1 – Desempenho do Brasil nos Jogos Paralímpicos (1972-2016).

Ano	Cidade	País	Medalhas				Modalidades	Colocação
			Ouro	Prata	Bronze	Total		
1972	Heidelberg	Alemanha	0	0	0	0	3	42 ^a
1976	Toronto	Canadá	0	1	0	1	8	3 ^a
1980	Arnhem	Holanda	0	0	0	0	2	42 ^a
1984	Nova Iorque/ Stoke Mandeville	Estados Unidos/ Inglaterra	7	17	4	28	3	24 ^a
1988	Seul	Coréia do Sul	4	9	14	27	5	26 ^a
1992	Barcelona	Espanha	3	0	4	7	6	32 ^a
1996	Atlanta	EUA	2	6	13	21	9	37 ^a
2000	Sydney	Austrália	6	10	6	22	9	23 ^a
2004	Atenas	Grécia	14	12	7	33	13	14 ^a
2008	Pequim	China	16	14	17	47	17	9 ^a
2012	Londres	Inglaterra	21	14	8	43	18	7 ^a
2016	Rio de Janeiro	Brasil	14	29	29	72	22	8 ^a

Fonte: Adaptado do IPC, 2018.

Outro fator que contribuiu para esse novo panorama do paradesporto no país foi a implementação da Lei nº 10.264 de 16 de julho de 2001 (Lei Agnelo Piva)¹², que destinou ao Comitê Olímpico do Brasil (COB) e ao CPB, 2% da arrecadação bruta das loterias federais, sendo destes, 85% destinados ao COB e 15% ao CPB (BRASIL, 2001).

¹² Dispõe sobre a aplicação dos recursos financeiros referentes ao art. 9º e o inciso VI do art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, prevendo a arrecadação bruta de dois por cento da dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios (BRASIL, 2001).

Com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência¹³, sancionada em 6 de julho de 2015, o repasse da arrecadação bruta das loterias federais passaram para 2,7% para ambos os comitês, e mudou de 15% para 37,04% a fatia destinada ao CPB (BRASIL, 2015).

Em 2001, o ex-atleta paralímpico Vital Severino Neto foi eleito presidente do CPB ficando à frente da entidade por dois mandatos, encerrando o trabalho em 2009. Em sua gestão, a prioridade foi consolidar o esporte paralímpico brasileiro e alcançar resultados técnicos expressivos nos JP de Atenas-2004. Para tanto, em 2003 o CPB lançou o programa de treinamento da seleção de Atenas-2004, que tinha como diretrizes, promover cursos de curta duração aos técnicos; estabelecer calendário de competição para as diversas modalidades; acompanhar a preparação dos atletas e pagar mensalmente aos atletas uma bolsa-incentivo. E comprou os direitos de transmissão dos Jogos além de custear os gastos com equipe jornalística convidada para cobrir o evento (MIRANDA, 2011).

Os JP de Atenas-2004, foram marcados pela cobertura da mídia, que possibilitou ao telespectador brasileiro conhecer, não somente, o esporte paralímpico, mas o atleta brasileiro (PARSONS; WINCKLER, 2012). Nesse sentido, surgiram nomes como Clodoaldo Silva (natação) e Antônio Tenório (judô) (IPC, 2018l). Os 96 atletas brasileiros competiram em 12 modalidades e conquistaram 33 medalhas, 14 de ouro, 12 de prata e 7 de bronze. Destaque para a seleção de futebol de 5, que iniciou a sua hegemonia na modalidade e se tornou tetracampeã nos Jogos do Rio-2016 (IPC, 2018k).

Seguindo as metas do CPB em consolidar o esporte paralímpico brasileiro, foram criadas na gestão de Vital Severino: o Circuito Loterias Caixa de atletismo, natação e halterofilismo (2005), uma competição que reúne atletas de todos os estados brasileiros disputando quatro fases regionais e duas nacionais premiação em dinheiro e chances de compor a delegação paralímpica (BENFICA, 2012; CPB, 2018a); o projeto Paralímpicos do Futuro (2006), que tinha como objetivo divulgar o movimento paralímpico, oportunizar

¹³ A Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015, é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

e facilitar a implantação, em abrangência nacional, da prática do esporte para pessoas com deficiência a partir das escolas do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada (SENATORE, 2006).

Essas iniciativas somadas ao bom desempenho dos atletas brasileiros nas Paralimpíadas e a organização na cidade do Rio de Janeiro dos Jogos Parapan-americanos (2007) promoveram um novo ciclo para o movimento paralímpico brasileiro (PARSONS; WINCKLER, 2012). Consolidado nos JP de Pequim-2008, onde os atletas brasileiros competiram em 12 das 19 modalidades paralímpicas e, conquistaram 47 medalhas, garantindo o nono lugar geral no quadro de medalhas. Com isso, o esporte paralímpico brasileiro se colocou como uma das maiores potências do mundo, que incluem países como China, Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Alemanha (CPB, out/nov, 2008, p. 01).

No ano de 2009, em nova eleição para o comitê, o ex-estagiário da assessoria de imprensa do CPB, Andrew William George Parsons, se elegeu como presidente e os ex-atletas paralímpicos, Luiz Cláudio Pereira e Mizael Conrado como vice-presidentes administrativo e financeiro, respectivamente (MIRANDA, 2011).

No mesmo ano a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede dos JO e JP de 2016. Para atender as demandas locais de um evento dessa envergadura foi elaborado o Planejamento Estratégico 2010-2016, com objetivos de criar sinergia de entre o Departamento Técnico do CPB e das Associações e Confederações Nacionais filiadas e reconhecidas (Figura 4), criou ações que visavam 1) estimular o aumento da prática esportiva formal para crianças e jovens com deficiência em todo o país; 2) gerar o desenvolvimento de todas as modalidades paralímpicas no país; 3) proporcionar a formação de novos atletas paralímpicos no país de nível nacional e internacional para participarem de futuras edições dos JP e 4) visar a preparação de excelência aos atletas paralímpicos do país para disputas de medalhas em competições internacionais e nos JP (CPB, 2010).

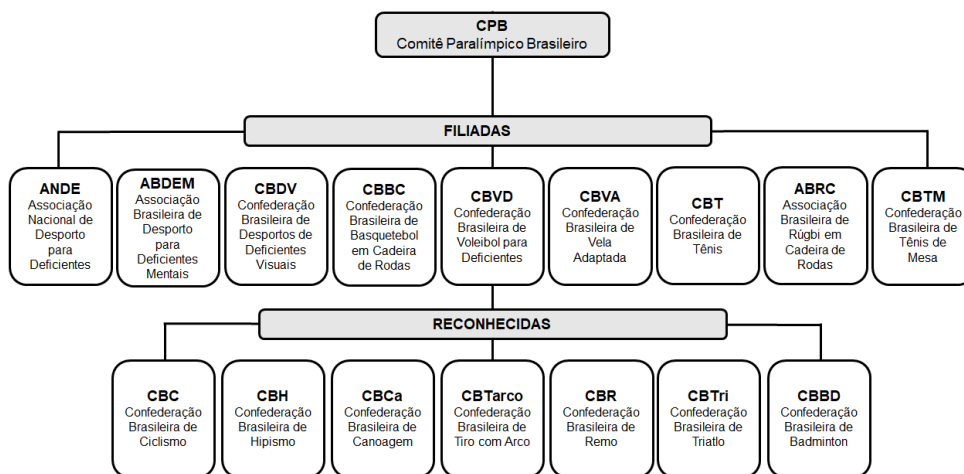


Figura 4 – Associações e Confederações filiadas e reconhecidas pelo CPB
Fonte: CPB, 2018d.

Para atender às metas estabelecidas no Planejamento Estratégico, diversas ações foram implementadas. Dentre essas cabe destacar: a) a criação do Clube Escolar Paralímpico, em que o investimento era realizado diretamente nos Clubes/Associações voltadas a crianças e jovens com deficiência que estivessem matriculados em instituições de ensino fundamental e médio, públicas e privadas, reconhecidas pelo Ministério da Educação (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017); b) a instituição no calendário esportivo das Paralimpíadas Escolares, considerado maior evento para estudantes com deficiência no mundo (ANDRADE et al, 2014), tem como objetivo a captação de novos atletas (CPB, 2018b); c) a criação da Academia Paralímpica Brasileira (APB), que tem como objetivo o fomento e o desenvolvimento das áreas de educação e formação, produção científica e tecnológica dentro do CPB (CPB, 2012); d) a criação do Programa Ouro que visa atender atletas de modalidades individuais com chances reais de pódio. Para estes são disponibilizados equipe multiprofissional para lhes auxiliar na preparação e recursos para compra de equipamentos esportivos (CPB, set/out, 2011, p. 18-19).

Os JP de Londres-2012, foram considerados um sucesso em termos de espectadores, cobertura da mídia e *performances* de atletas (IPC, 2013). A delegação brasileira saiu dos mais competitivos JP da história com um salto qualitativo no desempenho. Mesmo que terminando a competição com um

total de medalhas inferior às 47 obtidas em Pequim-2008, os atletas saíram de Londres com um maior número de ouros (21) e um desempenho geral que garantiu ao país a sétima posição no quadro de medalhas, a melhor colocação da história, dois postos à frente de Pequim e atingindo a meta estabelecida pelo CPB (CPB, 2012).

A meta para os JP-Rio 2016 empreendida pelo CPB, era a quinta colocação no quadro geral de medalhas. Para tanto, era necessário haver condições para que esse feito fosse concretizado, pois apesar de todo progresso alcançado pelo movimento paralímpico brasileiro, o país enfrentava dificuldades com a captação de recursos financeiros, a falta de instalações esportivas e de renovação de atletas (CPB, 2010).

No ano de 2012 foi lançado o Plano Brasil Medalhas que tinha como objetivos colocar o país entre os dez primeiros nos JO e entre os cinco primeiros no JP do Rio de Janeiro, em 2016, além de fomentar a formação de atletas e estruturar centros de treinamentos (BRASIL, 2017). Com esse plano o CPB pode contar com os recursos financeiros que beneficiaram os atletas brasileiros, principalmente, através das alterações nas condições de recebimento do Bolsa Atleta e na criação do Bolsa Pódio, ambas instituídas pela Lei nº 12.395 de 16 de março de 2011 (BRASIL, 2011).

O Bolsa Atleta, beneficiou quase 91% dos atletas que representaram o Brasil nos JP Rio-2016 e por meio do Bolsa Pódio houve a contratação de técnicos e equipes multidisciplinares, compra de equipamentos e materiais esportivos e viagens para treinamentos e competições. E também a construção, reforma e equipagem de centros de treinamento de várias modalidades e complexos multiesportivos (BRASIL, 2017).

Nessa perspectiva, o primeiro Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro (CTPB) foi construído na cidade de São Paulo, com instalações esportivas indoor e outdoor que servem para treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e seleções em 15 modalidades paralímpicas (Atletismo, basquete, esgrima, rúgbi e tênis em cadeira de rodas, bocha, natação, futebol de 5, futebol de 7, goalball, halterofilismo, judô, tênis de mesa, triatlo e vôlei sentado). Conta ainda com alojamentos com capacidade para 280 pessoas, refeitório, lavanderia e setor administrativo com salas, auditórios e outros espaços de apoio (CPB, 2018c).

Mesmo com a sua inauguração próxima ao início dos JP do Rio-2016, a delegação brasileira pode usufruir do CTPB em sua fase final de preparação (VARGAS, 2016). Nessa edição, 286 atletas representaram o país em todas as modalidades presentes no calendário da competição. Destaque para as modalidades canoagem, ciclismo, halterofilismo e voleibol sentado que tiveram suas primeiras conquistas em JP; e para Daniel Dias (natação, classe S5) que se tornou o maior nadador paralímpico masculino, com 24 medalhas.

Ao todo, foram conquistadas 72 medalhas, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. A CPB não alcançou a quinta colocação geral, todavia, em toda história de participação brasileira nos JP, foi nesses Jogos que o país conquistou o maior número de medalhas.

É notável o crescimento do movimento paralímpico brasileiro, desde o seu surgimento na década de 50 até os dias atuais, essa evolução se deve aos esforços pessoais de ações conjuntas do Estado, das entidades esportivas, das associações, confederações e do CPB que juntos, trabalham em prol do desenvolvimento e aperfeiçoamento dos atletas brasileiros. Entretanto, essas ações parecem ter beneficiado muito mais os atletas de elite do que a base.

3.3 A divulgação midiática dos Jogos Paralímpicos

Desde os jogos em Atlanta-2000, os eventos esportivos, ao mostrarem sua capacidade de entretenimento, passaram a ser vistos como conteúdo que podem ser explorados pelos meios de comunicação sob a forma de espetáculos. Os espetáculos são fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos (KELLNER, 2004).

Essa combinação de rendimento com espetáculo, origina o esporte-espetáculo, uma manifestação que depende de esquemas comerciais para se estabelecer na sociedade. Nessa perspectiva, o esporte se torna um produto e os meios de comunicação acabam se tornando ferramenta imprescindível para sua divulgação, fazendo com que coexista uma interdependência entre mídia, exposição e acúmulo financeiro (MULLER, 1996).

Tal potencial implica uma necessidade de divulgação midiática, com pretensões a gerar visibilidade, e assim, atrair espectadores, patrocinadores, investidores. Para que se mantenham em consonância com os interesses desses consumidores é preciso a) a criação ídolos, isto é, a personificação de exemplos a serem seguidos pela sociedade; b) avanços científicos e tecnológicos para melhorar a *performance* dos atletas; c) vender produtos e serviços provenientes desses avanços tecnológicos, entre outros requisitos (TUBINO, 1993; GURGEL, 2009; ROCCO JÚNIOR; SANTOS, 2017).

Os JP, não fogem à regra, e também dependem da divulgação midiática para expandir os seus ideais inclusivos, esportivos e interesses comerciais (MARQUES et al, 2013). No entanto, o seu potencial mercadológico ainda não é tão explorado pelos meios de comunicação, devido ao preconceito histórico de que ter deficiência é sinônimo de fragilidade, incapacidade, sofrimento, tragédia (MARQUES et al, 2009; FARIA; CARVALHO, 2010, PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011).

Diante desse fato, a divulgação do esporte paralímpico se coloca como uma necessidade. Como a mídia é um instrumento de alcance mundial, ela pode influenciar na construção de um novo olhar sobre a questão da deficiência e da própria pessoa com deficiência. Tal ação pode contribuir com a ruptura dos estigmas da incapacidade que ainda persistem desde os primórdios da humanidade (CAMBRUZZI, 2011; MARQUES et al, 2013).

No entanto, para que de fato os benefícios da visibilidade se estabeleçam é necessário que o esporte paralímpico seja compreendido, por aqueles que fazem as notícias, nesse caso os profissionais da mídia (VIVARTA, 2003), caso contrário as informações poderão chegar aos leitores de forma incoerente e/ou fragmentadas (MARQUES et al, 2009; 2012). Para Marques et al (2009; 2012) e Vivarta (2003) muitos desses profissionais, desconhecem o real significado e os elementos presentes no contexto paralímpico, principalmente, o caráter de rendimento e não somente de afirmação social (FIGUEIREDO e NOVAIS, 2009).

A concepção do atleta com deficiência, transmitida pela mídia, denota a construção de um herói, porque consegue superar as adversidades causadas pela deficiência (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011; SILVA; HOWE, 2012). Essa visão sensacionalista e sentimentalista faz com que

sejam vistas de forma preconceituosa e estereotipada (FIGUEIREDO e NOVAIS, 2009; FIGUEIREDO, 2014).

Esse retrato deixa a sensação de que mesmo as pessoas com deficiência que atingiram os mais altos níveis de funcionalidade, como os atletas paralímpicos, somente terão espaço nos meios de comunicação mediante a comprovação de suas capacidades, ou seja, sempre terão que provar para sociedade o quanto podem ser funcionais e contribuir para a manutenção econômica da mesma (BIANCHI; HATJE, 2006; MARQUES et al, 2015; MARQUES, 2016; MACHADO, 2012; SILVERSTONE, 2002).

Nos tópicos a seguir, serão abordados em nível internacional e nacional, como vem sendo divulgado os JP. A perspectiva é mostrar como os meios de comunicação se interessam pelo evento e, quais medidas foram adotadas pelos órgãos que o gerenciam o movimento paralímpico para atrair atenção da mídia.

3.4 A divulgação midiática dos Jogos Paralímpicos no mundo

O interesse em cobrir os JP teve início na edição de Tóquio-1964. Algumas redes de rádio e televisão japonesas cobriram o evento, entretanto, não temos dados que indiquem quais provas ou modalidades foram noticiadas (BARRETO, 2016). Já nas edições de Tel Aviv-1968, Heidelberg-1972 e de Arnhem-1980 não houve relatos sobre a cobertura da mídia.

Os JP de Toronto-1976 foram transmitidos diariamente, atingindo mais de 600.000 espectadores. Na edição de Nova Iorque/Stoke Mandeville-1984, houve interesse das principais redes de televisão e jornais dos Estados Unidos, bem como dos meios de comunicação internacionais (IPC, 2018f).

A partir da edição de Seul-1988, a mídia ampliou sua cobertura e espectadores do mundo todo puderam acompanhar algumas provas pela televisão (FERRAZ, 2006).

As edições seguintes mostraram que os JP pareciam estar adquirindo características de espetáculo esportivo, como no caso de Barcelona-1992, em que a cerimônia de abertura, reuniu mais de 65.000 pessoas e várias emissoras de televisão transmitiram ao vivo algumas competições (FERRAZ, 2006). Já em Atlanta-1996, trinta e cinco emissoras de rádio e TV compraram

os direitos de transmissão do evento (MARQUES et al, 2015) o que impactou no aumento do tempo de cobertura por emissoras de televisão (IPC, 2018). De acordo com Schantz e Gilbert (2001) apud Buysse e Borchering (2010) que analisaram durante um período de 6 semanas 104 matérias e 25 fotografias publicadas em 8 jornais franceses e alemães, verificaram que os atletas de modalidades disputadas em cadeiras de rodas foram mais retratados e as fotografias escondiam a deficiência.

A partir de Sydney-2000, a mídia começou a olhar para o esporte paralímpico como um produto que lhe poderia ser rentável. Nessa edição, o público pôde assistir a mais de 100 horas de competição por meio de serviços de *streaming* de vídeo e o site oficial, atraiu cerca de 300 milhões de acessos durante os Jogos (IPC, 2018). Conforme Thomas e Smith (2003) apud Buysse e Borchering (2010), a divulgação midiática enaltecia as conquistas dos atletas usando descrições médicas da deficiência e as comparava com atletas sem deficiência.

Nos JP de Atenas-2004, cerca de 3.103 representantes da mídia trabalharam na cobertura do evento e um total de 617 horas foram transmitidas em 25 países (IPC, 2018l) além disso, todas os eventos com disputa de medalhas tiveram cobertura da mídia. Isso mostra que a cada edição, o interesse pelos JP foi aumentando.

Nos JP de Pequim-2008, oitenta países dos cinco continentes receberam informações sobre as competições. Por exemplo, houve transmissão através do canal de TV online do IPC, que oportunizou o acesso via internet; e a mídia chinesa, por exemplo, transmitia parte dos jogos diariamente em diferentes canais de televisão, transmitindo aproximadamente 22 horas de cobertura (IPC, 2018j). Em termos de divulgação, Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011) e Buysse e Borchering (2010) ao analisarem textos e fotografias de jornais europeus, verificaram que a deficiência era ocultada nas fotografias, e os atletas eram retratados em ações fora do âmbito esportivo além de privilegiarem atletas que disputaram modalidades em cadeira de rodas.

Em Londres-2012, a mídia digital, começou a ser parte indissociável da divulgação dos Jogos. Com a utilização das redes sociais, Facebook, Twitter, e os canais *online*, o IPC conseguiu atingir mais de 100 milhões de usuários

(IPC, 2018). Tynedal e Wolbring (2013) ao analisarem a cobertura midiática dos atletas com deficiência de um jornal americano, apontaram que os atletas foram retratados como vítimas ou super-heróis, porque com o seu próprio esforço, dedicação e vontade, superaram obstáculos impostos pela deficiência.

Os JP do Rio-2016 foram um sucesso em termos de visibilidade, pois cerca de 2,1 milhões de ingressos foram vendidos, 680 horas de competições foram transmitidas ao vivo e em alta definição no site do IPC (CARDOSO et al, 2018). Os canais digitais do IPC tiveram mais de 1 bilhão de acessos. Um total de 154 países receberam informações sobre os Jogos via rádio, televisão e mídia digital (IPC, 2018k).

3.5 A divulgação dos Jogos Paralímpicos no Brasil

Pensando em aumentar a visibilidade do esporte paralímpico, o CPB criou estratégias que incluíram a elaboração de peças promocionais e publicitárias¹⁴ e a compra dos direitos autorais de transmissão dos JP de Atlanta-1996, de Sydney-2000, de Atenas-2004, de Pequim-2008 e dos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro e Guadalajara (JUNIOR, 2012).

Em 1996, o comitê custeou os gastos da equipe de televisão TVE¹⁵ para cobrir a delegação brasileira em Atlanta. Não houve transmissão ao vivo, mas por meio do sinal de satélite em determinados horários eram disponibilizadas as imagens para as emissoras interessadas. Ainda, o CPB convidou quatro jornais – O Globo (RJ), O Estado de S. Paulo (SP), O Correio Braziliense (DF) e o Fluminense (RJ) – e levou dois jornalistas e dois fotógrafos que geraram textos e imagens que foram distribuídos para 100 jornais do Brasil (MIRANDA, 2011).

¹⁴ Essas peças publicitárias, incluíram campanhas de mídia, criação da revista Brasil Paraolímpico, que teve circulação entre os anos de 1997 e 2012, o material didático-pedagógico Paraolímpicos do Futuro.

¹⁵ Inaugurada oficialmente em 1974, a TVE atua de acordo com os princípios éticos definidos pela Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais. Seus programas, tem como base a integração e a inclusão social, sendo reconhecidos pela pluralidade, diversidade e valorização das culturas regionais e da identidade nacional (FUNDAÇÃO PIRATINI, 2018).

Para os JP de Sydney-2000, o CPB convidou 27 jornais e 2 emissoras de televisão (MIRANDA, 2011). Esse convênio com a mídia propiciou o conhecimento do esporte paralímpico, possibilitando um reconhecimento dos feitos dos atletas por parte dos órgãos governamentais e pela população brasileira (COSTA; SANTOS, 2002).

Em 2004, objetivando que o movimento paralímpico fosse divulgado, o CPB comprou os direitos de transmissão dos JP de Atenas-2004 (CPB, set/out, 2004, p. 21-23; HILGEMBERG, 2017). Para tanto, contratou a produtora de vídeo Íntegra Produções para captar, editar e transmitir gratuitamente imagens dos JP de Atenas, para as emissoras brasileiras interessadas. Além disso, oito emissoras abertas e fechadas foram convidadas pelo Comitê para cobrirem a competição (Rede TV, Record, TVE, TV Nacional, Sport TV, Rede Gazeta, NSB e Rede Bandeirantes); outros dez veículos também foram convidados, Rádio Eldorado, Rádio CBN, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Lance!, Estado de Minas, Diário de Pernambuco, Tribuna do Norte, Jornal de Brasília, O Dia, O Globo e o portal UOL (HILGEMBERG, 2017).

Em Pequim-2008, foram credenciadas mais de 60 pessoas dos mais diversos setores de mídia – televisão, jornal, rádio, internet – revelando já uma parte considerável de mídia espontânea (MIRANDA, 2011). E o CPB levou nove jornalistas convidados das emissoras Band, RedeTV, Record, TV Brasil, SBT, CBN, e do jornal O Globo (HILGEMBERG, 2017).

A partir de 2012, o CPB não precisou mais comprar os direitos autorais, no entanto, ainda convidava jornalistas, custeando todos os gastos como passagem, hospedagem, traslado hotel-aeroporto e diária de viagem, para cobrir os Jogos (HILGEMBERG, 2017). Na edição dos JP de Londres-2012, as emissoras TV Globo e TV Brasil compraram os direitos de transmissão do evento. Segundo Dias (2013), ao analisar a cobertura televisiva dessas percebeu que elas tiveram focos diferentes em sua cobertura. Enquanto a TV Brasil focou sua cobertura em mostrar não só os lances e resultados das competições, mas também as implicações de sua ocorrência para o país, para a cidade que a sediou, principalmente, se houve alguma mudança após o ocorrido. A TV Globo focou nos principais lances dos jogos, atletas que mais se destacaram, nos resultados, na novidade, no inusitado e em fatos que

poderiam despertar a emoção do público, com histórias de superação, personagens entre outros relatos.

Na Rio-2016, a TV Brasil e a Globosat (SporTV), do Grupo Globo, detinham os direitos do evento, e a TV Brasil foi o único canal da televisão aberta a transmitir o evento. Os canais de TV aberta e fechada transmitiram 247 horas de cobertura, que alcançaram um recorde de 472 milhões de espectadores (MARRA, 2016; CARDOSO et al, 2018).

Em suma, a visibilidade do esporte paralímpico tem aumentado a cada edição dos Jogos, mas ainda há pouca divulgação e comercialização do movimento paralímpico (MARQUES et al, 2012; MARQUES et al, 2014). Além disso, cabe ressaltar que geralmente os atletas têm sido retratados como seres inferiores, isto é, há enfoque na deficiência em detrimento da sua *performance*, além de centralizarem naqueles atletas que ocupam o pódio, que quebram recordes ou que se envolvem em algum episódio polêmico (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; FIGUEIREDO, 2014).

4 MATERIAL E MÉTODOS

Nesta seção será apresentado como se deu o processo de escolha das fontes, da coleta, da análise e da interpretação dos dados, de forma a compreender o discurso midiático frente aos JP presente no Caderno de Esportes do jornal O Globo.

4.1 Caracterização do estudo

Esta pesquisa tem como característica a abordagem qualitativa que, segundo Neves (1996), compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo. Ainda, se insere no campo da pesquisa social, que de acordo com Gil (2008) é um processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social, ou seja, tenta compreender aspectos relativos aos homens em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais.

Nesse sentido, os JP, enquanto objeto de estudo, se constituem como um fenômeno marcado por valores socioculturais, que desde o seu surgimento vêm sofrendo transformações na sua estrutura organizacional, no seu sentido e no seu significado, e, portanto, diferentes compreensões e relações com a sociedade têm sido estabelecidas (PARSONS; WINCKLER, 2012; COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011; MARQUES et al, 2009). Porém, é um assunto ainda pouco explorado na literatura, por esta razão, nossa pesquisa se configura pelo caráter exploratório-descritivo.

A pesquisa exploratória-descritiva, tem por finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores e também, descrever ou estabelecer relações entre variáveis (MARQUES; GUTIERREZ, 2014; GIL, 2008).

4.2 Etapas da pesquisa

Para melhor compreensão dos procedimentos adotados no desenvolvimento da pesquisa, os organizamos em etapas, conforme desenho apresentado na Figura 5.

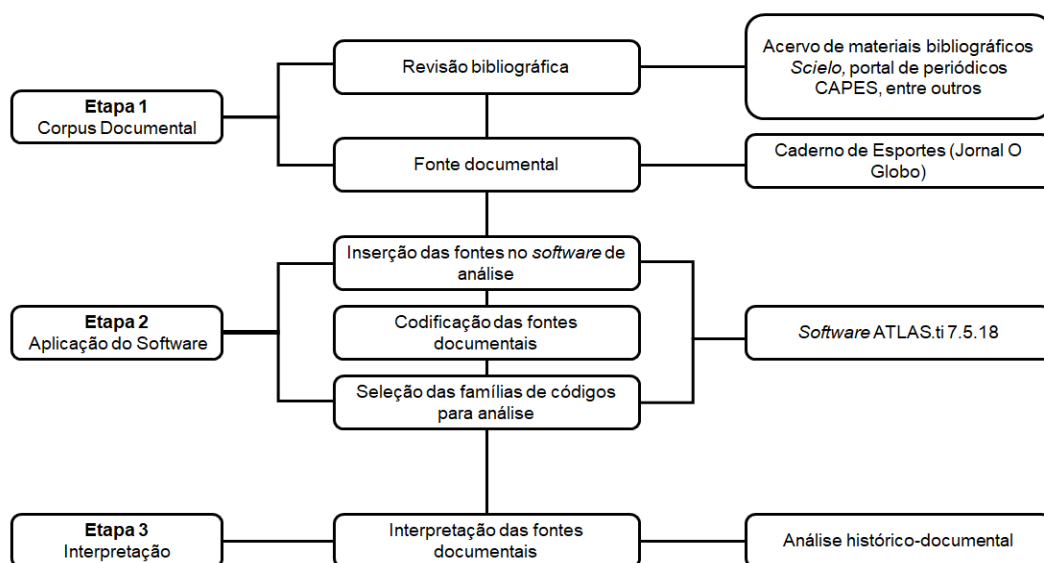


Figura 5 – Desenho das etapas da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

a) **Corpus documental da pesquisa**

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica em base de dados de revistas científicas, de teses e de dissertações, além de livros e de revistas, publicados em língua portuguesa entre os anos 2008 e 2018, a fim de conhecer o objeto de pesquisa: o discurso midiático dos JP. Para tanto, no que diz respeito aos artigos, teses e dissertações, os descritores: “Jogos Paralímpicos”, “Jogos Paraolímpicos”, “Paraolimpíadas”, “Paralimpíadas”, “Esporte Paralímpico” e “Mídia” foram utilizados de forma combinada ou isolada nas bases de dados, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e nos portais de periódicos e de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Foram encontradas 3765 artigos, teses e dissertações, e após a leitura dos títulos, dos resumos e da exclusão de trabalhos duplicados, 30 fontes foram lidas na íntegra e, ao final, apenas 07 artigos (Apêndice A) se relacionaram com o objeto de pesquisa. Essas fontes, nortearam o entendimento dos elementos e conceitos presentes no objeto de estudo e auxiliou a definir quais fontes documentais seriam coletadas para serem analisadas.

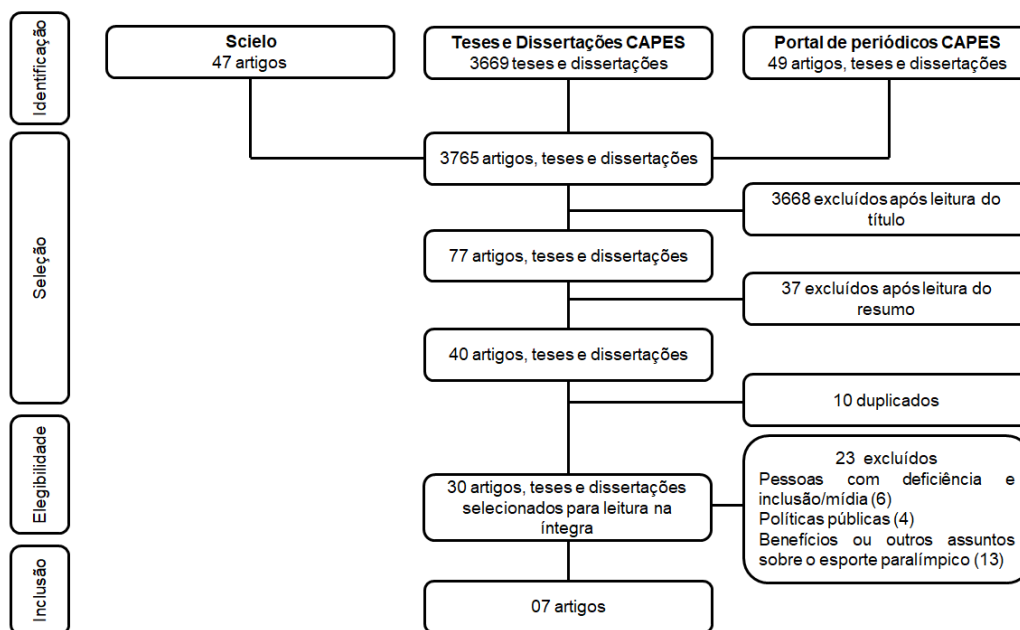


Figura 6 – Fluxograma de análise da etapa de revisão bibliográfica
Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme Barros (2012), as fontes podem ser qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. Assim, optamos por utilizar fontes produzidas pelos meios de comunicação de massa. Pois, conforme (BERNSTEIN; MILZA, 1999; CAMBRUZZI, 2011; BIANCHI; HATJE, 2006; MARQUES et al, 2015; MARQUES, 2016) as fontes provenientes de jornais, de revistas, de programas de rádio e de televisão, constituem-se como importante fonte de dados, devido a sua capacidade de exercerem forte influência na vida social e possibilitarem ao pesquisador, conhecer variados aspectos presentes na sociedade (BORELLI, 2001; GIL, 2008).

Dessa forma, escolhemos como fontes documentais, reportagens¹⁶ veiculadas no acervo *online* do jornal O Globo¹⁷. Selecionado, por ser o

¹⁶ Conforme Felix (2018) uma reportagem jornalística se caracteriza por reunir detalhes e abordagens (informativa ou opinativa), pontos de vista, indagações, dados, gráficos, inúmeras fontes diretas e indiretas. Possuem a liberdade de usar temas atemporais e são dirigidas a um público específico. Leva-se em consideração a credibilidade do veículo e do jornalista.

¹⁷ O jornal "O Globo" foi lançado no dia 29 de julho de 1925, pelo jornalista Irineu Marinho, na cidade do Rio de Janeiro. Após um desentendimento entre os seus antigos sócios do jornal "A Noite". O qual lhes vendeu suas ações com a promessa de recompra e por não ter sido efetivada, decidiu criar o próprio jornal (MEMÓRIA O GLOBO, 2013a).

segundo jornal com maior circulação no país, média de 193.079 exemplares (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, 2017); ser um dos jornais convidados pelo CPB para cobrir os JP, desde a edição de Atlanta em 1996 (MIRANDA, 2011) e, por ter sede na cidade na qual, ocorreu os Jogos de 2016, Rio de Janeiro.

O acervo online do jornal O Globo, é um site que permite o acesso à versão digital de todas as páginas e reportagens do referido jornal, desde a sua primeira edição em 1925. As páginas digitalizadas são organizadas por edição e podem ser acessadas de duas formas: pela data, usando a ferramenta de busca por edição; ou na pesquisa por termos e palavras-chaves. As reportagens consistem em fragmentos das páginas digitalizadas (ACERVO O GLOBO, 2018).

Desse modo, utilizamos na ferramenta “pesquisar” as palavras-chaves: “Jogos Paralímpicos”, “Jogos Paraolímpicos”, “Paralimpíadas” e “Paraolimpíadas¹⁸” e selecionamos as páginas digitalizadas, publicadas no período compreendido entre os dias 01 de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2016. O recorte, se deu devido os anos de 2012 e 2016 terem ocorrido as 14^a (Londres, Inglaterra) e 15^a (Rio de Janeiro, Brasil) edições dos JP e o intervalo de tempo entre uma edição e outra, ser considerado um ciclo paralímpico. Nesse período, os atletas buscam prioritariamente, índices e melhorias no seu desempenho esportivo, a fim de conquistar vaga na competição paralímpica. Para tanto, campeonatos regionais, mundiais e eventos testes são realizados.

Foram coletadas 2095 páginas contendo reportagens sobre os JP (Quadro 1), as mesmas abrangeram todos os cadernos do jornal O Globo. Para facilitar a organização dessas fontes documentais, as páginas foram nomeadas de acordo com: o dia, o mês, o ano, a palavra-chave utilizada e o caderno. Posteriormente, as mesmas foram separadas em pastas por ano e por caderno. Por fim, foi realizada uma leitura prévia de todas as reportagens com o intuito de conhecer o conteúdo presente nas mesmas.

¹⁸ Na norma culta da língua portuguesa o termo correto é “Paraolímpico”, no entanto, para que houvesse universalização do termo e desvinculação da ideia provocada pelo prefixo de paralelo aos Jogos Olímpicos, a partir de 2011 adotou-se o termo *Paralímpico*.

Quadro 1 – Distribuição das páginas sobre os JP nos cadernos do jornal O Globo publicadas nos anos de 2012 a 2016.

Cadernos	2012	2013	2014	2015	2016	Nº de páginas
Esportes	170	120	63	135	507	995
Rio	28	20	35	55	207	345
Jornais de Bairro	06	20	11	28	139	204
Segundo Caderno	13	4	4	12	74	107
Opinião	6	7	8	17	59	97
Primeira Página	6	-	6	-	69	81
O País	2	3	12	5	47	69
Economia	6	2	-	15	34	57
Segunda Página	16	2	3	10	18	49
Rio Show	-	-	1	1	20	22
Boa Chance	1	7	4	1	4	17
O Mundo	2	2	2	3	1	10
Revista O Globo	2	2	-	-	5	9
Negócios e Leilões	-	-	-	2	3	5
Marketing	-	1	-	-	4	5
Boa Viagem	-	-	-	-	4	4
Morar Bem	-	-	-	2	2	4
Sociedade	-	-	1	1	2	4
Globo Amanhã	1	1	1	-	-	3
Revista da TV	1	2	-	-	-	3
Ela	-	-	-	-	2	2
Cultura	-	-	1	-	-	1
Razão Social	1	-	-	-	-	1
Saúde	1	-	-	-	-	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a organização e leitura das fontes documentais, constatamos que, 48% das páginas foram veiculadas no Caderno de Esportes, justificando-se por ser um tema, relacionado à *performance* de atletas em competição esportiva. Entretanto, nos Cadernos Rio (16%), Jornais de Bairro (10%) e Segundo Caderno (5%), houve um número significativo de publicações sobre o assunto. Esse fato motivou a equipe a verificar, nesses cadernos, como os JP estavam sendo retratados, para que no final pudessem decidir qual ou quais os cadernos analisariam.

Nos Cadernos Rio, se concentram notícias sobre o clima das cidades cariocas, assuntos polêmicos, avisos fúnebres e religiosos, além de campanhas publicitárias. O Caderno, tem circulação de segunda a domingo, possui em média 694 mil leitores, os quais 74% pertencem às classes

econômicas B¹⁹ e C, 27% têm entre 30 e 39 anos, 51% são do sexo feminino e 44% possuem nível superior (INFOGLOBO, 2018a).

A respeito do evento paralímpico, as reportagens veiculadas no Caderno Rio, informam sobre a construção das instalações e o esquema de segurança para os Jogos, a acessibilidade da cidade e do sistema de transporte público para recepcionar as pessoas com deficiência e, os possíveis legados a serem deixados após a realização dos eventos esportivos (JO e JP).

Os Cadernos Jornais de Bairro, foram criados em março de 1982 com a finalidade de dar visibilidade aos acontecimentos do dia a dia das comunidades cariocas e das cidades próximas. Esses Cadernos, enfocam questões envolvendo políticas públicas, notícias sobre a região, divulgação de eventos e de campanhas publicitárias de empresas situadas nos arredores de onde circulam (MEMÓRIA O GLOBO, 2013b). Os Cadernos Jornais de Bairro, são divididos em Barra, Tijuca, Zona Sul e Niterói, eles se diferenciam em relação aos dias de circulação e ao número e perfil de leitores, pois cada um engloba diferentes regiões cariocas.

Nos Cadernos Jornais de Bairro, os JP foram noticiados mostrando a história de vida de atletas paralímpicos, a preparação de atletas em busca de vaga para os JP do Rio 2016, as oportunidades de acesso a esportes adaptados, a preparação da cidade do Rio de Janeiro para os JP, principalmente, no que diz respeito a criação de espaços acessíveis e os possíveis legados após os Jogos do Rio.

O Segundo Caderno, apresenta notícias sobre eventos culturais, como cinema, teatro, dança e shows, há também um espaço de entretenimento, o qual mostra os destaques da TV, a agenda da semana, o horóscopo do dia, as charges de cunho, sobretudo, político, além de entretenimento para os leitores como, jogos de palavras cruzadas. O Segundo Caderno, circula de segunda a domingo, tem aproximadamente 292 mil leitores, 69% dos leitores

¹⁹ Critério adotado com base na Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas, representa a atividade de pesquisa de mercado, opinião e mídia no país (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS E PESQUISAS, 2018). A classe B corresponde aqueles que possuem renda domiciliar mensal entre R\$5.363,19 e R\$10.386,52.

pertencem às classes econômicas B e C, 26% têm mais de 60 anos, 66% do sexo feminino e 52% possuem nível superior (INFOGLOBO, 2018b).

Sobre os JP, foram abordados assuntos referentes a estreia do documentário “Paratodos”, o qual apresenta as histórias de vida de atletas paralímpicos em busca do índice para os JP do Rio de Janeiro em 2016, e também mostrou uma polêmica envolvendo Alan Fonteles, na qual o mesmo foi barrado ao tentar tirar fotos em uma área fechada ao público. Por fim, destacou uma matéria que seria exibida no programa “Esporte Espetacular”, da rede Globo de televisão, com a atleta Susana Schnarndorf.

Após verificar os referidos cadernos, optou-se por analisar apenas as reportagens publicadas no Caderno de Esportes, devido a aproximação com o nosso objeto de pesquisa e ao número de publicações. O Caderno de Esportes, tem circulação diária, possui aproximadamente 408 mil leitores, destes 85% são homens com idade superior a 30 anos, ensino fundamental ou médio completo e, pertencentes à classe social C²⁰ (INFOGLOBO, 2017).

Com o intuito, de conhecer o Caderno de Esportes, foi verificada a quantidade e os assuntos publicados durante os anos de 2012 a 2016. Para tanto, houve, novamente, o acesso ao acervo *online* do jornal O Globo e utilizou-se as mesmas estratégias de buscas mencionadas anteriormente (Tabela 2). Nota-se, que no decorrer dos anos, as publicações sobre os JP foram aumentando, sendo esse percentual maior no ano de 2016, o que pode ser justificado pelo evento ter sido realizado na cidade do Rio de Janeiro, observamos também, que apenas 6,9% das publicações foram sobre os JP.

²⁰ Critério adotado com base na Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas, representa a atividade de pesquisa de mercado, opinião e mídia no país (ABEP, 2018). A classe C corresponde aqueles que possuem renda domiciliar mensal entre R\$1.625,00 e R\$2.705,00.

Tabela 2 – Distribuição do número de páginas veiculadas no caderno de esportes do jornal O Globo publicadas nos anos de 2012 a 2016.

Ano	Todos os assuntos	Jogos Paralímpicos	Percentual entre todos os assuntos e Jogos Paralímpicos
2012	3209	170	5,3%
2013	3327	120	3,6%
2014	3298	63	1,9%
2015	1832	135	7,4%
2016	2691	507	18,8%
Total	14357	995	6,9%

Fonte: Dados da pesquisa.

As notícias sobre o futebol ocuparam a maior parte das publicações, sobretudo a respeito das equipes cariocas e do campeonato estadual. Entretanto, no ano de 2014, ano em que aconteceu a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, as reportagens sobre a modalidade foram muito mais frequentes. Elas traziam notícias sobre as seleções participantes do evento e destacava a preparação da Seleção Brasileira, mostrando escalações, táticas de jogo, perfil dos atletas, entrevistas com dirigentes, técnicos, atletas e/ou torcedores.

Houveram ainda, notícias sobre campeonatos estaduais, regionais, mundiais, JO. No ano de 2015, além de noticiar a realização de eventos testes e a preparação da cidade do Rio de Janeiro para os Jogos de 2016, foram noticiados também, os Jogos Pan e Parapan-Americanos.

Após essa verificação, as páginas publicadas no Caderno de Esportes foram reorganizadas (Tabela 3) em pastas e separadas por ano e mês de circulação. Posteriormente, foram novamente lidas a fim de verificar a existência de páginas duplicadas (conteúdos similares ou idênticos publicados em outras edições e/ou disposto em locais diferentes) e também, para conhecer os assuntos presentes no Caderno sobre os JP, sendo esta etapa considerada a avaliação preliminar das fontes.

Tabela 3 – Distribuição do número de páginas do caderno de esportes do jornal O Globo após verificação de páginas repetidas e/ou com conteúdo similar a outras edições.

Ano	Páginas encontradas	Páginas excluídas	Páginas analisadas
2012	170	70	100
2013	120	40	80
2014	63	19	44
2015	135	52	83
2016	507	222	285
Total	995	403	592

Fonte: Dados da pesquisa.

Posterior a avaliação preliminar, as fontes documentais foram inseridas no *software* ATLAS.ti 7.5.18, para serem analisadas.

b) A aplicação do *software* ATLAS.ti 7.5.18

O ATLAS.ti 7.5.18 é um *software* com ferramentas que auxiliam na organização, no gerenciamento e no agrupamento dos materiais (áudios, vídeos, textos, imagens) a serem analisados. Permite ao pesquisador autonomia na escolha dos objetivos, dos códigos e das categorias de análise, gerando redes que facilitam a visualização e interpretação do material (GILZ, 2007; POCRIFKA; CARVALHO, 2014; FRIESE, 2015).

As categorias de análises são divididas em famílias e códigos, criadas com base no conhecimento teórico do pesquisador (SILVA, 2015). Podem ser predeterminadas ou emergirem a partir da análise das fontes, como por exemplo, os códigos *in vivo*²¹ (SILVA; MAZO; ASSMANN, 2018). Os códigos são conceitos, classificações, palavras-chave e/ou temas que se inserem no problema de pesquisa. As famílias agrupam e classificam esses códigos com ideias e significados semelhantes (BARBOSA, 2006).

O processo de análise, funciona da seguinte maneira: após a inserção das fontes documentais no *software* ATLAS.ti 7.5.18, o pesquisador criará os códigos e as famílias; após isso, o pesquisador realizará a leitura das fontes documentais uma a uma e selecionará trechos e/ou palavras que expressem

²¹ Códigos que emergem durante a análise, onde o pesquisador seleciona na fonte documental, algum trecho ou palavra que poderá ser utilizado como códigos ou conceitos.

ideias importantes para a compreensão do seu problema de pesquisa. Após essa seleção, serão adicionados os códigos predefinidos ou que emergirem no decorrer da análise. Durante o processo de análise, o pesquisador poderá utilizar a ferramenta de auxílio, “*memos* (anotações)”, que são notas criadas pelo pesquisador, na qual esboça a sua opinião e/ou reflexão a respeito de um trecho selecionado ou da análise em si (BARBOSA, 2006).

Cada família e código teve o seu conceito inserido no *software* para ao final da análise, facilitar a compreensão do problema de pesquisa. As anotações, foram utilizadas em trechos que despertaram dúvidas ou reflexões sobre determinados assuntos ou informações, como por exemplo, o nome e a modalidade dos atletas e o uso de terminologias inadequadas referente às pessoas com deficiência.

Em nossa primeira análise, foram criadas 19 famílias (Gráfico 2) e um total de 1273 códigos. Esse grande número de códigos se deu pela série de especificações atribuídas a cada assunto, como exemplo, na família, “recursos financeiros”, os códigos especificam formas de captação dos recursos (investimentos financeiros, patrocínios, apoios) e de sua proveniência (iniciativa privada, estatal ou pública).

Em virtude desse quantitativo de famílias e códigos, esses foram reorganizados adotando os seguintes critérios:

- a) Os códigos específicos foram reagrupados nos seus códigos matriz, como por exemplo, no caso do código “investimento financeiro” que tinha as variações estatal, público, público estadual, público federal, público municipal e privado. Estes foram todos enquadrados no código investimento financeiro;
- b) Os códigos com semelhanças no conteúdo foram realocados e se tornaram um único código, por exemplo, herói, ídolo, exemplo, modelo, estrela, se tornaram o código “ídolo”.

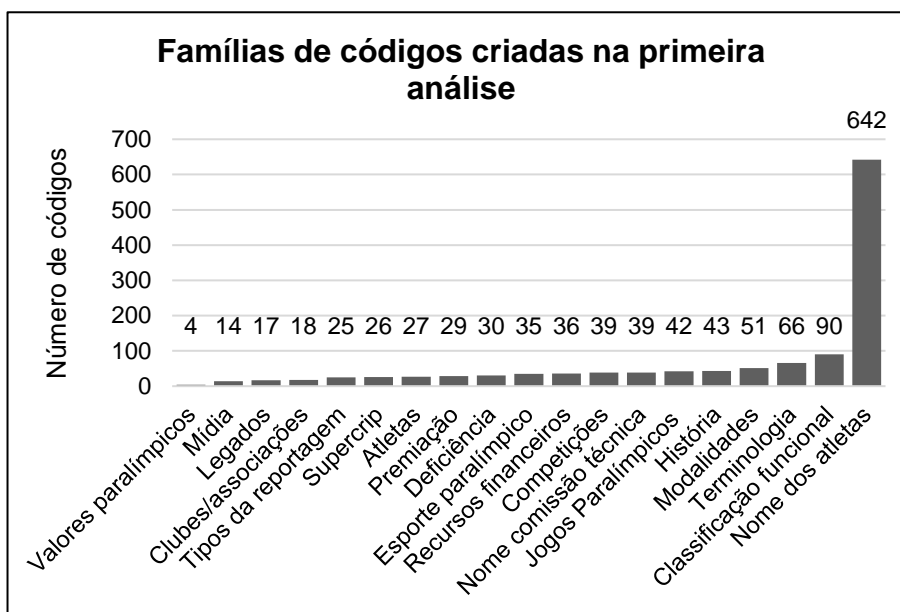


Gráfico 2 – Frequência das famílias de códigos estabelecidas na primeira codificação organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18
 Fonte: Dados da pesquisa.

Após a reorganização, que resultou na redução do número de famílias e de códigos (16 famílias e 171 códigos), as famílias foram divididas em dois grupos: “Caracterização das Reportagens” e “Análise” (Figura 7). No primeiro grupo, os códigos especificam o nome dos atletas, as modalidades esportivas, a deficiência (física, visual e intelectual), o sexo (homem e mulher), a existência e o contexto das fotos nas reportagens, o foco das reportagens (principal ou secundário) e o nome de cadernos especiais e colunas presentes no Caderno de Esportes do jornal O Globo. No segundo grupo, os códigos especificam possíveis assuntos a serem analisados, como por exemplo, doping, notícias policiais envolvendo atletas paralímpicos, os valores paralímpicos (igualdade, determinação, coragem e inspiração), entre outros.

Essa organização, facilitou o processo de escolha das famílias que foram analisadas. Dessa forma, foram selecionadas aquelas famílias cujos códigos, aparecem com maior frequência e apresentam uma densidade teórica mais profunda com o problema de pesquisa (o discurso midiático sobre os JP) assim, foram eleitas as famílias: “Esporte Paralímpico” e “*Supercrip*”. E as famílias “Modalidades Paralímpicas”, “Nome dos Atletas”, “Deficiência” e “Tipo de Reportagem” foram utilizadas para caracterizarmos as reportagens.

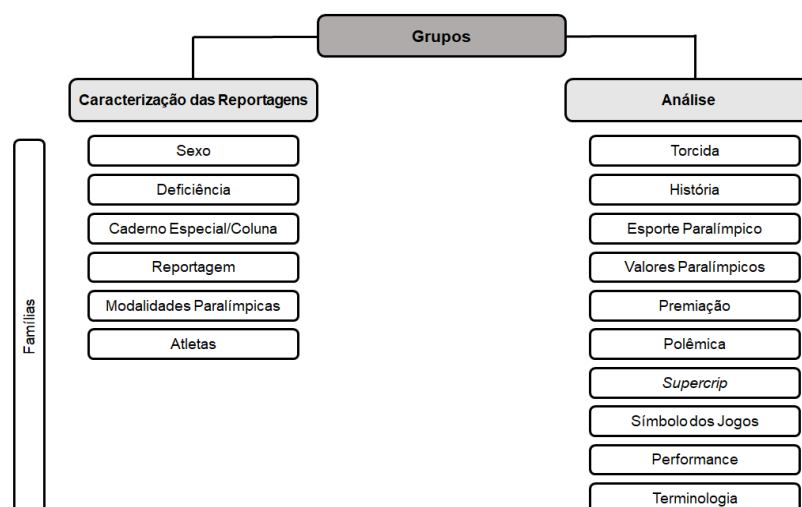


Figura 7 – Agrupamento de famílias após reorganização
 Fonte: Dados da pesquisa.

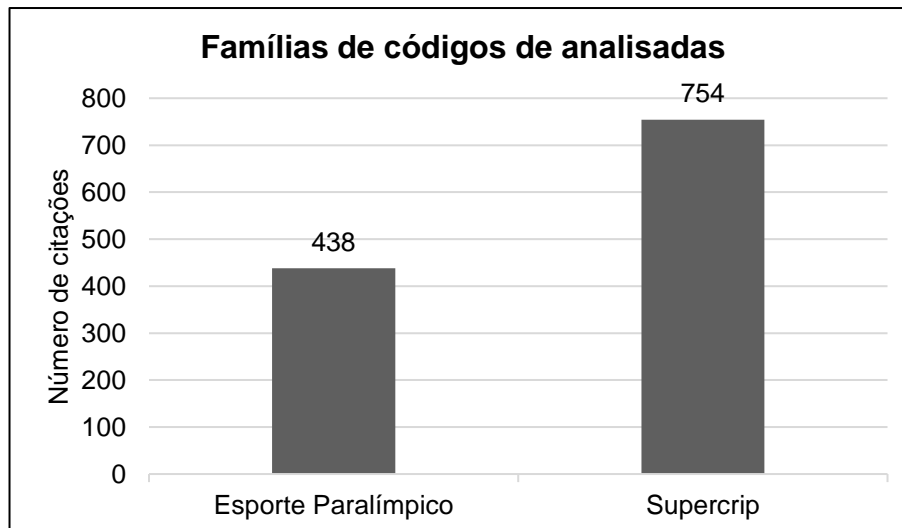


Gráfico 3 – Frequência de citações das famílias de códigos eleitas para análise organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18
 Fonte: Dados da pesquisa.

Posterior à seleção das famílias de análise, foram criadas redes, isto é, a representação gráfica das conexões existentes entre os códigos e suas famílias (FRIESE, 2015). Esse comando, permite associar os componentes

de uma maneira gráfica, de modo a facilitar a visualização de relações entre códigos e entre partes do texto e permite ao pesquisador estabelecer conclusões a respeito da análise (BARBOSA, 2006).

À família Esporte Paralímpico (Figura 8), foram adicionados os códigos que possuem elementos dessa prática esportiva, sendo eles: alto rendimento, ressignificação da deficiência e inclusão (MARQUES et al, 2013; PEDRINELLI; NABEIRO, 2012; HAIACHI et al, 2016; BENFICA, 2012). Foram elencadas associação entre os códigos alto rendimento e ressignificação da deficiência e entre os códigos alto rendimento e inclusão.

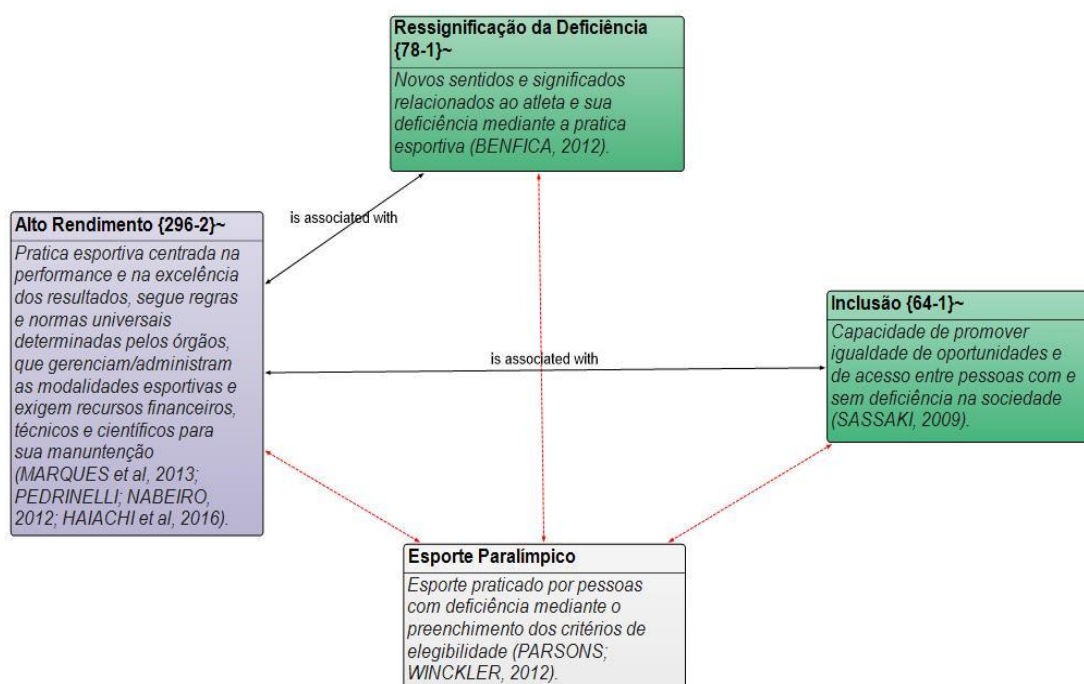


Figura 8 – Rede de visualização da família de análise Esporte Paralímpico fornecida pelo software ATLAS.ti 7.5.18
 Fonte: Dados da pesquisa.

A família *Supercrip* (Figura 9) diz respeito à tendência de divulgação midiática de forma a retratar os atletas como heróis que, diante das desvantagens causadas pela deficiência e pelas desconfianças sobre suas capacidades, superam estas e conseguem feitos extraordinários (SILVA; HOWE, 2012). Com base nessa conceituação, foram criados os códigos estereótipo, superação, sensacionalismo, comparação e história de vida. Foi

evidenciado que sensacionalismo, estereótipo e superação fazem parte do código ídolo.

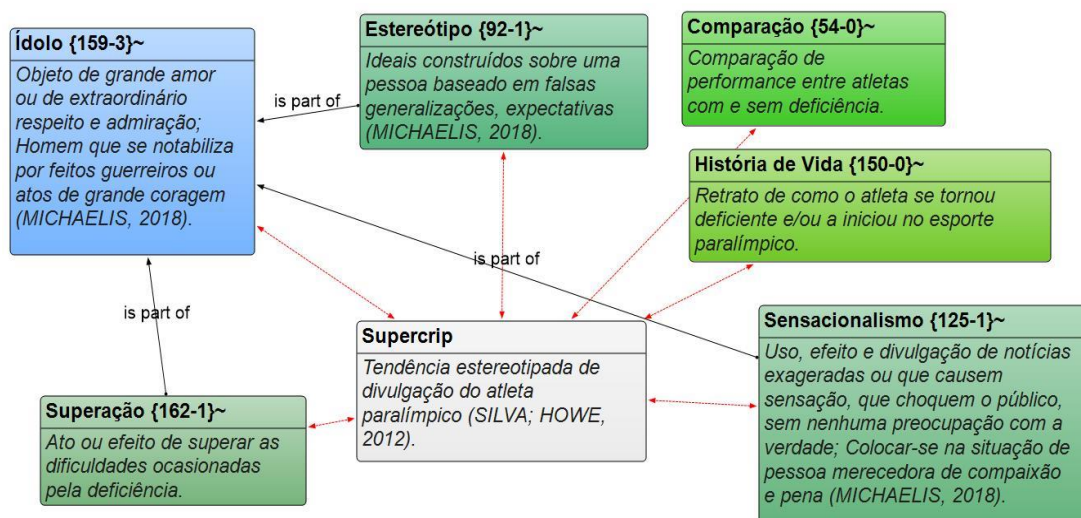


Figura 9 – Rede de visualização da família de análise Supercrip fornecida pelo software ATLAS.ti 7.5.18

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a leitura com codificação das informações contida nas fontes documentais inseridas no *software*, ocorreu a etapa de cruzamentos dos códigos através do comando de coocorrência (*coocur*). Esse comando relaciona duas famílias, verificando a ocorrência simultânea dos códigos em ambas, ou seja, fornece uma lista de informações contendo códigos que aparecem tanto em uma família quanto na outra, como mostra o exemplo (Figura 10).

O resultado desse cruzamento auxilia o pesquisador na interpretação dos resultados e no desenvolvimento da discussão, por possibilitar a compreensão das relações presentes entre os elementos do problema de pesquisa.

Query Report

HU: [DISSERTAÇÃO] Análise Final
 File: [C:\Users\usuario\Documents\Scientific Software\ATLAS\DISSERTAÇÃO] Análise Final.hpr7
 Edited by: Super
 Date/Time: 2018-03-09 10:25:19

Document filter:
 No active filter - use 592 Primary Documents in query

259 Quotations found for query:
 ("Supercrip" COOCCUR "Deficiência")

P566: 23092016-JOGOS PARALIMPICOS - p 4_RIOOLIMPICO PARALIMPIADA.pdf - 566:6
 [@739-@596] (Super)

Codes: [Atleta Brasileiro - Family: Atletas] [Caderno Especial - Rio Olímpico - Family: Caderno/Coluna] [Exemplo - Family: Supercrip] [Homem - Family: Sexo] [Inspiração - Family: Valores Paralímpicos] [Para Natação - Family: Modalidades Paralímpicas] [Pódio - Family: Performance] [Reportagem com foto - Family: Tipos de reportagem] [Reportagem Primária - Family: Tipos de reportagem]
 No memos

“

“Eu olhava crianças sem deficiência sorrindo e vibrando comigo; e os pais diziam ‘você é um exemplo para minha família’”

Daniel Dias
 Nadador, recordista brasileiro de medalhas



Figura 10 – Exemplo de coocorrência entre duas famílias de códigos atribuídos a uma fonte fornecido pelo software ATLAS.ti 7.5.18
 Fonte: Dados da pesquisa.

c) A interpretação das informações

Para interpretação dos dados, foi utilizada a análise documental, que tem por finalidade identificar, verificar, sintetizar sistemática e objetivamente fontes documentais que ainda não receberam tratamento analítico, com intuito de estabelecer fatos e obter possíveis respostas de acontecimentos passados que ainda permanecem no presente (THOMAS; NELSON, SILVERMAN, 2007; GIL, 2008; RICHARDSON, 2012; CECHINEL et al, 2016).

São consideradas fontes documentais qualquer objeto que possa fornecer informações, evidências e discursos a serem analisados (GIL, 2008; BARROS, 2012). Ainda, de acordo com Barros (2012, p. 134) as fontes podem ser indiretas, quando o “autor ou enunciador do texto chega ao seu objeto ou nos transmite alguma informação passando por um intermediário ou mais”

e/ou diretas, aquelas que apresentam uma “relação física direta com os fatos analisados, existindo um relato ou registro da experiência vivenciada” (RICHARDSON, 2012, p. 253).

As fontes ocupam posições, conforme Barros (2012) estando relacionadas: a) à época; b) aos fatos ou ao processo histórico que se examina; c) a ideologia em relação aos acontecimentos narrados pelo autor da fonte; e d) ao problema tratado pelo pesquisador. Em relação a nossa fonte documental escolhida para análise,

Diferentemente de outros métodos, na análise documental, exige-se uma avaliação preliminar e crítica das fontes (CELLARD, 2010). Para Richardson (2012) a avaliação crítica se constitui como fator mais importante para iniciar esse tipo de análise. Ele a divide em: crítica interna, que determina a exatidão das informações, avaliação das características dos autores ou informantes, e em crítica externa, onde se apura a autenticidade das fontes, comparando as fontes documentais com a informação do mesmo acontecimento proporcionada por outras fontes.

Bernstein e Milza (1999) ressaltam que os jornalistas se esforçam para reconstituir e explicar a trama dos eventos cotidianos. Entretanto, o turbilhão de acontecimentos diários dá aos conteúdos lançados nos meios de comunicação uma vida útil muito curta. Em pouco tempo pulveriza-se o que foi dito e novas informações vão sendo adicionadas, modificadas, reconstruídas.

Essa “pressa” em noticiar os acontecimentos, acaba por simplificar e desfigurar os fatos, fazendo com que o jornalista recolha material de qualquer jeito, invente fontes sem poder tratá-las e, como consequência, as informações poderão chegar aos leitores, fragmentadas e/ou carregadas de sensacionalismo e acriticidade (GIL, 2008).

Por esta razão, para o pesquisador de fontes provenientes dos meios de comunicação de massa é imprescindível conhecer o contexto, o público para quem se dirige, a relação do veículo de informação com o tema, os autores que ali colocam os seus ideais e opiniões sobre determinados assuntos, além do aporte teórico que envolve seu problema de pesquisa.

Dessa forma, as fontes documentais foram analisadas obedecendo aos critérios preliminares, os quais foram: a identificação dos trechos destacados;

a interpretação das fontes; a compreensão de que elementos internos e externos poderiam influenciar na escrita daqueles textos; e de que, outras fontes deveriam confirmar a existência dos fatos presentes no objeto de pesquisa.

As informações encontradas nas fontes documentais por si só não respondiam os questionamentos impostos em torno do problema de pesquisa. Assim, as informações foram relacionadas com a fundamentação teórica para que pudessem ser organizadas, moldadas, justificadas e por fim pudessem preencher as lacunas encontradas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterização das reportagens

Antes de se iniciar a apresentação e discussão dos códigos eleitos para análise, serão mostrados dados descritivos referentes à caracterização das reportagens veiculadas no Caderno de Esportes do jornal O Globo, tais como, a frequência de ilustrações e de publicações por mês e ano, o foco das reportagens, e também, o número de vezes nas quais os atletas, as modalidades paralímpicas e as deficiências foram mencionadas.

Finalizado o processo de organização e análise das fontes documentais, foram analisadas 746 reportagens²² sobre os JP, o que equivale a uma média de 0,79 reportagens por página. Na tabela 4, verifica-se que o referido evento começa a fazer parte efetiva do Caderno de Esportes, no mês em que o antecede e/ou naquele em que acontece.

Tabela 4 – Distribuição do número de reportagens publicadas por mês e anos de análise no Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os JP no ano de 2012 a 2016.

Mês/Ano	2012	2013	2014	2015	2016
Jan	2	3	-	2	9
Fev	1	12	1	-	8
Mar	13	11	6	6	4
Abr	2	4	4	11	8
Mai	7	4	2	4	8
Jun	4	1	3	5	11
Jul	5	14	1	2	24
Ago	16**	14	7	17*	67
Set	35**	4	3	7	278**
Out	5	-	6	12	12
Nov	3	7	6	10	1
Dez	9	6	4	11	4
Total	102	80	43	87	434

**número de reportagens publicadas nos meses em que ocorreram os Jogos Paralímpico de Londres-2012 e Rio-2016.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos JP de Londres-2012 que aconteceram entre os dias 29 de agosto e 09 de setembro, 49% das reportagens foram publicadas nesses meses. Já

²² As reportagens são os textos jornalísticos publicados nas páginas, ou seja, as páginas são o corpo do jornal e cada uma pode ter uma ou mais reportagens falando sobre determinado assunto, em nosso caso os JP.

na edição do Rio-2016 (07 a 18 de setembro), 64% das reportagens foram publicadas no mês em que ocorreu o evento, esse quantitativo pode ser atribuído ao fato do evento paralímpico ter sido realizada no Brasil.

Os jogos paralímpicos são retratados em 58% das reportagens como o tema principal, dessas 44% destacam no título das reportagens e em 18% foram dispostas em página inteira.

Quadro 2 – Distribuição das reportagens com base nos conteúdos organizados pelo software ATLAS.ti 7.5.18.

Família	Códigos	Frequência	Comentário
Foco das reportagens	Foco Principal	431	Reportagens que tratam os Jogos Paralímpicos como tema principal Incluem nessa categoria, reportagens cujo título apresentavam palavras relacionadas ao contexto paralímpico.
	Foco Secundário	315	Reportagens que tratam os Jogos Paralímpicos como assunto secundário ou apenas citam palavras referentes ao contexto paralímpico sem contextualização.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às reportagens com ilustrações, foram encontradas 913 fotos, imagens ou iconográficos (Gráfico 4), o que corresponde a uma média de 1,22 por reportagem.

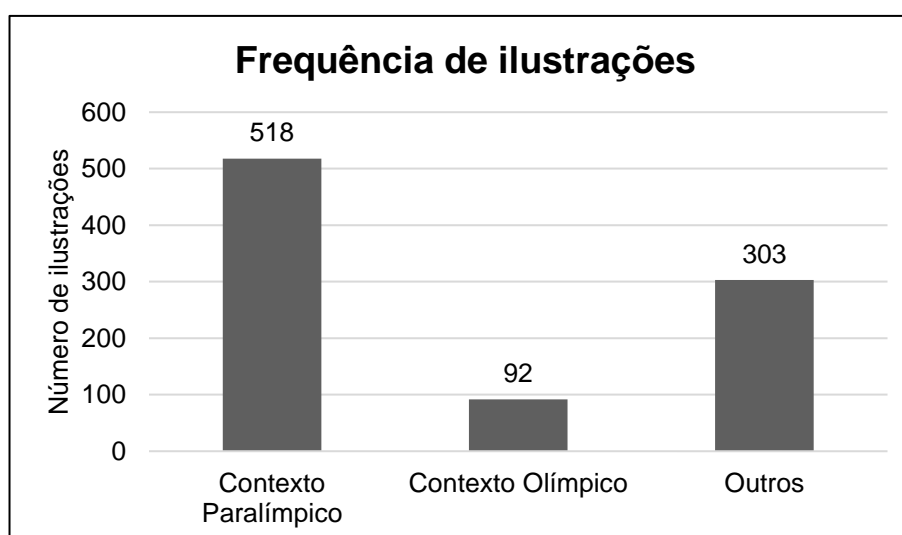


Gráfico 4 – Frequência e temas das ilustrações veiculadas no Caderno de Esportes do jornal O Globo (2012-2016) sobre os Jogos Paralímpicos
Fonte: Dados da pesquisa.

Dessas, 57% se associaram diretamente ao movimento paralímpico mostrando os atletas em ação esportiva ou na vida diária. Porém, mesmo sendo selecionadas fontes sobre os JP, 10% se relacionam ao contexto olímpico, onde foram apresentados atletas, ídolos e componentes ideológicos (cerimônias de abertura, encerramento, bandeira, arcos olímpicos) desse movimento esportivo.

No grupo codificado como “outros”, foram incluídas imagens de instalações esportivas construídas para os JO e JP, de membros do comitê organizador de ambos os eventos, de turistas e de torcedores. Também fizeram parte desse código, iconográficos criados para enfatizar ou facilitar a visualização de informações pelo leitor e de quadros de horários relacionados à agenda de eventos paraolímpicos, que foram transmitidos pela mídia televisiva, como JP de inverno (Sochi-2014), Jogos Parapan-Americanos (Toronto-2015) e campeonatos mundiais. Ressaltamos que as ilustrações não foram o nosso foco de análise.

Quanto a frequência do tipo de deficiência, de acordo com Santos et al (2018) quanto maior o número de medalhas conquistadas maior o espaço midiático destinado ao tipo de deficiência. Os atletas com deficiência física conquistaram 66% das medalhas brasileiras nas últimas edições dos JP e no caderno de esportes do jornal O Globo, 65% das reportagens os noticiaram (Gráfico 5). Os atletas com amputação (34%) foram os que tiveram maior número de reportagens.

Cabe ressaltar que, durante muito tempo, somente aqueles que tinham lesões físicos-motoras (paraplegia, tetraplegia, amputação) eram aptos a participar dos JP (1960-1972). Devido a esse fato, as primeiras modalidades contemplaram apenas classes para esses atletas. Atualmente, o programa paralímpico conta com 22 modalidades, dessas 45% são específicas para atletas com deficiência física²³ e 14% são específicas para atletas com deficiência visual²⁴, as demais possuem classes para todas as deficiências.

²³ Basquete, Esgrima, Tênis, Rúgbi em cadeira de rodas, voleibol sentado, bocha, canoagem, hipismo, tiro com arco e halterofilismo.

²⁴ Goalball, Futebol de 5 e Judô.

Um caso à parte envolve os atletas com deficiência intelectual, devido ao episódio ocorrido nos JP de Sydney-2000 que resultou em suspensão dos JP, como relatado anteriormente. Esses atletas vêm sendo incluídos gradativamente. No Rio-2016, participaram apenas das modalidades de natação, de atletismo e de tênis de mesa.

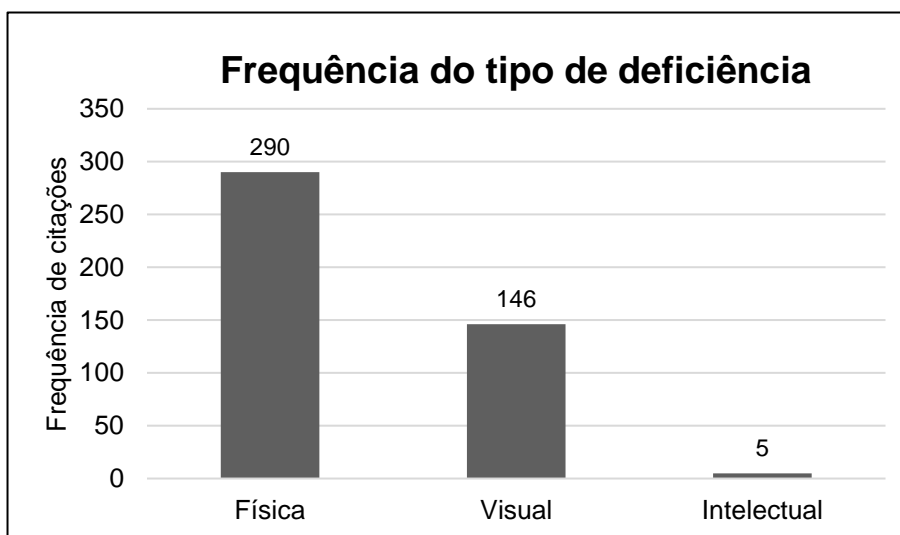


Gráfico 5 – Número de citações dos termos deficiência física, visual e intelectual nas reportagens do Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os Jogos Paralímpicos
Fonte: Dados da pesquisa.

Os atletas do sexo masculino aparecem com maior frequência nas reportagens. Tal fato pode ser justificado pelo número de participantes em todas as edições dos JP ser superior ao de mulheres (Gráfico 6). Além disso, cabe considerar que modalidades como o futebol de 5 e o futebol de 7 não possuem categorias femininas e, mesmo aquelas que permitem a presença de ambos os sexos competindo juntos (ex: rúgbi em cadeiras de rodas, vela adaptada), ainda existe uma hegemonia masculina.

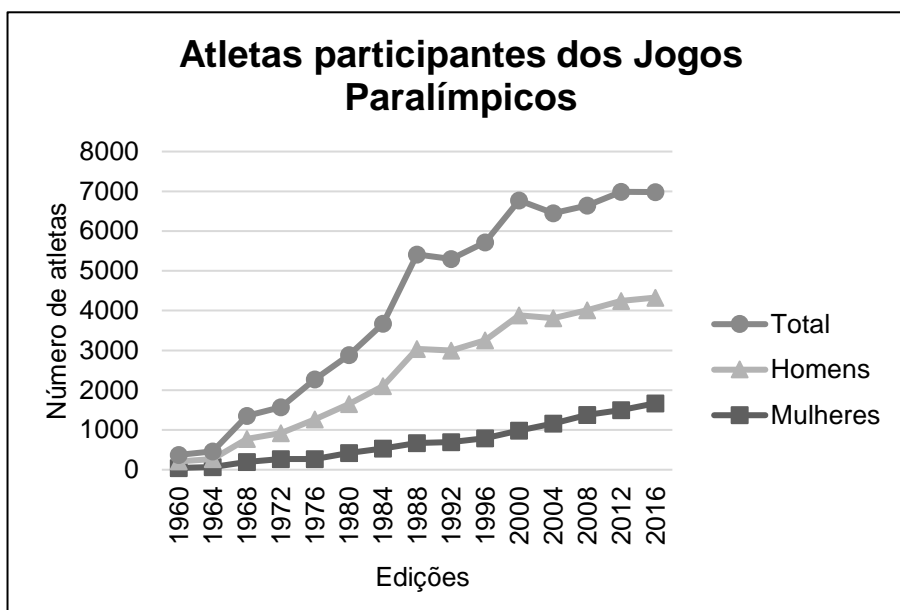


Gráfico 6 – Número de participantes em todas as edições dos Jogos Paralímpicos (1960-2016)
Fonte: IPC, 2018.

Nas reportagens que mencionam os atletas entre os anos de 2012 a 2016 (Quadro 3), 52% falaram sobre os brasileiros. Destaque foi dado ao Daniel Dias (5,2%), Alan Fonteles (4%), Clodoaldo Silva (3%), Terezinha Guilhermina (2,3%) e André Brasil (2%), todos considerados ídolos e veteranos do esporte paralímpico nacional. Entre os estrangeiros o destaque foi Oscar Pistorius (4,4%). Além do enfoque no âmbito esportivo, devido ao número de conquistas, a participação nos JO e nos mundiais para atletas sem deficiência, a maior parte das reportagens noticiaram o envolvimento de atletas em polêmica policial²⁵.

²⁵ Em 2013, Oscar Pistorius foi acusado de assassinar a sua namorada Reeva Steenkamp, sua condenação por homicídio doloso, aconteceu em 2016 a qual lhe foi atribuída uma pena de 6 anos de reclusão. Entretanto, em novembro de 2017 sua pena foi revista e aumentada para 13 anos e 5 meses sob a alegação de homicídio culposo (G1, 2017).

Quadro 3 – Distribuição dos atletas com maior número de menções no Caderno de Esportes do jornal O Globo sobre os Jogos Paralímpicos publicadas nos anos de 2012-2016.

Nome do atleta	Frequência nas reportagens	Modalidade	Nacionalidade
Daniel Dias	85	Natação	Brasileira
Oscar Pistorius	72	Atletismo	Sul-africana
Alan Fonteles	66	Atletismo	Brasileira
Clodoaldo Silva	46	Natação	Brasileira
Terezinha Guilhermina	39	Atletismo	Brasileira
André Brasil	33	Natação	Brasileira
Lucas Prado	22	Atletismo	Brasileira
Verônica Hipólito	20	Atletismo	Brasileira
Yohansson Nascimento	20	Atletismo	Brasileira
Felipe Gomes	18	Atletismo	Brasileira
Joana Neves	18	Natação	Brasileira
Ricardo Alves	15	Futebol de 5	Brasileira
Jefferson Gonçalves	14	Futebol de 5	Brasileira
Talisson Glock	14	Natação	Brasileira
Susana Schnardorf	13	Natação	Brasileira
Alessandro Zanardi	13	Ciclismo	Italiano
Dirceu Pinto	13	Bocha	Brasileira
Petrúcio Ferreira	13	Atletismo	Brasileira
Lorena Spoladore	12	Atletismo	Brasileira
Ádria Santos	12	Atletismo	Brasileira

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir de 2015, novos talentos do esporte paralímpico nacional começaram a ser mencionados nas reportagens. Nomes como Verônica Hipólito, Talisson Glock, Yohansson Nascimento, Lorena Spoladore e Petrúcio Ferreira somaram 5% das notícias veiculadas no Caderno de Esportes. Em alguns momentos, nas legendas de fotos ou no corpo das reportagens as quais apareceram os atletas, seus nomes surgiram com sobrenomes diferentes, o que pode ter dificultado o processo de reconhecimento por parte dos leitores.

Na última edição dos JP, vinte e duas modalidades fizeram parte do calendário de competições, duas a mais em relação a Londres-2012. O atletismo e a natação²⁶, modalidades com maior número de atletas, provas e classes funcionais são as que aparecem com maior frequência nas reportagens.

²⁶ No relatório publicado em março de 2017 pelo IPC que dizia respeito aos termos corretos a serem utilizados no movimento paralímpico, ficou instituído que todos os esportes para atletas com deficiência estando ou não no programa paralímpico deveriam utilizar o prefixo –*para* seguido do nome da modalidade (IPC, 2017). No entanto, devido ao recorte de anos estabelecidos nesta pesquisa ser anterior a essa mudança, utilizaremos o nome da modalidade sem o prefixo –*para*.

Quadro 4 – Frequência de citações das modalidades paralímpicas nas reportagens sobre os Jogos Paralímpicos no Caderno de Esportes do jornal O Globo.

Modalidade	Frequência nas reportagens
Atletismo	216
Natação	154
Futebol de 5	51
Goalball	46
Basquete em Cadeira de Rodas	44
Ciclismo	43
Voleibol Sentado	38
Bocha	36
Halterofilismo	32
Futebol de 7	32
Tênis de Mesa	30
Judô	30
Canoagem	28
Esgrima em Cadeira de Rodas	22
Rúgbi em Cadeira de Rodas	21
Triatlo	20
Tênis em Cadeira de Rodas	16
Hipismo	14
Tiro com Arco	14
Remo	10
Vela Adaptada	8
Tiro Esportivo	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa primeira parte da análise, é possível perceber que a mídia vem aumentando o seu interesse pelos JP, pelo menos no Caderno de Esportes do jornal O Globo. No entanto, o interesse parece ser maior nos momentos em que acontecem os JP, nas modalidades que apresentam maior número de participantes e para aqueles atletas que se destacam pela sua *performance*, histórias de vida e/ou polêmicas.

5.2 A divulgação dos Jogos Paralímpicos e Atletas Paralímpicos

Nessa parte da análise, discutiremos com maior profundidade os assuntos evidenciados nas famílias de códigos eleitas para análise (Quadro 5), são elas: Esporte Paralímpico e *Supercrip*. Na família Esporte Paralímpico, verifica-se que as notícias têm evidenciado as características de alto rendimento dos JP; pois assuntos envolvendo a preparação e a *performance* dos atletas, as tecnologias desenvolvidas nos materiais esportivos e os

investimentos financeiros nos atletas e nas competições paralímpicas, foram pauta dos jornalistas no caderno analisado.

Quadro 5 – Frequência de citações das famílias de análise e seus códigos por ano organizadas pelo software ATLAS.ti 7.5.18.

Família	Códigos	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Esporte Paralímpico	Alto Rendimento	34	33	11	31	187	296
	Ressignificação da Deficiência	6	5	0	7	60	78
	Inclusão	1	4	1	8	50	64
Supercrip	Superação	27	24	1	18	92	162
	Ídolo	32	28	6	16	77	159
	História de Vida	21	14	1	12	102	150
	Sensacionalismo	17	14	8	11	75	125
	Estereótipo	9	7	2	11	75	104
	Comparação	8	3	1	5	37	54

Fonte: Dados da pesquisa.

Na família *Supercrip*, maior em frequência de citações (63%), as reportagens enfatizaram a superação, como nos relatos evidenciando as histórias de vida dos atletas. As reportagens mostram que a deficiência e/ou a vida difícil não foram empecilhos para que se tornassem atletas paralímpicos. Percebe-se um tom sensacionalista e estereotipado ao divulgar os atletas, pois as notícias supervalorizam e/ou superestimam os seus feitos esportivos, utilizam expressões inadequadas para retratá-los, como “imperfeição humana”, “sem as duas pernas” entre outros, os comparavam com atletas olímpicos, e ressaltam antes dos seus feitos esportivos, a sua deficiência. Por fim, se nota que os assuntos do contexto esportivo (*performance*, resultados, competições, etc) nem sempre foram a pauta principal do Caderno de Esportes.

Diante dos inúmeros assuntos evidenciados nas famílias eleitas para análise, selecionamos aqueles que além de ocupam a maior parte das reportagens veiculadas no Caderno analisado, também apresentam coocorrência com os códigos presentes nas famílias esporte paralímpico e *Supercrip*.

No Caderno de esportes de O Globo, o esporte paralímpico é mencionado como uma prática de alto rendimento (RODRIGUES, 23/05/2012, p. 06) que se manifesta através de um megaevento esportivo (JP) (BERTOLDO, 29/12/2012, p. 07) e seus praticantes são atletas que se

dedicam ao esporte para representarem os seus países (EWERTON, 21/09/2016, p. 03). Mas no decorrer da análise, as reportagens evidenciaram desconhecimento sobre o contexto paralímpico e/ou dificuldades em relatar os feitos esportivos dos atletas. O jornalista Marcelo Barreto assim se expressa em sua coluna, no dia 11 de setembro de 2016, sob o título de “Almanaque Paralímpico”:

“Tive a honra de participar da primeira cobertura dos Jogos Paralímpicos na TV brasileira. Fui o apresentador do “Arena Olímpica”, programa que mostrava os melhores momentos e debatia os resultados de cada dia de Atenas-2004. Entrei para a primeira edição **sem saber que tom usar. Não queria parecer condescendente, falando só em exemplos de superação. Mas tinha medo de usar alguma expressão ofensiva se ficasse muito à vontade**” (BARRETO, 11/09/2016, p. 44).

Nessa reportagem, o jornalista indica não saber se referir aos atletas e aos seus feitos sem ser preconceituoso ou politicamente incorreto, ou seja, não sabia como retratar o atleta com deficiência.

Historicamente, as pessoas que apresentavam alguma deformidade ou desordem anatômica/funcional além de serem excluídas e marginalizadas (PACHECO; ALVES, 2007; FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011) eram rotuladas como incapazes, inválidas, sofredoras (RIBAS, 1994).

Isso porque não se encaixavam nos padrões e modelos criados pela sociedade (GOFFMAN, 1982). Nesse contexto, os JP surgiram como uma ferramenta que poderia auxiliar na inserção de pessoas com deficiência na sociedade (MARQUES et al, 2009; COSTA; SOUSA, 2004; BRITTAIN; BEACOM, 2016).

Entretanto, as dúvidas do jornalista ao se referir aos atletas e a sua visão estigmatizada em torno do contexto paralímpico, ao ressaltar a superação, apontam para a perspectiva de que o desconhecimento a respeito do movimento paralímpico, poderá refletir sentimentos de dúvidas e de perplexidade em relação aos Jogos e aos atletas (PAPPOUS; SOUZA; 2016; PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011); poderão também influenciar na qualidade das reportagens levando aos consumidores, informações

fragmentadas, superficiais ou ainda carregadas de estereótipos e sensacionalismo (MARQUES, 2010; VIVARTA, 2003).

A reportagem intitulada “Público torce por Pistorius e aplaude Alan”, notícia, prioritariamente, a vitória do velocista Alan Fonteles na prova dos 200m na classe T44, mas também ressalta o atleta Yohansson Nascimento realizando feitos que pareciam improváveis para um corredor que nasceu sem as mãos (BRASIL MIRA O TOP CINCO, 28/08/2016, p. 20):

“Assim que o alagoano cruzou a linha de chegada, tirou o número num papel sulfite preso à roupa presos com alfinete aonde estava escrito: **‘Thalita, quer casar comigo?’** e abaixo, com letras menores, a tradução para o inglês. **Mesmo sem mãos e grande parte do braço, ele também costura e joga vídeo game**” (KNOPLOCH, 03/09/2012, p. 06).

A reportagem, além de retratar o atleta de forma sensacionalista, ao falar de assuntos fora do âmbito esportivo e ao enfatizar que a deficiência não o impedia de ter uma vida “normal” e de realizar tarefas consideradas comuns para pessoas sem deficiência, não informa o resultado do atleta na competição e foca na sua vida pessoal. Esse tipo de abordagem, que explora a história de vida dos atletas, apareceu com frequência de 13% nas reportagens analisadas.

É possível perceber que no Caderno de Esportes do jornal O Globo, as reportagens têm explorado muito mais as histórias de vida dos atletas (CONHEÇA A HISTÓRIA, 08/05/2012, p. 06) do que os seus feitos esportivos. Contudo, para serem noticiados, os atletas precisam apresentar características que os destoaam dos demais, como por exemplo, realizar feitos que visualmente parecem improváveis devido a sua deficiência (O ADEUS AO FARAÓ DO TÊNIS DE MESA, 10/09/2016, p. 03), se envolverem em polêmicas, como por exemplo, assassinato (PISTORIUS À ESPERA DA SENTENÇA, 14/10/2014, p. 28) e/ou vencerem atletas considerados ídolos (KNOPLOCH, 03/09/2012, p. 06). Como exemplo, a reportagem intitulada “Jovane Guissone conquista ouro inédito na esgrima”:

“– Meu pai me ensinou a não dar o passo maior que a perna disse o cadeirante gaúcho, de 29

anos que perdeu os movimentos da perna após ser atingido por um tiro, pelas costas disparado por um assaltante. – Depois do bronze, fui prata na Copa do Mundo de 2012 e, agora, ouro. Essa vitória é para todos os brasileiros, que precisam acreditar mais nas pessoas com deficiência. Não somos coitadinhos(...) **Jovane, que perdeu o pai de câncer há cinco anos, sabe de cor a data do acidente: 19 de novembro de 2004, em Porto Alegre.** Ele e um amigo estavam no carro quando viram os assaltantes se aproximarem em uma moto. Foi Jovane quem ordenou ao motorista ‘Arranca!’” (KNOPLOCH, 06/09/2012, p. 05).

Essa forma de noticiar os atletas reforça a ideia do *Supercrip*, um discurso midiático sensacionalista, que destaca a superação das adversidades impostas pela deficiência (SILVA; HOWE, 2012) como forma de dar visibilidade e agregar valor de mercado aos atletas paralímpicos (SANTOS; SOUZA, 2016; SILVA; HOWE, 2012; MARQUES et al, 2014). Nessa forma de divulgação, a mídia explora as histórias de vida dos atletas com o intuito de transformá-los em heróis (MARQUES et al, 2016), como mostra a reportagem:

TITO SENA. Nascido em Brasília, o atleta de 45 anos conquistou a prata na maratona nas Paralimpíadas de Pequim-2008. Este ano foi campeão da Maratona de Paris. **O corredor, que começou no atletismo por acaso, teve a mão direita esmagada na encaixotadora de uma fábrica de bebidas (...)** Era revoltado pelo fato de não ver alternativa no lugar onde nasci e me criei. **Trabalhava para sobreviver. Me sentia como um mendigo. Não tinha onde cair morto. E a coisa piorou quando meu pai foi assassinado. Eu só tinha 19 anos e ainda tinha perdido o braço** (KNOPLOCH, 09/09/2012, p. 05).

A reportagem retrata o atleta Tito Sena com sensacionalismo, ao explorar a sua história de vida como forma de mostrar que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, com seus esforços diários as superou (MELLO, 22/02/2016, p. 06). Esse tipo de discurso traz à tona três aspectos: primeiro coloca o atleta como herói e, conseqüentemente, como seres que podem inspirar as pessoas, devido à superação das adversidades: “Vítimas de

acidente no trabalho e exemplos de superação, amigos disputam hoje a maratona por cartões postais da cidade” (KNOPLOCH, 09/09/2012, p. 05).

Segundo, mostra que a mídia continua noticiando os atletas com enfoque na sua deficiência em detrimento dos feitos esportivos (TYNEDAL E WOLBRING, 2013; HILGEMBERG, 2014) e, terceiro, faz parecer que somente o esforço do atleta é suficiente para superar as barreiras encontradas na sociedade. Mas essas barreiras não estão apenas nos olhares de desconfiança da sociedade sobre as capacidades das pessoas com deficiências, elas também se encontram no ambiente em que vivem (ROCHA, 23/09/2016, p. 06).

Nesse último ponto, cabe destacar a inclusão, entendida como um direito de todas as pessoas, independentemente, da sua da sua etnia, da sua orientação sexual, da sua idade, da sua classe social de participarem efetivamente e com condições de igualdade dos setores da vida social (VIVARTA, 2003; MAZZOTA; D’ANTINO, 2011).

As reportagens destacaram a inclusão, em sua maioria, na perspectiva da acessibilidade física, um dos pilares para a promoção de uma sociedade inclusiva, evidenciando que a realização dos JP podem mostrar a necessidade de criar ambientes acessíveis para todos (NOGUEIRA, 13/03/2013, p. 06) e não somente para as pessoas com deficiência (HÁ INCLUSÃO NO FIM DO TÚNEL, 23/09/2016, p. 06), tão pouco que sejam realizadas mudanças apenas nas cidades anfitriãs dos JP, como expressa o ex-presidente do IPC, Philip Craven na reportagem intitulada “O paciente inglês”:

Philip Craven: “As pessoas esquecem que todos nós vamos ficar velhos, que vamos andar mais devagar, que vamos enxergar menos. **Todos estamos sujeitos a um problema de mobilidade**, ainda que temporário. **As cidades devem estar prontas para todos**” (CASTRO, 11/09/2015, p. 34).

Na mesma reportagem, Philip Craven complementa o seu discurso destacando que a acessibilidade física deve ser uma mudança permanente e não enquanto acontecem os JP (CASTRO, 11/09/2015, p. 34).

Um outro discurso envolvendo a inclusão, que aparece constantemente nas reportagens, é o retrato dos JP como inclusivos por serem praticados por pessoas com deficiência (PAULA, 07/06/2016, p. 36) e também, porque após minutos nos locais de competição, o espectador:

“(...) deixa de enxergar a deficiência e passa a se encantar com a eficiência destes atletas, que treinam longas horas por dia e se dedicam durante anos” (MELLO, 07/09/2016, p. 03).

Cabe ressaltar, que nem todos os grupos de deficiência são elegíveis para participar dos JP e nem todas as pessoas com deficiência alcançam o alto nível de desempenho esportivo, logo essa seleção entre aqueles com a melhor performance, por si só é excludente. Quanto a mudança de pensamento e de atitudes em relação às pessoas com deficiência, uns minutos não são suficientes para quebrar os paradigmas e estereótipos em torno da deficiência, uma vez que, eles perpassam e são reforçados na sociedade. Portanto, assistir a uma competição paralímpica é uma das partes desse processo educativo.

Todos esses aspectos mostram que a divulgação midiática do contexto paralímpico tem dificultado e distanciado o reconhecimento pela sociedade de que os atletas paralímpicos são mais do que pessoas com histórias de superação (POFFO et al, 2017), mas sim pessoas que se dedicam para alcançar os melhores níveis de desempenho físico, técnico, psicológico (PEDRINELLI; NABEIRO, 2012; HAIACHI et al, 2016). Essa construção discursiva pode reforçar os estigmas sobre as pessoas com deficiência (PEREIRA, MONTEIRO, PEREIRA, 2011; CAMBRUZZI, 2011; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; FIGUEIREDO, 2014; POFFO et al, 2017; POFFO et al, 2018), e como consequência, poderá reduzir as chances do esporte paralímpico de se tornar um produto midiático com relevância comercial (MARQUES et al, 2013).

Santos e Souza (2016), ao realizem revisão de literatura em artigos publicados entre os anos de 2003 e 2014, sobre como o jornalismo esportivo tem retratado o esporte e os atletas paralímpicos, verificaram que o tema ainda não se rendeu aos ditames e interesses comerciais e simbólicos da

mídia para a sua transformação em espetáculo de entretenimento. Atualmente, o jornalismo esportivo tem buscado o sentido do espetáculo (GURGEL, 2009), priorizando assuntos que sejam atraentes para o público consumidor e com isso gera retornos financeiros (PRONI, 1998; TUBINO, 1993). Nessa perspectiva, o esporte paralímpico, da forma como vem sendo retratado, afasta-se desse panorama, o que pode trazer prejuízos importantes quando o assunto é financiamento e patrocínio de seus atletas.

De acordo com Betti (2002) e Borelli (2002), esporte-espetáculo, o esporte é deslocado de seu campo primordial (da prática do jogo) para o campo da “falação”. São elencados assuntos que enfatizam os ídolos e, principalmente, a sua vida particular e fora do contexto esportivo, os acontecimentos polêmicos, as análises dos jogos e do perfil dos atletas, as conjecturas sobre as disputas, os fatos, causas e consequências de acontecimentos, os relatos sobre um fato particular, como a despedida de um atleta, a conquista de um título, o fracasso, e por fim, a sobrevalorização de certos assuntos em detrimento de outros. Nesse contexto, as informações sobre a técnica dos eventos esportivos, a *performance* dos atletas, acabam sendo noticiados de forma secundária.

Nas fontes analisadas, encontramos reportagens que apresentaram características do esporte-espetáculo elencadas pelos referidos autores, como: as expectativas sobre o desempenho dos atletas brasileiros (KNOPLOCH, 29/08/2012, p. 06) e do país nos JP de Atenas-2012 (ATLETAS BRASILEIROS..., 18/08/2012, p. 04) e do Rio-2016 (BERTOLDO, 27/12/2014, p. 08); a eleição de ídolos, como por exemplo, Clodoaldo Silva (COSTA, 04/03/2013, p. 07), Daniel Dias (KNOPLOCH, 31/08/2012, p. 04), Alan Fonteles (KNOPLOCH, 27/07/2013, p. 06) e Terezinha Guilhermina (RODRIGUES, 23/05/2012, p. 06); as polêmicas envolvendo o atleta Oscar Pistorius em um assassinato (QUEDA DO OLIMPO, 15/02/2013, p. 01) e o banimento da delegação russa dos JP do Rio-2016 por doping (CSA MANTÉM RÚSSIA..., 24/08/2016, p.01).

Essas reportagens mostraram que, no Caderno de Esportes do jornal O Globo, as notícias sobre os JP caminham em direção a espetacularização, ou seja, as notícias tendem a explorá-lo como um produto midiático. Entretanto, apesar do interesse da mídia, os assuntos relacionados os JO

ainda não apresentam uma relevância comercial e a ideia de que os JP são um evento de superação ainda persiste, como expressa Eduardo Paes, ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, ao tecer comentários sobre o evento:

“É um **evento incrível, uma história de superação** do esporte, **mas, como negócio, não é atraente para os patrocinadores e para a transmissão de TV, e há uma dificuldade maior para venda de ingressos**” (VENDAS DA PARALIMPÍADA ESTÃO EM 12%, 16/08/2016, p.11).

Essa fala, traz um viés estigmatizante em relação aos JP, mesmo sendo dita por um membro do governo, mostra não haver um cuidado por parte dos jornalistas na seleção das fontes e das notícias a serem publicadas. Nesse sentido, Ewerton (21/09/2016, Jornal Paralímpico, p. 03) comenta que as características próprias dos JP e a não familiarização com o assunto acaba gerando dúvidas do que deve ser noticiado.

Entretanto, a problemática não se restringe apenas aos assuntos que devem ser noticiados, mas também as terminologias (Apêndice B) utilizada pelos jornalistas ao se referir a pessoa com deficiência:

“O público mais antenado que foi ao Sambódromo ontem para ver o tiro com arco composto esperava o protagonismo do **Arqueiro Sem Braços, apelido do americano Matt Stutzman [...]**” (KNOPOCH, 15/09/2016, p. 01).

Como referido, às pessoas terão relação direta com a sua identidade. Algumas terminologias podem ser depreciativas ou mesmo indiferentes e podem também contribuir para permanência de paradigmas relacionados às pessoas que designam (SASSAKI, 2003; VIVARTA, 2003).

“[...] o objetivo de Pistorius é se tornar o primeiro atleta **portador de deficiência** a ganhar medalhas num mesmo ano, tanto nas Olimpíadas quanto nas Paralimpíadas” (RODRIGUES, 23/05/2012, p. 06).

Na reportagem “Rumo certo ao ouro”, o termo “**portador**” aparece 23 vezes, inclusive no ano de 2016. Porém, essa terminologia foi substituída em

dezembro de 2006, na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, no qual foi definido a utilização do termo “pessoas com deficiência”²⁷ para se referir a esses indivíduos (CIDADE; FREITAS, 2002). Esse fato, mostra desatualização por parte dos jornalistas, em conhecer os termos adequados para se referir aos atletas.

O esporte paralímpico, como qualquer outra manifestação esportiva, parece depender da mídia para se estabelecer na sociedade. Nesse sentido, no ano de 2004, o CPB comprou os direitos de transmissão dos JP de Atenas e os cedeu para 13 emissoras de TV (PARSONS, 28/08/2016, p. 21). Essa estratégia iniciada em Atlanta-1996 tinha como principal objetivo, mostrar a existência dos JP (JUNIOR, 2012). Seus idealizadores acreditavam no potencial dos Jogos para mudar atitudes e para obter mais chances para as pessoas com deficiência na sociedade (NOGUEIRA, 10/03/2012, p. 05).

Alguns estudos de autores brasileiros (MARQUES ET AL, 2014; POFFO ET AL, 2017; HILGEMBERG, 2017) identificaram que a visibilidade dos Jogos tem aumentando a cada edição. Entretanto, a cobertura se limita a noticiar assuntos pontuais, e, em sua maioria, relativos a modalidades esportivas e a tipos de deficiência específicas, tais como o atletismo e a natação e os atletas com deficiência física (SANTOS et al, 2018).

Essa característica que permeia a divulgação do esporte paralímpico, faz com que o Brasil encontre problemas para o crescimento deste, a comercialização, a renovação e o surgimento de novos talentos (MARQUES et al, 2013; CASTRO; CAMPBELL; TAVARES, 2016; MARQUES, 2016). E, divulgar o esporte paralímpico pela ótica do alto rendimento é o principal foco dos dirigentes do CPB, porque através dele se torna possível atrair investimentos financeiros (RODRIGUES, 23/09/2012, p. 06). A realidade atual traz algumas limitações, uma vez que, o esporte paralímpico brasileiro depende quase que exclusivamente de patrocínios de estatais e de incentivos governamentais (CASTRO, 07/08/2015, p. 31).

²⁷ A mudança na terminologia, aconteceu em virtude de o significado do verbo portar, que indica a ideia de condição passageira e quem tem deficiência independente do grau de funcionalidade tem uma condição permanente (SASSAKI, 2003).

As ações governamentais, por meio de Leis como, a Lei Agnelo Piva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e a Lei de Incentivo ao Esporte²⁸ têm se mostrado necessárias para a manutenção do esporte paralímpico brasileiro (KNOPLUCH, 19/12/2015, p. 13). Entretanto, de acordo com Andrew Parsons, ex-presidente do CPB, o esporte paralímpico tem se tornado menos dependente de verbas públicas (KNOPLUCH, 29/08/2012, p. 06). O que se confirma, ao analisarmos os balanços financeiros do comitê nos anos de 2012 e 2016 (Gráfico 7).

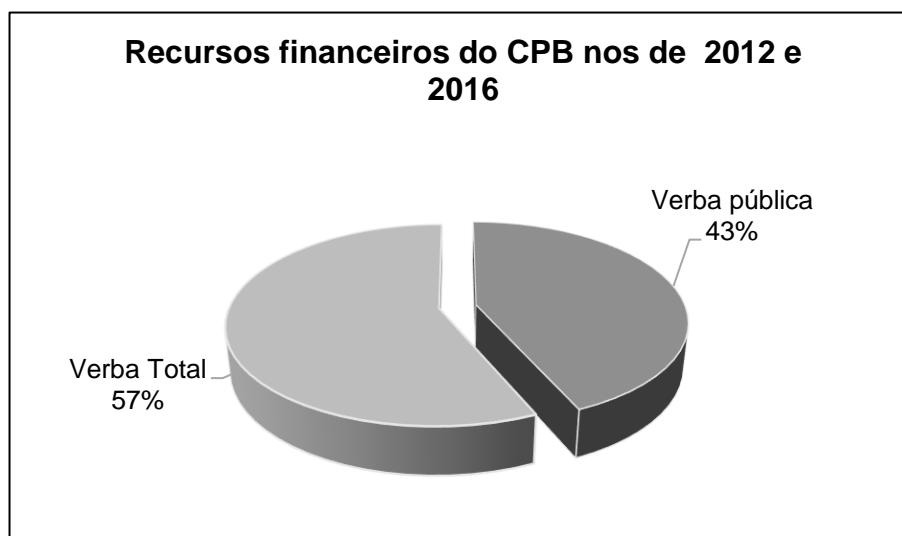


Gráfico 7 – Percentual de recursos financeiros recebidas pelo CPB nos anos de 2012 e 2016 separadas por verbas provenientes da Lei Agnelo Piva e de outras fontes

Fonte: (CPB, 2012; 2017).

Sobre o assunto “recursos financeiros”, seis reportagens abordaram a Lei Agnelo Piva, três destas criticavam o COB e a sua política de gerir os recursos provenientes dessa Lei (RODRIGUES, 23/09/2012, p. 06), justificando que o CPB recebia muito menos recursos (DAMÉ, 13/09/2012, p. 05) e os atletas paralímpicos conquistam muito mais pódios que os olímpicos

²⁸ A Lei de Incentivo ao Esporte, nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006, possibilita que pessoas físicas e jurídicas incentivem projetos esportivos, de modalidades olímpicas, paralímpicas e outras, por meio de doações ou patrocínios, usando para isso um percentual a ser descontado do valor devido ao Imposto de Renda (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2016).

(KNOPLUCH, 10/09/2012, p. 06). Esse discurso promoveu comparações entre os atletas, evidenciadas, principalmente, nas reportagens que ressaltam as conquistas dos paralímpicos (KNOPLUCH, 30/08/2012, p. 05). Inclusive, dirigentes do CPB (AMATO, 08/09/2016, p. 05) e membros do poder público (ALENCASTRO; BARRETO, 26/08/2016, p. 29) idealizaram que os atletas paralímpicos deveriam conquistar mais medalhas que os olímpicos, para compensar o baixo desempenho dos JO na Rio-2016:

Leonardo Tomasello: “[...] **eu acho que eles têm essa responsabilidade**, porque todos esperavam ver os brasileiros ganharem provas, subirem ao pódio na Olimpíada [...] além do hino brasileiro, que não tocou (AMATO, 08/09/2016, p. 05).

Outras comparações ressaltam que os atletas paralímpicos apresentam maior motivação nos treinamentos, sob a justificativa de que “sofreram a vida toda” e por esta razão se mostram mais dedicados do que um atleta convencional (NOGUEIRA, 08/11/2015, p. 47). E, aqueles atletas paralímpicos que se destacam nas mesmas provas e modalidades de ídolos olímpicos são mencionados em algumas reportagens com nomes referenciando esses atletas olímpicos, como nas reportagens: “O **‘Michael Phelps’** do esporte paralímpico brasileiro, Daniel Dias, tentará mais uma grande performance [...]” (BRASIL MIRA O TOP CINCO, 28/08/2016, p. 20) e “**O Bolt irlandês: Jason Smyth**” (AMATO, 07/09/2015, p. 08).

Essas comparações entre o contexto olímpico e paralímpico são equivocadas, uma vez que, os JP e JO são eventos esportivos que se manifestam em contextos diferentes e que possuem características próprias, principalmente, no que diz respeito ao potencial econômico (MARQUES et al, 2009). Isso quer dizer na capacidade de retorno financeiro que os eventos propiciam aos seus investidores.

Nesse aspecto, podemos destacar situações que evidenciam essas diferenças, como a que ocorreu na Rio-2016. Houve indícios de que os JP no Rio-2016 não seriam realizados por falta de verbas devido à baixa procura por ingressos (VENDAS DA PARALIMPÍADA ESTÃO EM 12%, 16/08/2016, p. 11), enquanto os JO não correram esse risco (PARALIMPÍADA EM PERIGO, 14/08/2016, p. 03), porque os recursos que custearam a organização dos JO

foram provenientes de patrocínios e da venda de ingressos (VERBA DA PARALIMPÍADA DA PARALIMPÍADA GARANTIDA, 19/08/2016, p. 15).

Vale ressaltar que o valor dos ingressos para acompanhar as Paralimpíadas era inferior quando comparado aos do JO (FRANÇA, 10/09/2016, p. 05). Por exemplo, nos JP o preço dos ingressos variou entre R\$10 e R\$1000 (JASON SMYTH..., 08/09/2015, p. 25) já nos JO, entre R\$40 e R\$4600 (GLOBO ESPORTE, 2014). Em relação aos patrocínios, das 60 empresas patrocinadoras, apoiadoras ou fornecedoras oficiais dos JO, apenas 28 decidiram associar suas marcas aos JP, outras cinco empresas decidiram patrocinar apenas o segundo evento. Isso porque na Rio 2016, diferentemente do que ocorreu em outras edições, apoiar os dois eventos não era obrigatório, já que, o Comitê Organizador de cada cidade que definem as regras, e posteriormente são aprovadas pelo COI (SCHERER, 2016).

De acordo com Marques et al (2015) e Faria e Carvalho (2010), a dificuldade do evento paralímpico em obter patrocínios, pode estar associada à falta de identificação entre o movimento paralímpico e o grande público. Isso porque, há resistência das empresas em associar a sua imagem a uma imagem tida como frágil, pois no imaginário social, o esporte é dotado de beleza, força, vitalidade, perfeição o que pode não condizer quando se tem como atores dessa prática pessoas com deficiência (SILVA; CARNEIRO; MARINHO, 2018).

Ao analisar o site oficial do CPB e COB, verifica a diferença entre os patrocinadores, apoiadores, fornecedores de ambos os comitês, como mostra o quadro 6. Enquanto o COB recebe recursos de empresas privadas, 50% dos recursos do CPB são provenientes do poder público e de empresas estatais.

Quadro 6 – Investidores do esporte olímpico e paralímpico brasileiro.

Comitê Olímpico Brasileiro	Comitê Paralímpico Brasileiro
Patrocinadores oficiais Peak Internacional Estácio	Patrocinadores oficiais Loterias Caixa Braskem Toyota
Apoiadores oficiais Travel Ace Assistance Aliansce Shopping Centers	Apoiadores oficiais Governo do Estado de São Paulo
Fornecedor oficial Brw Sports Group	

Fonte: (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2018; CPB, 2018).

Em relação à profissionalização no esporte paralímpico, conforme pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado (2015) que entrevistou 888 atletas e ex-atletas cadastrados no CPB, mais de 50% apontaram que sua principal fonte de renda provém do Bolsa Atleta e somente 70% dos atletas se dedicavam exclusivamente ao esporte. Esses dados, inferem que os atletas paralímpicos dependem de recursos financeiros do setor público para se manterem no esporte e apontam para uma possível profissionalização no esporte paralímpico²⁹ (MARQUES, 2010; HAIACHI et al, 2016).

O suporte financeiro, além de proporcionar condições para que os atletas se dediquem exclusivamente aos treinamentos, oportuniza o aprimoramento do seu desempenho (CARDOSO, 2016), uma vez que possibilita melhorias nas condições de treinamento, como por exemplo, a reforma e a construção de locais de treinamento (DA GARAGEM PARA CT DE PRIMEIRO MUNDO, 10/09/2014, p. 33), a participação em eventos internacionais e nacionais (KNOPLOCH, 19/12/2015, p. 13), a preparação incluindo fase de aclimação para os JP (ATLETAS BRASILEIROS..., 18/08/2012, p. 04) e a compra de equipamentos esportivos (KNOPLOCH, 04/09/2012, p.05).

Este último, essencial para os atletas que utilizam próteses e disputam modalidades em cadeira de rodas. Segundo Ciro Winckler, diretor técnico do atletismo do CPB, os altos impostos brasileiros limitam o número de praticantes de modalidades que exigem esses equipamentos (KNOPLOCH, 27/07/2013, p. 06), pois são personalizados e tem um alto valor. Além do mais, atletas em formação tendem a se desenvolverem e crescerem fisicamente e podem trocar de modalidade ou mudar de categoria (classe funcional), o que exigiria a compra de novos equipamentos.

Quanto a cobertura da mídia sobre os atletas paralímpicos, eles foram evidenciados por se destacarem tanto pelo seu desempenho esportivo e história de vida (NOGUEIRA, 13/03/2013, p. 06) ou pelo seu desempenho

²⁹ No Brasil, conforme a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé), o atleta paralímpico pode ser reconhecido como profissional informal. Pois, sua atividade se caracteriza "...pela liberdade de prática e inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio" (BRASIL, 1998).

esportivo e envolvimento em polêmicas (QUEDA DO OLIMPO, 15/02/2013, p. 01). Nesse sentido, alguns atletas se destacam, como por exemplo, Oscar Pistorius, conhecido por ter realizado grandes feitos esportivos no movimento paralímpico (KNOPLOCH, 01/09/2012, p.05) e por ter sido o primeiro atleta, biamputado a disputar o campeonato mundial para corredores “sãos”³⁰ (RODRIGUES, 22/05/2012, p. 05) e a participar dos JO e JP de Londres-2012 (PISTORIUS FAZ HISTÓRIA..., 20/07/2012, p. 05).

Entretanto, após ter perdido a final do atletismo na prova dos 200m (KNOPLOCH, 04/09/2012, p. 05) e ter se envolvido no assassinato da sua namorada (SENTENÇA SEM INTENÇÃO DE MATAR, 13/09/2014, p. 43), as notícias sobre o ex-atleta olímpico e paralímpico Oscar Pistorius foram desconstruindo sua imagem de bom moço, de atleta campeão, dono de seis medalhas de ouro paralímpicas conquistadas entre Atenas-2004 e Londres-2012 e de inspiração (CASO ENCERRADO FIM DE LINHA, 22/10/2014, p. 32), em um modelo negativo, cuja personalidade inconstante, explosiva, violenta (BANCO DOS RÉUS PISTORIUS, 03/03/2014, p. 24) o levaram a se tornar um vilão e um exemplo a não ser seguido.

Outro exemplo, foi o atleta Alan Fonteles que se tornou conhecido após vencer a prova dos 200m no atletismo para atletas na classe T44:

“Alan Fonteles **calou o Estádio Olímpico**. É que o público que lotou a arena **ansiava por uma vitória do mais famoso atleta paralímpico do mundo, o sul-africano Oscar Pistorius**, nos Jogos Paralímpicos. E quando o brasileiro, **biamputado como o ídolo**, numa arrancada espetacular, cruzou a linha de chegada dos 200 metros (T44), após 21s45, com novo recorde mundial, **a torcida, que aplaude e vibra a cada conquista, parecia em choque. Essa foi a primeira vitória de Alan contra Pistorius** (21s52) [...]” (KNOPLOCH, 03/09/2012, p.06).

A reportagem acima ilustra o surgimento de um ídolo. O ídolo é um ser humano que realiza feitos relevantes para uma grande massa, conquista

³⁰ A terminologia utilizada para falar dos atletas sem deficiência, subentende que as pessoas com deficiência são doentes e que existe um distanciamento entre ambas. Mas, Oscar Pistorius ao ter quebrado essa barreira, alcançando o feito de puder competir com pessoas sem deficiência em igualdade de oportunidades, pode ter diminuído esse distanciamento.

status dentro de seu campo profissional e representa um determinado grupo (BOMFIM, 2015). No contexto paralímpico, o atleta que alcança o *status* de ídolo é aquele que consegue feitos esportivos extraordinários e/ou que também possui histórias de superação, sobretudo dos desafios diários impostos nas cidades inacessíveis e nas dificuldades que a deficiência, supostamente, lhe impõe (TEODORO, 2006). Esses ídolos são reconhecidos dentro do grupo de pessoas com deficiência (BRAZUNA; CASTRO, 2001) e cada um tem um *status* dentro do movimento paralímpico.

Nesse contexto, no Caderno de Esporte do jornal O Globo, foram eleitos os ídolos paralímpicos, Daniel Dias que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita (KNOPLUCH, 29/08/2012, p. 06), desponta como o maior medalhista brasileiro (KNOPLUCH, 07/09/2012, p. 05), detentor de três prêmios *Laureaus*, o oscar do esporte (BERTOLDO, 19/04/2016, p. 01) e exemplo para a nova geração de atletas paralímpicos (NOGUEIRA, 13/03/2013, p. 06).

O veterano Clodoaldo Silva foi mencionado nas reportagens como o primeiro ídolo do movimento paralímpico brasileiro (AMATO, 10/09/2016, p. 01) e recordista de conquistas na natação “dono de 12 medalhas, seis de ouro, quatro pratas e dois bronzes, em quatro Paralimpíadas” (CLODOALDO SILVA..., 24/08/2012, p. 04). Na maior parte das reportagens, ele apareceu como o atleta que inspirou Daniel Dias a praticar natação “O Clodoaldo é o meu ídolo, foi por causa dele que comecei no esporte” (KNOPLUCH, 31/08/2012, p. 04).

Alan Fonteles e Terezinha Guilhermina tiveram trajetórias diferentes no movimento paralímpico brasileiro. Enquanto Alan ganhou notoriedade após ter “derrotado Oscar Pistorius na prova dos 200m nos JP” (KNOPLUCH, 04/09/2012, p.05) e por ter “vencido todas as provas individuais que disputou no campeonato mundial, batendo recordes e sepultando os números de Oscar Pistorius” (KNOPLUCH, 29/07/2013, p.08). Terezinha ficou conhecida após ter conquistado três medalhas na edição de Pequim-2008, nas provas de 100m, 200m e 400m (RODRIGUES, 23/05/2012, p. 06).

Entretanto, ambos os atletas tiveram problemas durante o ciclo paralímpico de 2012 a 2016, como por exemplo, o afastamento de um ano de Alan Fonteles dos treinamentos (NOGUEIRA, 24/04/2015, p. 24) e lesões

musculares sofridas por Terezinha Guilhermina, esses problemas refletiram em suas performances e, com isso, acabaram não conseguindo manter ou vencer provas nas quais eram considerados especialistas (NOGUEIRA, 26/04/2015, p. 44). Por esta razão, as reportagens evidenciaram as suas derrotas (COSTA, 09/09/2016, p. 03) e especularam com desconfiança as suas capacidades de superação (KNOPLCH, 07/09/2016, p.01).

Percebe-se uma relação entre os atletas Oscar Pistorius e Alan Fonteles de forma que as notícias evidenciaram que o brasileiro Alan Fontes se tornou ídolo após o envolvimento do estrangeiro “sem as duas pernas” (CASO ENCERRADO FIM DE LINHA, 22/10/2014, p. 32) em um assassinato (VÍTIMA OU VILÃO? REVIRAVOLTA, 12/09/2014, p. 37). Outra relação mostra que na maioria das reportagens que citaram Clodoaldo Silva, ele apareceu como ídolo dos atletas paralímpicos, entre eles André Brasil (KNOPLCH, 01/09/2012, p. 05) e principalmente Daniel Dias (AMATO, 13/09/2016, p. 03).

Como último ponto a ser levantado em nossa análise, verifica-se discursos que ressaltam o esporte paralímpico como uma ferramenta capaz de provocar mudanças nos aspectos pessoais e sociais de seus praticantes (BENFICA, 2012). Como ilustra a fala da atleta Terezinha Guilhermina:

“ O esporte paralímpico para mim é **a diferença entre** a Terezinha que **sonhava** para a Terezinha que **realiza sonhos**. Consegui entrar por portas que, antes, toda forma de preconceito fechava. O esporte permitiu que **me tornasse uma profissional**, que **pudesse viver do esporte**. Se eu não fosse atleta, certamente seria alguém que investiria em um” (NOGUEIRA, 26/04/2015, p. 44).

Esse discurso relatado pela atleta é pessoal e não reflete no contexto maior, em virtude de que, nem todos os atletas paralímpicos possuem uma projeção na sociedade que a mesma tem e nem todos os atletas conseguem se dedicar exclusivamente ao esporte paralímpico, porque precisam conciliar os treinamentos com o trabalho (TEODORO, 2006), haja vista que a profissionalização no esporte paralímpico encontra-se em uma fase inicial (MARQUES, 2010; HAIACHI et al, 2016). E mais, a sociedade ainda impõe barreiras para as pessoas com deficiência, como por exemplo, as barreiras

arquitetônicas, de oportunidades, de comunicação, mas, principalmente, de atitude, pois parece persistir a ideia de que as pessoas com deficiência são coadjuvantes na sociedade (CARDOSO, 2011; HAIACHI, 2017).

Por fim, os meios de comunicação poderiam interferir positivamente no imaginário das pessoas em relação às questões da deficiência, mas para que isso aconteça, primeiramente, terão que compreender que o simples fato de ter uma arena de competição cheia de espectadores não será suficiente para mudar a percepção sobre essas questões (HÁ INCLUSÃO NO FIM DO TÚNEL, 23/09/2016, p. 06).

A construção e desconstrução de olhares são processos que perpassam na sociedade e envolvem vários setores sociais. Nesse sentido, a mídia tem potencial para promover discussões sobre as questões da deficiência; se mostrarem interesse e um olhar despido de estigmas ao noticiar as pessoas com deficiência, poderão influenciar na elaboração de reportagens que promovam discursos que elevem as potencialidades das pessoas e reflexões críticas sobre o assunto (DE LÉSÉLEUC; ATHANASIOS; MARCELLINI, 2009; BRITAIN; BEACOM, 2016).

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa, por se tratar de uma análise documental, pode apresentar diferentes interpretações para o fenômeno analisado, em virtude de que somos sujeitos com histórias, percepções e posicionamentos únicos. Portanto, os dados da pesquisa aqui expostos, não podem ser encaradas como verdades absolutas, mas como um entre outros possíveis olhares para o objeto de estudo analisado. Relembrando que, para compreender esses olhares, foram analisadas reportagens referentes aos JP em um caderno de esportes, num período de tempo específico.

A mídia exerce diversos papéis na sociedade, e um deles é a disseminação de informações para os mais diversos públicos. Assim, uma variedade de assuntos se tornam pautas potenciais de notícias, em virtude de que, para cada grupo social, há exigências e demandas diferentes de visibilidade.

Se considerar os JISM como um embrião dos JP, antes de se tornar um evento que reúne atletas em busca da excelência nos resultados, aquele foi, primeiramente, um evento de integração entre pacientes de centros de reabilitação. Posteriormente, começou a assumir um viés competitivo, porém na perspectiva da participação e integração entre os países.

Entretanto, independentemente da época, a sua finalidade no decorrer dos anos não mudou. Desde o princípio o intuito era mostrar a sociedade o potencial de pessoas com deficiência, no que diz respeito às habilidades físicas e, por conseguinte, evidenciar o esporte como uma ferramenta de inserção social. Nesse contexto, a mídia, enquanto influenciadora e formadora de discursos e opiniões, se mostra como um espaço com capacidade de promover debates sobre questões relacionadas à deficiência.

Os dados do estudo evidenciaram que a cobertura da mídia em relação aos JP tem aumentado a cada edição dos Jogos, o que mostrou maior interesse dos meios de comunicação em noticiar assuntos referentes ao contexto paralímpico. Mas, em termos de abordagem, as notícias continuam ressaltando a deficiência em detrimento dos feitos esportivos.

Nesse tipo de divulgação, os atletas são retratados como heróis por superarem as dificuldades provocadas pela deficiência e passarem a realizar

feitos que aparentemente não conseguiriam. A ênfase das reportagens é na história de vida do atleta, em assuntos do cotidiano e fora do contexto do esportivo. Esse direcionamento pode levar a sua desqualificação enquanto atleta e ser reconhecido como objeto de inspiração. Ao optar por esse discurso, a mídia continua a reproduzir estereótipos e a distanciar os JP de serem reconhecidos como uma manifestação esportiva de alto rendimento.

As notícias referentes aos JP somaram 6,8% do total de reportagens publicadas no Caderno de Esportes do jornal O Globo analisado. Esses números apontam para o pouco interesse da mídia em divulgar o evento, mesmo diante das inúmeras campanhas de divulgação do movimento paralímpico promovidas pelo CPB ao longo de sua trajetória.

Os atletas que apareceram com maior frequência nas reportagens foram: a) aqueles que se destacaram pelo número expressivo de conquistas, como no caso de Daniel Dias, Clodoaldo Silva, André Brasil e Lucas Prado; b) pelas extraordinárias histórias de superação, como por exemplo, Susana Schnarndorf e Alessandro Zanardi; c) pelo envolvimento em polêmicas fora e dentro do âmbito esportivo, como nos casos de Oscar Pistorius e Alan Fonteles; d) pela ascensão no esporte paralímpico, como o ocorrido com Verônica Hipólito, Lorena Spoladore, Talisson Glock e Petrúcio Ferreira.

A mídia parece ter encontrado no discurso *Supercrip*, uma forma predominante de divulgar os JP; vale ressaltar que se esta forma de divulgação tem sido reforçada ao longo do tempo, é porque a sociedade a tem consumido. A mídia expõe, em seus meios de comunicação, aquilo que é devidamente rentável e aceitável, ou seja, a visibilidade de determinados assuntos em detrimento de outros está relacionada com o desejo de consumo a ser direcionado pelos seus investidores e absorvido pelos telespectadores.

Faz-se necessário um maior interesse em divulgar assuntos relacionados às pessoas com deficiência e, por conseguinte, entender os conceitos e elementos que circundam o contexto paralímpico, como a inclusão, a deficiência, a classificação funcional entre outros. Entretanto, é compreensível que desconstruir o olhar carregado de estigmas sobre a pessoa com deficiência e, conseqüentemente, sobre os JP, não dependerá somente dos meios de comunicação, mas da sociedade como um todo.

No decorrer das análises surgiram alguns questionamentos relativos à mídia e ao contexto paralímpico. Estes não puderam ser respondidos pela pesquisa, mas se acredita que os questionamentos podem ser interessantes objetos de estudos. Talvez seria interessante ouvir como os telespectadores, atletas e dirigentes do movimento paralímpico percebem a cobertura da mídia em relação ao contexto paralímpico. O discurso desses sujeitos poderá fornecer elementos que auxiliem os meios de comunicação a qualificar a sua cobertura frente ao esporte e aos atletas paralímpicos. Como última sugestão, seria interessante mapear o discurso midiático presente nos jornais impressos ou digitais sobre o contexto paralímpico nas diferentes regiões brasileiras, essa seria uma forma de verificar o panorama do país em relação a construção das reportagens sobre o assunto e como cada região do país percebe o contexto paralímpico.

7 REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. **Jogos Paralímpicos, Jogos Paraolímpicos, Paralimpíadas, Paraolimpíadas.** Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

ALENCASTRO, C.; BARRETO, E. Paralimpíada tocha acesa. **O Globo.** Rio de Janeiro, 26 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 29.

AMATO, G. A um ano das Paralimpíadas Bolt Irlandês. **O Globo.** Rio de Janeiro, 07 set. 2015. Caderno de Esportes, p. 08.

_____. Após a 'seca', chance de redenção na natação. **O Globo.** Rio de Janeiro, 08 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Oh, Susana!. **O Globo.** Rio de Janeiro, 10 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 01.

_____. Ao mestre, com carinho. **O Globo.** Rio de Janeiro, 13 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 03.

ANDRADE, A. C.; ALMEIDA, M. B.; ANDRADE, D. R. MONTEIRO, C. B. Análise documental das políticas públicas de incentivo às práticas físico-esportivas para pessoas com deficiência no Brasil: perspectivas para as Paralimpíadas Rio- 2016. **Revista Gestão & Políticas Públicas.** v. 04, n. 01, p. 106-127, 2014.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil.** São Paulo, SP: Phorte, 2011.

_____. **Desporto Adaptado no Brasil: Origem, Institucionalização e Atualidade.** 1997. 152 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS E PESQUISAS. **Critério Brasil.** Disponível em: <<http://abep.org.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DESPORTO PARA DEFICIENTES. **História.** Disponível em: <<http://ande.org.br/historia>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil.** Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

ATLETAS BRASILEIROS PREPARAM O SEU CAMINHO PARA O PÓDIO. **O Globo.** Rio de Janeiro, 18 ago. 2012. Caderno de Esportes, p. 04.

BANCO DOS RÉUS PISTORIUS. **O Globo.** Rio de Janeiro, 03 mar. 2014. Caderno de Esportes, p. 24.

BARBOSA, R. J. (2006). **ATLAS ti. V 5.0**: Apostila de treinamento. Disponível em: <<http://www2.unicentro.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BARRETO, M. A. **Esporte paralímpico brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992)**. 2016. 153 f. Tese (Doutora em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, 2016.

BARRETO, M. Almanaque paralímpico. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 44.

BARROS, J. D. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, n. 12, p. 129-159, mai./ago. 2012.

BENFICA, D. T. **Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestre em Educação Física) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2012.

BERNSTEIN, S.; MILZA, P. Considerações. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. **Questões para a história do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999. p. 127-130.

BERTOLDO, S. Desempenho inédito nas Paralimpíadas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 dez. 2012. Caderno de Esportes, p. 07.

_____. Djokovic projeta no Rio a realização do sonho dourado de seu país. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 abr. 2016. Caderno de Esportes, p. 01.

_____. Primeiro lugar é o objetivo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 dez. 2014. Caderno de Esportes, p. 08.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia?. **Motrivivência**, p. 01-03, 2002.

BIANCHI, P.; HATJE, M. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. **Motrivivência**, Ano XVIII, n. 27, p. 165-178, dez. 2006.

BOMFIM, D. Como Nasce um Ídolo: o Mito e suas Narrativas. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 06; n. 01, 2015.

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, MS. **Resumo**. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

_____. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002,

Salvador. **Resumo.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18BORELLI.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.
BRASIL MIRA O TOP CINCO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 20.

BRASIL, Lei n. 10.264, de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Brasília, DF, mar. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10264.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____, Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Brasília, DF, mar. 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12395-16-marco-2011610346-norma-pl.html/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____, Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, mar 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10264.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____, Lei n. 9.615, de 24 de março 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF, mar 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____, Ministério do Esporte. **Plano Brasil Medalhas**. 10/03/2017. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, v. 07, n. 02, p. 115-123, 2001.

BRITAIN, I; BEACOM, A. Leveraging the London 2012 Paralympic Games: What legacy for people with disabilities?. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 40, n. 06, p. 499- 521, 2016.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross- Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 03, n. 03, p. 308–321, 2010.

CAMBRUZZI, G. M. A. S. **O discurso da mídia sobre a cobertura das Paraolimpíadas de Pequim 2008 e a inclusão de pessoas com**

deficiência. 2011. 73 f. Monografia (Especialização em Educação Inclusiva) – Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2011.

CAMPOS, A. G. O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Resumo**. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4036423.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 02, p. 529-539, abr./jun., 2011.

_____. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. 2016. 217 f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 12, n. 02, p. 132-146, abr./jun. 2014.

CARDOSO, V. D.; POFFO, B. N.; GAYA, A. C. A.; HAIACHI, M. C.; VELASCO, A. P. A contribuição da mídia na construção dos ídolos paralímpicos brasileiros. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, v. 11, n. 01, jan./mar., 2018.

CASO ENCERRADO FIM DE LINHA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 out. 2014. Caderno de Esportes, p. 32.

CASTRO, C. O. Meta ousada lá vem ouro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 ago. 2015. Caderno de Esportes, p. 31.

_____. O paciente inglês. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 set. 2015. Caderno de Esportes, p. 34.

CASTRO, E. M; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. **Motriz**, Rio Claro, v. 23, n. 3, p. 111-123, 2016.

CASTRO, E. M. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CECHINEL, A.; FONTANA, S. A. P.; GIUSTINA, K. P. D; PEREIRA, A. S.; PRADO, S. S.; Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Revista do Programa de Pós-graduação em Educação**, v. 05, n. 01, jan/jun, 2016.

CELLARD, A. Análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 295-316.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

CLODOALDO SILVA: FÔLEGO DE SOBRA PARA CONQUISTAR MAIS MEDALHAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 ago. 2012. Caderno de Esportes, p. 04.

CLUBE DOS PARAPLÉGICOS DE SÃO PAULO. **História**. Disponível em: <www.cpsp.org.br/pt/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **COB**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Balanco CPB 2012**. (2012). Disponível em: <<http://gestaorecursos.cpb.org.br/documentos/balancocpb/Balanco-CPB-2012.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Balanco CPB 2016**. (2017). Disponível em: <<http://gestaorecursos.cpb.org.br/documentos/balancocpb/Balanco-CPB-2016.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Esporte paraolímpico no Brasil: atualidades e perspectivas**. (2010). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctur/arquivos/esporte-paraolimpico-no-brasil/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. **Estatuto do Comitê Paralímpico Brasileiro** (1995). Disponível em: <http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Novo_EstatutoCPB_122017/3e5ccd10-b388-4ede-b424-944be3a6710c>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. **Circuito Loterias Caixa**. Disponível em: <<http://cpb.org.br/web/guest/circuito-loterias-caixa/>>. Acesso em: 07 jul. 2018a.

_____. **Paralimpíadas escolares 2018: regulamento geral**. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/regulamento+novo++escolares+v4/5a9f36f7-8664-4291-93b4-9082583bbe00/>>. Acesso em: 08 jul. 2018b.

_____. **Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/centro-de-treinamento/>>. Acesso em: 12 jul. 2018c.

_____. **Início**. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/>>. Acesso em: 31 out. 2018d.

_____. **Regimento Interno da Academia Paralímpica Brasileira**. Brasília, 17/04/2012. Disponível em:

<<http://www.cpb.org.br/documents/20181/32567/REGIMENTO+INTERNO+D+A+APB/f8e51ab6-17b5-46a8-8ff4-23d5cae98c3a/>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

_____. **Brasil Paraolímpico**, Brasília, n. 37, set./out. 2011.

_____. **Brasil Paraolímpico**, Brasília, n. 30, out./nov. 2008.

_____. **Revista Brasil Paraolímpico**. Brasília, DF, ano VIII, n. 12, set./out., p. 21-23, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO DE SURDOS. **O que é deaflympics?**. Disponível em: < http://cbds.org.br/?page_id=3589>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CONHEÇA A HISTÓRIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 mai. 2012. Na Internet, Caderno de Esportes, p. 06.

COSTA, A. M.; SANTOS, S. S. Participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Sydney: apresentação e análise. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 08, n. 03, mai./jun., 2002.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 03, p. 27-42, 2004.

COSTA, V. Alan Fonteles decepciona. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 03.

_____. Um domingo quando todos são vitoriosos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 mar. 2013. Caderno de Esportes, p. 07.

CSA MANTÉM RÚSSIA FORA DA PARALIMPÍADA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 01.

DA GARAGEM PARA CT DE PRIMEIRO MUNDO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 set. 2014. Caderno de Esportes, p. 33.

DAMÉ, L. Governo dará quase R\$1bi para evitar vexame em casa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

DARCY, S.; LEGG, D. **A brief history of the Paralympic Games: from post-WWII rehabilitation to mega sport event**. (2016). Disponível em: <https://theconversation.com/a-brief-history-of-the-paralympic-games-from-post-wwii-rehabilitation-to-mega-sport-event-64809>. Acesso em: 31 out. 2018.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 03, p. 80–88, 2009.

DEAFLYMPICS. **Time-line.** Disponível em: <<http://www.deaflympics.com/icsd/time-line>>. Acesso em: 27 jun. 2018a.

_____. **The Olympic Movement.** Disponível em: <<http://www.deaflympics.com/icsd/the-olympic-movement>>. Acesso em: 09 out. 2018b.

DI NUBILA, H. B. V; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia (online)**, v. 11, n. 02, p. 324-335, 2008.

DIAS, D. A. **Cobertura das Paralimpíadas de Londres 2012.** 2013. 148 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

EWERTON, F. Editorial. **O Globo.** Rio de Janeiro, 21 set. 2016. Jornal Paralímpico, Caderno de Esportes, p. 03.

FARIA, M. D.; CARVALHO, J. L. F. Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. **Revista Gestão e Sociedade**, v. 04, n. 09, set/dez, 2010.

FELIX, F. **Diferença entre matéria e reportagem.** (17/04/2018). Disponível em: <<http://academiadojornalista.com.br/reportagem-jornalistica-uma-introducao/>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

FERNANDES, L. B.; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.02, p.132 –144, 2011.

FERRAZ, L. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. (Orgs.). **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos de 2012. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 11, n. 02, jul./dez., 2014.

FIGUEIREDO, T. H.; NOVAIS, R. A Antiguidade ainda é um posto? Os momentos de vitória nos Paraolímpicos de Pequim. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Resumo.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1279-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FRANÇA, R. Fim de semana terá público recorde no Parque Olímpico da Barra. **O Globo.** Rio de Janeiro, 10 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 05.

FRIESE, S. **Atlas TI 7 Guia Rápido**. Berlin: Scientific Software Development GmbH, 2015.

G1. **Justiça aumenta a pena de prisão de Oscar Pistorius de 6 para 13 anos.** (24/11/2017). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/justica-aumenta-a-pena-de-oscar-pistorius.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2018.

GALATTI, L. R. **AFEs, desenvolvimento humano e esporte de alto rendimento**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil: PNUD, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILZ, C. **Os desafios e facilidades do uso do programa de software atlas/ti na análise de dados da pesquisa: a coleção “Redescobrimo o universo religioso” na formação do professor**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestre em Educação) – Pontifícia Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, PR, 2007.

GLOBO ESPORTE. **Ingresso mais barato das Olimpíadas custará R\$ 40 e o mais caro, R\$ 4.600.** (16/09/2014). Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2014/09/maioria-dos-75-milhoes-de-entradas-das-olimpiadas-custara-ate-r-70.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: the rise of the Paralympic Games. **The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health**. v. 127, n. 03, p. 133-141, 2007.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivência**, n. 32/33, p. 193-210, jun./dez., 2009.

GUTTMANN, L. Organisation of spinal units: History of the national spinal injuries centre, Stoke Mandeville hospital, Aylesbury. In: **Proceedings of the Annual Scientific Meeting of the Society held at Stoke Mandeville Hospital, Aylesbury, 27th to 29th July 1967**. p. 115-126, 1967. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/sc196714.pdf?origin=ppub>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

HÁ INCLUSÃO NO FIM DO TÚNEL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 06.

HAIACHI, M. C. **O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes**. 2017. 240 f. Tese (Doutor em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

HAIACHI, M. C.; CARDOSO, V. D.; FILHO, A. R. R.; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 2999-3006, 2016.

HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. **Sociological Review**. v. 54, p. 59-70, 2006.

HILGEMBERG, T. Do coitadinho ao super-herói: representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, Niterói, v. 01, p. 48-58, 2014.

_____. O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Resumo**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0608-1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

INFOGLOBO. **O Globo: Caderno de Esportes**. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=6>>. Acesso em: 01 out. 2017.

_____. **O Globo: Editoria Rio**. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=7>>. Acesso em: 15 dez. 2018a.

_____. **O Globo: Segundo Caderno**. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=6A>>. Acesso em: 15 dez. 2018b.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. Paratletas e a Paralimpíada. Brasília, 2015.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Annual Report 2012**. (2013). Disponível em: <<https://www.paralympic.org/the-ipc>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. **Annual Report 2016**. (2017). Disponível em: <https://m.paralympic.org/sites/default/files/document/170824082342043_IPC+Annual+Report+2016_Accessible.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. **IPC Historical Results Archive: Sydney**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/sydney-2000>>. Acesso em: 07 jul. 2018a.

_____. **IPC Historical Results Archive: London**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/london-2012>>. Acesso em: 07 jul. 2018b.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Tel Aviv. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/tel-aviv-1968>>. Acesso em: 07 jul. 2018c.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Heidelberg. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/heidelberg-1972>>. Acesso em: 07 jul. 2018d.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Toronto. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/toronto-1976>>. Acesso em: 07 jul. 2018e.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Stoke Mandeville/New York. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/stoke-mandeville--new-york-1984>>. Acesso em: 07 jul. 2018f.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Arnhem. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/medalStandings/arnhem-1980/>>. Acesso em: 07 jul. 2018g.

_____. **The International Paralympic Committee**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/the-ipc>>. Acesso em: 07 jul. 2018h.

_____. **IPC Historical Results Archive**: Barcelona. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/barcelona-1992>>. Acesso em: 07 jul. 2018i.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Beijing. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/beijing-2008>>. Acesso em: 07 jul. 2018j.

_____. **IPC Historical Results Archive**: Rio. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/rio-2016>>. Acesso em: 07 jul. 2018k.

_____. **IPC Historical Results Archive**. Athens. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/athens-2004>>. Acesso em: 07 jul. 2018l.

JASON SMYTH VENCE DESAFIO PARALÍMPICO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 set. 2015. Caderno de Esportes, p. 25.

JUNIOR, E. (2012). **Rádio Câmara, Reportagem especial**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. 09/03/2012. Acesso em: 19 jul. 2018.

KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, Ano VI, v. 06, n, 11, 2004.

KIM, K. T.; LEE, S.; OH, E. S. Athletes with disabilities in the Paralympic Games: a framing analysis of television news, **Managing Sport and Leisure**, 2018.

KNOPLOCH, C. Ano da bonança. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 dez. 2015. Caderno de Esportes, p. 13.

_____. Brasil dá adeus a Londres com Tito e Ozivam. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Campanha histórica Brasil fica em terceiro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 jul. 2013. Caderno de Esportes, p. 08.

_____. Com mais um ouro, Daniel Dias iguala recorde de pódios. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Daniel Dias confirma favoritismo, fica com ouro e recorde mundial. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 ago. 2012. Caderno de Esportes, p. 04.

_____. Esporte e superação sob nova luz. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 ago. 2012. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Fecho de ouro na maratona triunfal. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Grupo especial. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 set. 2016, 2ª edição. Caderno de Esportes, p. 01.

_____. Jovane Guissone conquista ouro inédito na esgrima. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Na abertura dos Jogos, festa sob a luz da ciência. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 ago. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. O novo astro Alan Fonteles. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 jul. 2013. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Ouro, recorde mundial e lágrimas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Pistorius se redime: 'Era o momento de Alan'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 set. 2012, 2ª edição. Caderno de Esportes, p. 05.

_____. Público torce por Pistorius e aplaude Alan. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Terezinha & Alan na pressão. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 01.

MACHADO, R. B. Paralimpíadas e mídia: o crescimento das políticas de inclusão. **Cadernos de comunicação**, v. 16, n. 02, jul/dez, 2012.

MANDEVILLE LEGACY. **Mandeville Legacy: Celebrating Buckinghamshire as the birthplace of the Paralympic movement.** Disponível em: <<http://www.mandevillelegacy.org.uk/category/topics>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

MARQUES, R. F. R. A. contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 87-96, 2016.

MARQUES, R. F. R.; MARIOVET, S.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MENEZES, R. P.; NUNOMURA, M. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectiva de atletas portugueses. *Motricidade*, v. 11, n. 03, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu.** 2010. 286 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de São Paulo, Campinas, SP, 2010.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas.** São Paulo, SP: Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação dos atletas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 04, p. 515-527, 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 04, p. 583-596, 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico; o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 04, p. 365-377, 2009.

MARRA, R. **Folha de São Paulo. Diferente da Olimpíada, transmissão da Paraolimpíada será enxuta na televisão.** (06/09/2016). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810512-diferente-da-olimpiada-transmissao-da-paraolimpiada-sera-enxuta-na-televisao.shtml>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MAZZOTTA, M. J. S.; D'ANTINO, M. E. F. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde e Sociedade (online)**, v. 20, n.02, p.377-389, 2011.

MELLO, B. Sem clichês guiado por pódios. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 fev. 2016. Caderno de Esportes, p. 06.

MELLO, M. V. A festa do esporte. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 set. 2016. Jornal Paralímpico, Caderno de Esportes, p. 03.

MEMORIA O GLOBO. (2013). **Jornais de Bairro**. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/jornais-de-bairro-9173648>>. Acesso em: 15 dez. 2018a.

_____. (2013). **O Globo é lançado**. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>>. Acesso em: 15 jul. 2017b.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. 2011. 331 f. Dissertação (Mestre em Educação Física) – Universidade Estadual de São Paulo, Campinas, SP, 2011.

MULLER, U. Esporte e Mídia: um pequeno esboço. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 17, n. 03, 1996.

NEGÓCIOS GLOBO. **Audiência acumulada**. Disponível em: <http://comercial2.redeglobo.com.br/midiakit/Pages/dicionarioMidia.aspx?Titulo=AUDI%C3%8ANCIA%20ACUMULADA&Letra=A>. Acesso em: 31 out. 2018.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**. São Paulo, v 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NOGUEIRA, C. Astro paralímpico assume papel de modelo para jovens. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 mar. 2013. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Atletismo paralímpico novas metas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 abr. 2015. Caderno de Esportes, p. 24.

_____. Futuro promissor olho clínico. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 nov. 2015. Caderno de Esportes, p. 47.

_____. Mais Jogos faltam 500 dias. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 abr. 2015. Caderno de Esportes, p. 44.

_____. Uma nova cara para os jogos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 mar. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

NOVAIS, A.; FIGUEIREDO, T. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Logos 33 Comunicação e Esporte**. v. 17, n. 02, 2010.

O ADEUS AO FARAÓ DO TÊNIS DE MESA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 03.

PACHECO, K. M. B.; ALVES, V. L. R. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta Fisiactra**, v. 14, n. 04, p. 242-248, 2007.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 03, p. 345–354, 2011.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**, 2016.

PARALIMPÍADA EM PERIGO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 03.

PARSONS, A. O legado está nas pessoas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 21.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Org.). **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PAULA, P. Ritual chama da paixão. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 36.

PEDRINELLI, V. J.; NABEIRO, M. A prática do esporte pela pessoa com deficiência na perspectiva da inclusão. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Org.). **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PEREIRA, O; MONTEIRO, I; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência – uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 22, p. 199-217, 2011.

PISTORIUS À ESPERA DA SENTENÇA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 out. 2014. Caderno de Esportes, p. 28.

PISTORIUS FAZ HISTÓRIA E VAI ÀS OLIMPÍADAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 jul. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

POCRIFKA, D. H.; CARVALHO, A. B. G. P. O êxito do uso do software Atlas TI na pesquisa qualitativa: Uma experiência com análise de conteúdo. **Investigação em Ciências Sociais**, v. 03, 2014.

POFFO, B. N.; KUGLER, A. G.; VELASCO, A. P.; SOUZA, D. L. A cobertura midiática dos jogos paralímpicos de Londres/2012 no portal Globoesporte.com. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v. 26, n, 2, p. 92-102, 2018.

POFFO, B. N.; VELASCO, A. P.; KUGLER, A. G.; FURTADO, S.; SANTOS, S. M.; FERMINO, A. L.; SOUZA, D. L. Mídia e jogos paralímpicos no brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de S. Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 04, p. 1353-1366, out./dez., 2017.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol empresa**. 1998. 275 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de São Paulo, Campinas, SP, 1998.
QUEDA DO OLIMPO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 fev. 2013. Caderno de Esportes, p. 01.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Lei de incentivo**: R\$ 1,87 bilhão investidos no esporte brasileiro em todos os níveis. (2016). Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-de-incentivo-ao-esporte>>. Acesso em: 03 out. 2018.

REIS, R. E; MEZZADRI, F. M.; M. M. SILVA. As políticas públicas para o esporte paralímpico no brasil: apontamentos gerais. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 01, p. 58-69, jan./abr., 2017.

RIBAS, J. B. C. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCCO JÚNIOR, A. J.; SANTOS, B. M. Onde está o Esporte? – Espetáculo, Entretenimento e Política na Cobertura dos Jogos Rio 2016 das Principais Revistas Semanais do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Resumo**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1950-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ROCHA, C. A. 'O desafio é não criar ilhas acessíveis'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 set. 2016. Caderno de Esportes, p. 06.

RODRIGUES, J. L. No rumo certo para o ouro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 mai. 2012. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. Nós não privilegiamos quem já está privilegiado. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 set. 2012. Caderno de Esportes, p. 06.

_____. O Blade Runner de todas as pistas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 mai. 2012. Caderno de Esportes, p. 05.

SANTOS, S. M.; POFFO, B. N.; VELASCO, A. P.; SOUZA, D. L. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2018.

SANTOS, S. M., SOUZA, D. L. Esporte paralímpico na ou da mídia? Uma revisão de literatura. In: CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 08., 2016. Criciúma/SC. **Anais**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/8cspbce/2016sul/paper/viewFile/8243/4389>>. Acesso: 25 ago. 2018.

SASSAKI, R. K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, V. (org.). Mídia e Deficiência. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 160-165.

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. (Orgs.). **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 09-24.

SENTENÇA SEM INTENÇÃO DE MATAR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 set. 2014. Caderno de Esportes, p. 43.

SHERER, A. **Patrocínio à Paralimpíada foi tropeço do Rio-2016**. (22/09/2016). Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/patrocínio-a-paralimpiada-foi-tropeco-do-rio-2016/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SILVA, C. F. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil: esportivização e contatos culturais nos clubes**. 2015. 262 f. Tese (Doutora em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

SILVA, C. F.; CARNEIRO, M.; MARINHO, J. A cobertura dos portais eletrônicos de notícias mineiros sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. In: OLIVEIRA, A. F. S; HAIACHI, M. C. (Orgs.). **Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2018.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174-194, 2012.

SILVA, C. F.; MAZO, J. Z.; ASSMANN, A. B. A aplicação do software ATLAS.ti 7.5.6 em uma pesquisa no campo da história do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 01, p. 106-119, jan./abr., 2018.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA, A. P. P.; SOUZA, D. L.; CASTRO, S. B. E.; MEZZADRI, F. M. Megaeventos Esportivos: competições esportivas ou políticas/econômicas? **Motrivivência**, n. 41, p. 101-114, dez., 2013.

SOUZA, D. L.; PAPPOUS, S. Legados esportivos de megaeventos esportivos: uma revisão da literatura. **Motrivivência**, n. 41, p. 42-56, dez., 2013.

STEFANE, C. A. et al. Esporte adaptado, Paraolimpíadas e Olimpíadas Especiais. IN: COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Shape. 2005, p. 645-649. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013480.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

TEODORO, C. M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos**. Dissertação (Mestre em Distúrbios do Movimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2006.

THE ROYAL STAR & GARTER HOMES. **Our History**. Disponível em: <<https://starandgarter.org/about/our-history/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1993.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and Its Athletes Through the Lens of the New York Times. **Sports**, v. 01, n. 01, p. 13-36, 2013.

VARGAS, V. (2016). **Centro de Treinamento Paralímpico recebe delegação do atletismo pela primeira vez**. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/centro-de-treinamento-paralimpico-recebe-delegacao-do-atletismo-pela-primeira-vez>>. 06/06/2016. Acesso em: 13 jul. 2018.

VASCONCELOS, J. M. B.; CALIRI, M. H. L. Ações de enfermagem antes e após um protocolo de prevenção de lesões por pressão em terapia intensiva. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 01, 2017.

VENDAS DA PARALIMPÍADA ESTÃO EM 12%. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 11.

VERBA DA PARALIMPÍADA GARANTIDA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 ago. 2016. Caderno de Esportes, p. 15.

VÍTIMA OU VILÃO? REVIRAVOLTA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 set. 2014. Caderno de Esportes, p. 37.

VIVARTA, V. (org.). **Mídia e Deficiência**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Fundação Banco do Brasil, 2003.

WINNICK, J. P. **Introdução à educação física e esportes adaptados. In: Educação física e esportes adaptados.** Barueri, SP: Manole, 2004, p. 03-19.

APÊNDICE A – Tabela com informações dos artigos selecionados na primeira etapa da pesquisa

Autor (es)/ Ano	Objetivo (s)	Metodologia Sujeito (s)	Resultados
Marques et al. 2013	Investigar formas de relação entre a mídia e a divulgação e comercialização do movimento paralímpico brasileiro.	Análise do Discurso 04 Dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro	Os veículos de comunicação não tratam o esporte paralímpico como um fenômeno esportivo e sim, como um espaço de exposição e apresentação de pessoas que buscam se afirmar socialmente.
Marques et al. 2014	Investigar o ponto de vista de atletas paralímpicos brasileiros sobre a cobertura da mídia.	Análise do Discurso 23 Atletas com deficiência	A divulgação paralímpica é pequena, porém está em crescimento; os atletas dividem sua preferência entre a divulgação de feitos esportivos e a ideia de superação da deficiência.
Marques et al. 2015	Identificar as características e tendências da abordagem midiática ao movimento paralímpico.	Análise do Discurso 09 atletas portugueses	A divulgação paralímpica ainda é reduzida, tanto em Portugal como em outros países, porém encontra-se em crescimento; os atletas, na sua maioria, preferem a divulgação dos seus feitos desportivos em detrimento do discurso sensacionalista sobre a superação de dificuldades oriundas da condição de deficiência; o desporto paralímpico é desprestigiado em relação ao olímpico.
Poffo et al. 2017	Investigar a cobertura da Folha de São Paulo sobre os Jogos Paralímpicos de 1992 a 2012.	Edições impressas da Folha de São Paulo nos anos e períodos em que foram realizadas as edições dos Jogos Paralímpicos: 1992, 1996, 2000, 2004, 2008 e 2012.	A cobertura midiática em parte, “vitimizou” os atletas ao enfatizar fatos tristes de suas vidas associados às deficiências; reproduziu narrativas do <i>supercrip</i> , nas quais as notícias, ou parte delas, enfocaram histórias de superação de barreiras relacionadas com as deficiências dos atletas; noticiou fatos triviais sobre a vida dos atletas,

			como relacionamentos afetivos, questões familiares e financeiras.
Cardoso et al. 2018	Refletir a respeito da influência da mídia na criação e construção dos ídolos paralímpicos brasileiros desde os anos 2000 até os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016.	Revisão bibliográfica Bases de dados nacionais e internacionais, documentos institucionais e sites oficiais No período de 2000 a 2017.	A divulgação midiática do esporte paralímpico vem crescendo e a mídia influencia na construção de ídolos paralímpicos e como se dá a renovação destes personagens.
Poffo et al. 2018	Analisar as características da cobertura dos Jogos Paralímpicos de Londres/2012 no portal de notícias globoesporte.com.	Análise de Conteúdo 254 notícias	Foco das reportagens na deficiência e nas dificuldades em detrimento das habilidades e capacidades esportivas.
Santos et al. 2018	Caracterizar a cobertura da Folha de São Paulo durante as edições dos Jogos Paralímpicos de 1992 a 2016.	Análise de Conteúdo Edições impressas da Folha de São Paulo nos anos e períodos em que foram realizadas as edições dos Jogos Paralímpicos: 1992, 1996, 2000, 2004, 2008 e 2012.	Crescimento da cobertura jornalística do evento está relacionado com os investimentos do Comitê Paralímpico Brasileiro no sentido de promover o esporte paralímpico na mídia; maior destaque para atletas com deficiência física, modalidades de atletismo e natação.

APÊNDICE B – Quadro de terminologias encontradas nas reportagens analisadas

Terminologias	Frequência nas reportagens
Portador	23
peessoas com necessidades especiais/ pessoas especiais	6
Apelido Blade Runner	4
Apelido Michael Phelps Brasileiro	3
Apelido Tubarão das piscinas	3
lesões mínimas	3
campeã olímpica	2
superatleta	2
superheróis	2
superhumanos	2
visão normal/ perfeita	2
Apelido Arqueiro Sem Braço	1
Apelido Batman	1
Apelido Bolt Irlandês	1
Apelido Bolt Paralímpico	1
Apelido O novo blade runner	1
Apelido Rainha Paralímpica	1
Apelido Tubarão	1
acidentados do trânsito	1
bocha olímpica	1
campeã da solidariedade	1
ciclo olímpico	1
cidade olímpica	1
corredores sãs	1
deficiência física leve	1
deficiência mental	1
espírito olímpico	1
feitos incríveis	1
imperfeição humana	1
inspiração mundial	1
necessitados	1
paradisputas	1
paralimpo	1
pés convencionais	1
pouca deficiência motora	1
sambou sobre suas próteses	1
sem as duas pernas	1
sujeito carinhoso	1
superfavorito	1
torneio olímpico	1